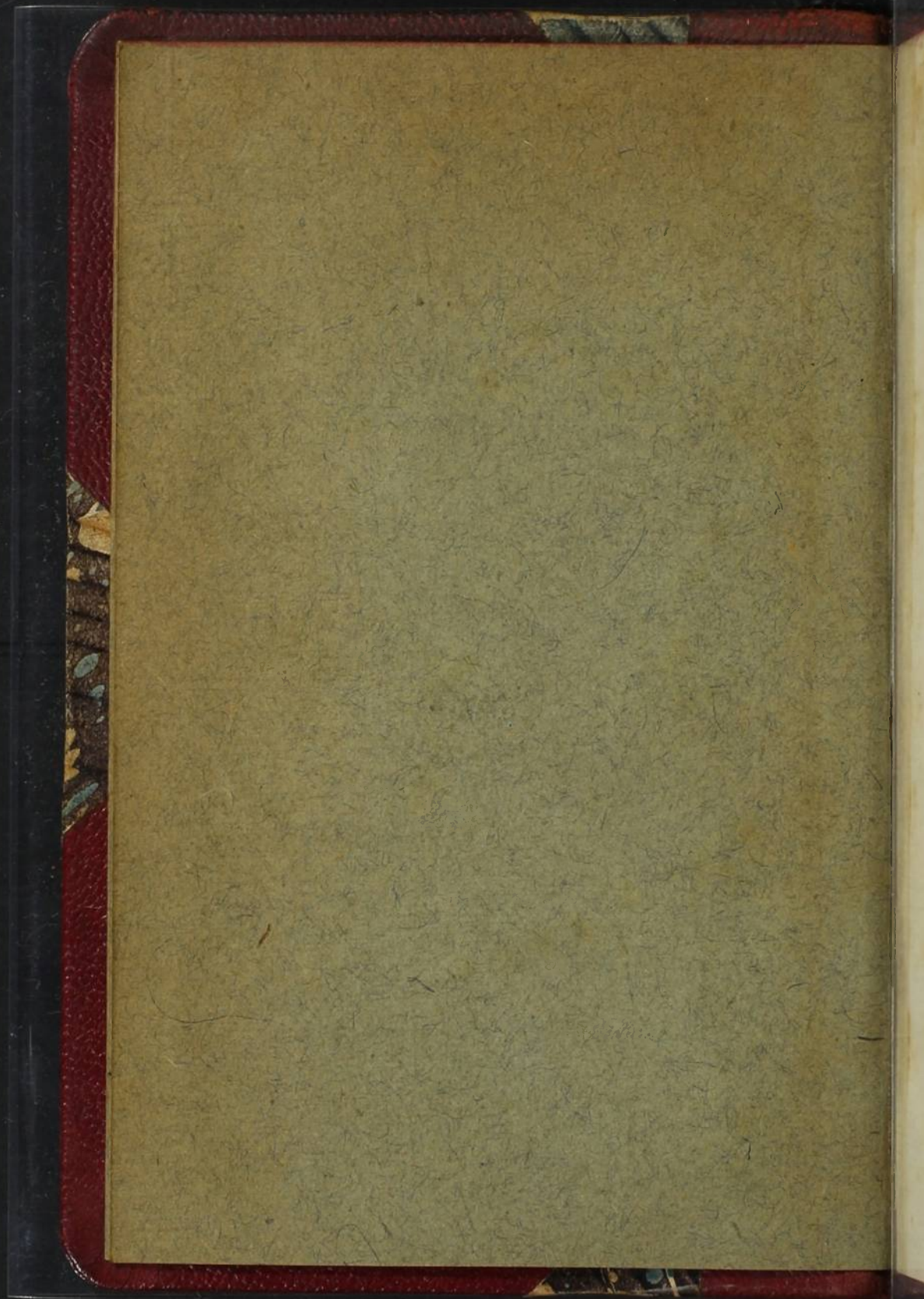


TYPOGRAPHIA, ENCADERNAÇÃO
E DOURAÇÃO

WERNER, LIMA & Cia.

R. Possidonio Ignacio, 4-A
S. PAULO



AVATAR.

Obras á venda nesta Livraria.

<i>Alfredo de Musset</i>	— Pedro e Camilla-Mimi Pinson	1 v.
—	— Contos.....	1 v.
—	— O Segredo de Javotte.....	1 v.
<i>Pires de Almeida</i>	— Martyres da Vida intima.....	1 v.
<i>Jorge Velho</i>	— Folhas silvestres.....	1 v.
<i>Alberic Second</i>	— A viscondessa Alice.....	2 v.
<i>Demophilo</i>	— Cathecismo Constitucional....	1 v.
<i>J. de Alencar</i>	— Til.....	4 v.
<i>Bern. Guimarães</i>	— O Indio Affonço.....	1 v.
<i>O. Feuillet</i>	— Julia.....	1 v.
<i>J. Sandeau</i>	— João de Thommeray.....	1 v.
<i>Fausto</i>	— Um casamento de tirar o chapéo	1 v.
—	— A Caça de um Baronato.....	1 v.
—	— Scenas da Vida Republicana..	1 v.
—	— Um Provinciano Ladino.....	1 v.
—	— Dois dias de felicid. e no campo	1 v.
<i>Kock Junior</i>	— Um marido por ump é de mta	1 v.
—	— O Pandego.....	1 v.
—	— O bom do Sr. Leitão.....	1 v.
—	— Contos jocosos.....	1 v.
<i>Augusto Em. Zaluar</i>	— Contos da Roça.....	2 v.
<i>A. Belot</i>	— A mulher de Fogo.....	2 v.
<i>A. Belot e J. Dautin</i>	— O Matricida.....	2 v.
—	— Dacolard e Lubin.....	2 v.
<i>E. Abou</i>	— O nariz de um Tabellião.....	1 v.
<i>A. Dumas Filho</i>	— O Homem-Mulher.....	1 v.
—	— Sophia Printemps.....	2 v.
<i>P. de Kock</i>	— Friquette.....	2 v.
—	— Memorias.....	2 v.
—	— A Casa Pardillon & C.....	2 v.
<i>A. Assolant</i>	— Confissão de um Badense....	1 v.
—	— O Doutor Judassohn... ..	1 v.
<i>E. Gaboriau</i>	— A Vida Infernal.....	6 v.
—	— A Corda na Garganta.....	5 v.
<i>Max-Valrei</i>	— Martha.....	3 v.
<i>P. Féval</i>	— O Sobrevivente	4 v.
<i>E. Feydeau</i>	— A Arte de Agradar.....	1 v.
<i>X. de Montépin</i>	— O Marido de Margarida.....	2 v.
—	— A Condessa de Nancey.....	2 v.
—	— O Amante de Alice	2 v.
—	— O Bigamo	4 v.
<i>Arséne Houssaye</i>	— Lucia	2 v.
<i>Ferraques & Bachaumont</i>	— Rolande.....	2 v.

THEOPHILO GAUTHIER

AVATAR

TRADUZIDO

POR

SALVADOR DE MENDONÇA

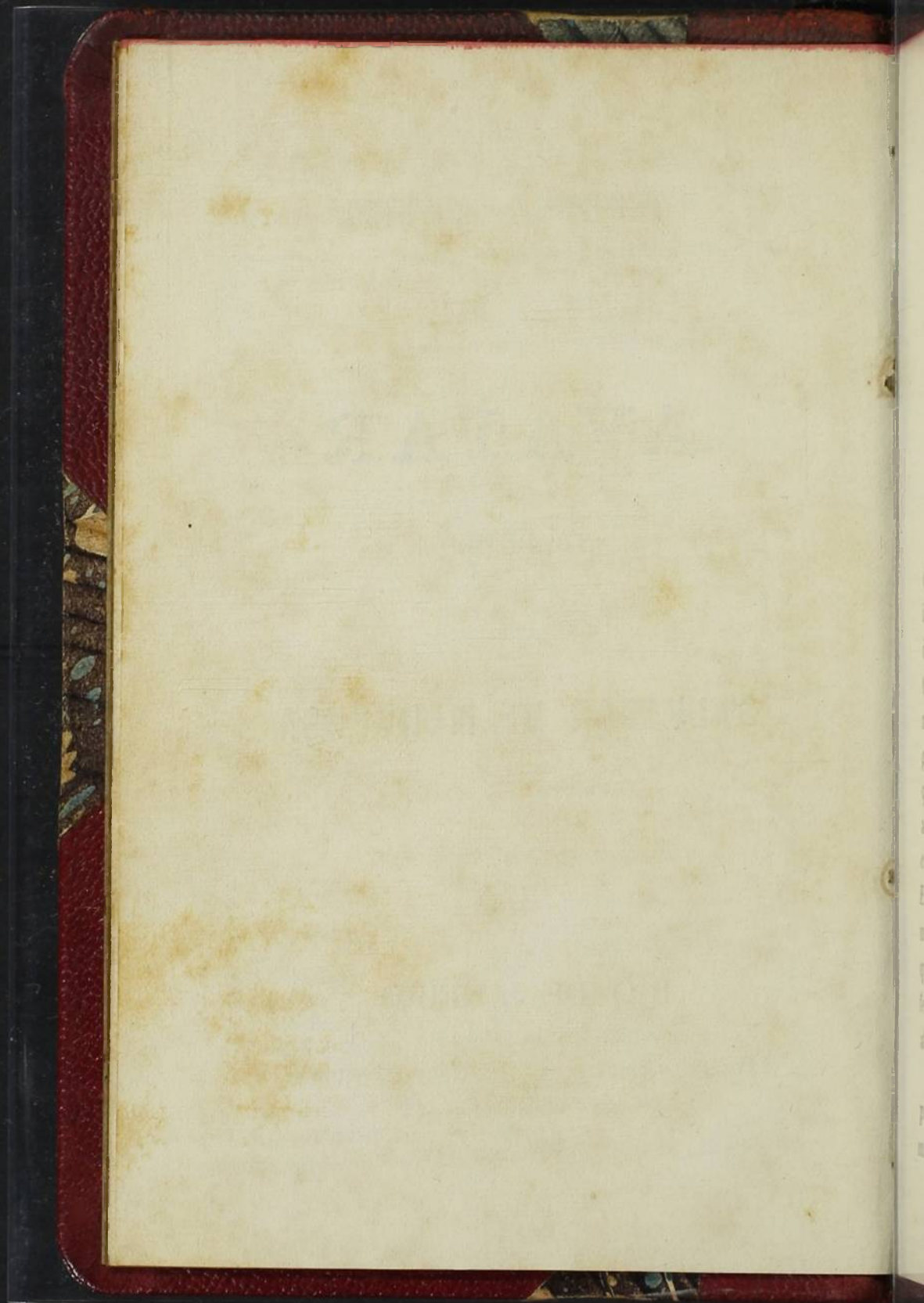
RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO - EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

69 Rua do Ouvidor, 69

1875



AVATAR

I

Não havia quem pudesse comprehender a molestia de que lentamente se finava Octavio de Saville. Não ia para a cama e continuava no seu modo ordinario de vida ; ninguem lhe ouvia uma queixa, e, no entanto, ia morrendo a olhos vistos. As investigações medicas, exigidas pela sollicitude de parentes e amigos, não descobriam precisamente um soffrimento qualquer, e a sciencia não encontrava nelle symptoma algum assustador : ao auscultarem-lhe o peito, o som correspondia aos melhores desejos e o fino ouvido de Esculapio mal sorprehendia um bater mais lento ou mais precipitado ; não tossia, não tinha febre, mas o que é certo, é que a vida lhe fugia por uma dessas fendas invisiveis, que existem no homem, segundo affirma Terencio.

Algumas vezes uma syncope imprevista tornava-o pallido e frio como o marmore. Durante um ou dous minutos podê-lo-iam tomar por morto ; depois a

pendula, detida por um dedo mysterioso, livre do obstaculo, recomeçava seu movimento, e Octavio parecia despertar de um sonho. Aconselharam-lhe banhos ; porém as nymphas thermaes nada adeantaram. Uma viagem a Napoles não produziu melhor resultado. Esse bello sol tão preconisado pareceu-lhe negro como o da gravura de Alberto Durer ; o morcego que traz escripta na aza a palavra — melancholia, com o dorso empoeirado turbava o puro azul do firmamento e vojava entre elle e a luz ; sentiu-se de gelo no cães da Margellina, onde os lazzaroni semi-nús cozem-se por gosto e dão á pelle a còr do bronze.

Por tudo isto voltára ao seu pequeno aposento da rua de S. Lazaro e de novo tomára, ao menos na apparencia, os habitos antigos.

Era este aposento mobiliado tão confortavelmente quanto o pôde ser um quarto de rapaz. Como, porém, o interior de uma casa vae tomando aos poucos a physiognomia e porventura o pensamento de quem o habita, o aposento de Octavio foi pouco a pouco definhando ; o damasco das cortinas empallidecêra e deixava apenas filtrar uma claridade ensombrada. Os magnificos ramalhetes de peonia murchavam no fundo menos alvo do tapete ; o ouro das molduras de algumas aquarellas e esboços de mestres haviam lentamente adquirido uma còr avermelhada, graças á acção implacavel da poeira ; o proprio fogo da la-

reiza ia-se apagando como por desanimo, e mal se erguia tenue fumo do meio das cinzas. O velho relogio de Boule incrustado de cobre, com filetes verdes, abafava o ruido do seu tic-tac e o soar das horas, languido e arrastado, fallava baixo como é de estylo na camara de um doente ; as portas fechavam-se em silencio e os passos de escassos visitantes amorteciam-se no corredor tapeçado ; o riso delinha-se por si mesmo ao penetrar nestas camaras silenciosas, tristes e soturnas, em que, entretanto, nada faltava do luxo moderno. João, o creado de Octavio, ahi se escoava como uma sombra, espanador embaixo do braço e bandeja na mão, porque, a seu turno abalado pela melancholia do logar, acabára por perder a natural loquacidade. Na parede estavam suspensos em trophéu floretes, mascaras e luvas ; era, porém, facil de vêr que de ha muito lhes não tocavam ; livros, tirados da estante e atirados com indifferença sobre todos os moveis, indicavam que Octavio intentára, com uma sorte de leitura machinal, fazer calar uma idéa fixa.

Uma carta principiada, cujo papel amarellecêra, parecia ha mezes esperar que a terminassem, e alli bem á mostra, no meio da secretaria, era como uma muda queixa. Apesar de habitado, o aposento parecia deserto. A vida por certo dahi se ausentára ; ao entrar recebia-se no rosto esse ar humido e gelido que sahe dos tumulos ao abri-los.

Nesta lugubre morada, que jámais vira a ponta de uma botina de mulher, Octavio achava-se mais a gosto do que em outra parte : é que lhe assentavam esse silencio, essa tristeza, esse isolamento ; o tumultuar da vida encommodava-o, postoque ás vezes se esforçasse para nelle tomar parte ; mas voltava mais cabisbaixo dos bailes mascarados, das partidas ou das ceias, a que o arrastavam os amigos ; já não lutava contra essa dor mysteriosa e deixava que corressem os dias com a indifferença de quem não contava com o dia de amanhã. Não formava nenhum projecto, por não acreditar mais no futuro, e tacitamente tinha enviado a Deos o seu pedido de demissão da vida, esperando que fosse deferido. E, no entanto, si estaes suppondo um rosto magro e abatido, uma côr macillenta, corpo debilitado, grande estrago na apparencia, enganaes-vos ; quando muito notar-se-iam pequenas olheiras sob as palpebras, alguns pontos amarellados em vólta da orbita e uma ligeira depressão nas fontes, sulcadas por veias azues. O olhar já não era espelho da alma, e bem se via que a vontade, a esperança e o desejo não brilhavam nelle. Num rosto juvenil este olhar amortecido formava singular contraste e produzia effeito mais doloroso que a feição descarnada apoz longo soffrimento, que servisse de moldura a dous olhos accesos pelo ardor da febre.

Octavio fôra, antes deste desfnhar, o que se chama

um lindo rapaz, e ainda o era : espessos cabellos negros, em bastos anneis, cahiam sedosos e luzidios, a cada lado da frente ; olhos rasgados, avelludados, azul-escuros, orlados de pestanas curvas, incendiavam-se ás vezes num lampejo de ternura ; no socego e quando nenhuma paixão os accendia, notava-se-lhes essa placida quietude que possuem os olhos dos filhos do Oriente, quando á porta de um café de Smyrna ou de Constantinopla fazem o kief, depois de haver fumado o seu *narguilhé*.

Nunca sua tez fôra rozada, antes se assimilhava a essa tez meridional e amorenada, que só á muita luz produz devido effeito ; tinha a mão fina e delicada, pé esguio e resaltado no peito. Sabia vestir-se, sem preceder a moda, nem acompanhá-la de mui longe, possuindo o raro talento de fazer sobresahir seus dotes naturaes. Não tendo pretensões a dandy ou a *gentleman rider*, si se apresentasse no Jockey-Club, não seria ao certo recusado.

Como era, pois, possivel que joven, bello, rico, com tantas rasões para ser feliz, este moço definhasse por tal fôrma ? Ides dizer que Octavio estava *blasé*, gasto, embotado, que os romances em voga lhe haviam turvado o cerebro com as suas idéas pestilenciaes, que era um sceptico, que de sua mocidade e sua fortuna, esbanjadas em loucas orgias, apenas lhe restavam dividas ; engano rematado ! Pouco assiduo frequentador dos praseres, Octavio não os pudéra

aborrecer ; não era nem spleenético, nem romanesco, nem atheu, nem libertino, nem dissipador ; até então passára a vida em estudos e distracções como passam-na os outros moços ; sentava-se demanhã nos bancos da Sorbofina, á noite montava guarda nas escadas da Opera para vêr despenhar-se a cascata dos toilettes.

Não tinha mulher de marmore nem duqueza e gastava as rendas sem que suas phantasias lhe fossem desfalcár o capital, — a prova é que o estimava o seu notario ; era rapaz mettido comsigo e tão incapaz de atirar-se aos gelos de Manfredo como de avivar o brazeiro de Escousse. Quanto á causa do singular estado em que se achava e que dava tratos á sciencia da faculdade, não ousamos dizê-la, por tal fórma é a cousa inverosimil em Paris, no seculo decimo nono, e confiamos ao nosso proprio heróe o cuidado de manifestá-la.

Os medicos como medicos não entendiam de molestia tão singular, porque não se tratou ainda de disseccar uma alma nas mezas da anatomia. Não houve remedio sinão recorrer em ultimo appello a um celebre doutor, que voltava da India, depois de lá ter estado por muito tempo, e que passava por autor de curas miraculosas.

Octavio, com receio de encontrar uma perspicacia em alto gráu, capaz de penetrar o seu segredo, parecia temer a visita do medico e só as reiteradas instan-

cias de sua mãe conseguiram que elle consentisse em que se chamasse o dr. Balthazar Cherbonneau.

Quando o doutor entrou, Octavio estava reclinado em um divan : uma almofada amparava-lhe a cabeça, noutra apoiava o cotovello, terceira cobria-lhe os pés ; uma *gandoura* envolvia-o em suas dobras finas e macias ; lia, ou melhor, tinha na mão um livro, pois que os olhos, parados e fixos em uma pagina, não viam. Tinha as faces pallidas, mas, como dissemos, não indicavam sensivel alteração. Um observador superficial não enxergára perigo algum no moço enfermo, juncto do qual, sobre um creado mudo, havia uma caixa de charutos em vez de garrafas, frascos, poções, tisanas e outros productos da pharmacopéa exigidos para o caso. O rosto sereno, posto que um tanto abatido, quasi nada perdêra de sua gentileza, e, excepção feita da atonia profunda e do incuravel amortecimento do olhar, Octavio parecia fruir soffrivel saúde.

Por mais indifferente que fosse Octavio, o aspecto singular do doutor impressionou-o. Balthazar Cherbonneau tinha ares de personagem escapado de um conto de Hoffmann, passeiando á luz da realidade, pasma de vêr esta criação extravagante. A cara, extremamente trigueira, era devorada por um craneo enorme, que a quêda dos cabellos tornava ainda mais vasto e espaçoso. Este craneo nú, luzente como o marfim, conservára a côr clara, emquanto que o

rosto, exposto ha mais tempo á accção dos raios do sol, revestira, graças ás superposições das camadas tismadoras, um todo de arvore velha ou retrato enfumaçado. As ligeiras ondulações, reentrancias e saliencias dos ossos eram tão vigorosamente accentuadas, que a pouquissima carne que os cobria dirse-hia, ao vêr as suas mil rugas de pergaminho velho, uma pelle apenas humedecida com que se houvesse coberto uma caveira. Os raros cabellos alvadios que ainda possuia na cabeça, divididos em tres miserias secções, duas das quaes plantadas sobre as orelhas e a terceira sahindo da nuca para morrer quasi na testa, abriam saudades dos mais ridiculos penteados das antigas e modernas éras e corôavam de modo grotesco esta physiognomia de quebra-nozes.

Mas o que no doutor punha em torturas a attenção eram os olhos ; no meio deste rosto tismado pela idade, calcinado pelos climas encandescentes, sovado pelo estudo, onde as fadigas da sciencia e da vida estavam estampadas em sulcos profundos, em radiantes pés de gallinha, em rugas mais unidas que as folhas de um volume não lido, brilhavam duas pupillas de um azul de turqueza, de tal limpidez, frescura e mocidade, que não fôra facil conceber. Estas estrellas azues luziam no fundo de orbitas amarelladas e de membranas concentricas, cujos circulos esbranquiçados recordavam vagamente as pen-

nas dispostas como aureola á roda da pupilla nyctalope das corujas e mochos.

Jurar-se-hia que, por alguma arte de magia, sabida dos brahmines e dos panditas, o doutor roubára olhos de uma creança e os encravára na sua cara de cadaver. No velho, o olhar tinha vinte annos; no moço, tinha sessenta.

O traje era o traje classico do medico: casaca e calças de fazenda preta, colete de seda da mesma côr e na camisa um soberbo brilhante, presente de algum rajah ou de algum nababo. Mas toda esta roupa fluctuava como si estivera dependurada a um cabide e desenhava grandes pregas perpendiculares, que os femures e as tibias do doutor quebravam em angulos agudos quando elle sentava-se. Para produzir esta magreza phenomenal não bastou por certo o sol devorador da India. E' que Balthazar Cherbouneau se submettêra, com algum fito de iniciação, aos longos jejuns dos fakires, e conservára-se na pelle de gazella juncto dos yoghis entre os quatro brazeiros ardentes; esta perda de substancia não accusava, porém, nenhum enfraquecimento. Ligamentos solidos e destendidos nas mãos, como cordas no braço de uma rabeca, uniam entre si os ossos descarnados das phalanges e os deixavam mover-se sem muito ruido.

O doutor sentou-se na cadeira que Octavio lhe designára com a mão, ao lado do divan, quebrando-

se em zig-zag como uma escala que se fecha, e com movimentos que indicavam habito inveterado de sentar-se no chão encruzando as pernas. Assim collocado, Cherbonneau dava costas á luz, que batia de chapa no rosto de seu doente, o que favorecia o exame, sendo a posição predilecta dos observadores, mais propensos a vêr do que a serem vistos. Postoque o rosto do medico estivesse na sombra e que o alto de seu craneo, luzidio e redondo como um gigante ovo de ema, interceptasse apenas na passagem um raio de luz, Octavio distinguia o scintillar das singulares pupillas azues, que pareciam dotadas de luz propria, como os corpos phosphorecentes : despediam raios agudos e tão penetrantes que bem de frente o doente recebia com esse abalo de excitação e calor que produz o emetico.

— Está bom, meu amigo, disse o doutor depois de um momento de silencio, durante o qual pareceu resumir os indicios colhidos na sua rapida inspecção, já vejo qué não se trata aqui de um caso ordinario de pathologia ; não é uma dessas molestias conhecidas, de symptomas certos e sabidos, que o medico cura quando não peiora ; depois de havermos conversado alguns minutos, não lhe pedirei um pedaço de papel para nelle traçar uma receita anodina do formulario, onde por baixo vá garatujar uma assignatura hieroglyphica, e que o seu creado tenha de levar á botica do canto.

Octavio sorriu apenas, como para agradecer a Cherbonneau tê-lo dispensado de tomar remedios inuteis e fastidiosos.

— Mas, continuou o doutor, não se vá alegrando com tamanha pressa ; si não tem hypertrophia do coração, tuberculos pulmonares, amollecimento da medula espinhal, derramamento seroso no cerebro, febre typhoide ou nervosa, não se segue que esteja de perfeita saude. Dê-me sua mão.

Julgando que Cherbonneau ia tomar-lhe o pulso e esperando já vê-lo de relógio na mão, Octavio regaçou a manga de sua *gandoura*, descobriu o pulso e estendeu-o machinalmente para o doutor. Sem procurar com o pollegar essa pulsação rapida ou lenta, que indica no homem si está ou não desconcertado o relógio da vida, Cherbonneau tomou na sua mão resiccada, cujos dedos ossudos pareciam unhas de caranguejo, a mão delicada, fina e macia do moço ; apalpou-a, apertou-a, cerrou-a, como si quizera pôr-se em communição magnetica com o objecto de suas investigações. Octavio, bem que não acreditasse na medicina, não podia furtar-se á certa emoção ou ancia, pois parecia-lhe que o doutor se identificava com a sua alma por meio dessa pressão, e o sangue sumira-se-lhe completamente das faces.

— Meu amigo, disse o medico largando-lhe a mão, o seu estado é mais grave do que pensa, e a sciencia, ao menos a da velha rotina européa, nada póde

fazer : o senhor não tem mais vontade de viver e sua alma desliga-se insensivelmente do corpo ; não soffre de hypocondria, lypomania ou tendencia melancolica para o suicidio. Não ! com o senhor dá-se um caso raro e curioso, porque podia, si eu não obstasse, morrer sem a menor lesão, que interior ou exteriormente se chegasse a conhecer. Já era tempo de chamar-me, por isso que o espirito apenas por um fio está ligado á materia ; vamos, porém, dar-lhe um nó cego.

E o doutor esfregou as mãos de contentamento, fazendo uma careta em vez de sorrir, o que occasionou uma revolução geral no systema de rugas do seu rosto de pergaminho.

—Sr. Cherbonneau, não sei si me conseguirá curar, e, demais, não tenho lá muito desejo disso, mas devo confessar que, logo á primeira vista, comprehendeu a causa do estado mysterioso em que me acho. Está me parecendo que meu corpo tornou-se permeavel e deixa escapar o meu *eu*, como um ralo dá passagem á agua pelos furos. Conheço que me vou aggregando ao todo donde sahi e já me custa a reconhecer-me na confusão em que me vou mergulhando.

A vida, cuja pantomima de costume desempenho como me é possivel, para não desgostar a meus parentes e amigos, creio que está tão longe de mim, que ha momentos em que me convenço de já não

pertencer á esphera humana : si ainda sei andar, é porque ainda actuum os habitos anteriores, cuja impulsão mechanica subsiste sem que eu disso seja participante. Sento-me á mesa ás horas do costume, parece que como e bebo, postoque não sinta gosto algum nos melhores pratos e nos vinhos mais generosos : a luz do sol parece-me embaciada como a da lua e a chamma das velas é negra. Sinto frio nos dias mais calmosos do estio : ás vezes percebo em mim um completo silencio, como si meu coração já não battesse e o machinismo interior fosse detido por uma causa desconhecida. A morte não deve ser differente deste estado, si é que ella póde ser julgada pelos mortos.

— O que o senhor tem, retorquiu o doutor, é uma impossibilidade chronica de viver, molestia puramente moral e mais frequente do que se pensa. A idéa é uma força que póde matar como o acido prussico, como a faisca da botelha de Leyde, postoque os vestigios da sua influencia perniciosa não sejam attingiveis aos fracos meios da analyse de que dispõe a sciencia vulgar. Que desgosto cravou-lhe no figado o bico adunco ? Do alto de que ambição secreta cahiu ferido e aniquilado ? Que acerbo desespero alimenta nessa sua immobilidade ? Será a sêde do poder que o atormenta ? Renunciou voluntariamente algum projecto que estivesse fóra do alcance humano ? E' muito moço para isso. Alguma mulher illudiu-o ?

— Não, doutor, respondeu Octavio, nem essa felicidade tive.

— Não obstante, accrescentou Balthazar Cheronneau, nos seus olhos languidos, no estado de desanimo de seu corpo, no timbre surdo de sua voz, leio o titulo de uma peça de Shakspeare, tão clara e distinctamente como si estivesse impresso em letras de ouro nas costas de um volume encadernado em marroquim.

— E qual é essa peça, que, sem saber, traduzo ? disse Octavio, cuja curiosidade despertava-se máu grado seu.

— *Love's labour's lost*, continuou o doutor com accento tão puro que estava mesmo trahindo a sua longa moradia nas possessões inglezas da India.

— Quer isto dizer, si me não engano, *perdidias penas de amor*.

— Exactamente.

Octavio não respondeu ; um leve rubor coloriu suas faces, e, para conservar-se senhor de si, poz-se a fazer gyrrar a borla do cordão da tunica : o medico cruzára as pernas, o que fazia o effeito dos dous ossos funerarios que se põem gravdos sobre os tumulos, e com uma das mãos segurava num pé, á maneira do Oriente. Seus olhos azues mergulhavam-se nos de Octavio e os interrogavam com ares tão imperiosos como supplices.

— Ora vamos, disse Balthazar Cherbonneau, abra-se comigo ; sou medico de almas, o senhor é meu doente e como o sacerdote catholico a um penitente, peço uma confissão em regra, e note que a pôde fazer sem ajoelhar-se.

— Para quê ? Suppondo mesmo que advinhasse a minha historia, contar-lhe os meus soffrimentos não as alliviará. O meu desgosto não dá para palrador. Poder algum no mundo, nem mesmo o seu, terá força bastante para curar-me.

— Talvez, disse o doutor installando-se melhor na cadeira, como quem se dispõe a ouvir uma confidencia de certa dimensão.

— Não quero, continuou Octavio, que me accuse de creança teimosa, nem desejo com o meu silencio facultar-lhe o meio de lavar as mãos a respeito da minha morte ; visto que insiste, vou contar-lhe a minha historia ; advinhou-lhe o fundo, não lhe recusarei os detalhes. Nada espere de extraordinario ou romanesco. E' uma aventura singela, commum, de todos os dias ; mas, como diz a canção de Henrique Heine, aquelle com quem ella se passa, acha-a sempre nova e afinal sahe-se com o coração ferido. Realmente tenho vergonha de contar uma cousa tão vulgar e sedição a um homem que viveu nos paizes mais cheios de fabulas e chimeras.

— Não tenha receio ; só o que é commum é que para mim é extraordinario, disse o medico sorrindo.

— Pois bem, doutor, sinto que o amor me vae matando.

II

— Estava eu em Florença no fim do estio, em 184..., a mais agradável estação para vêr Florença. Tinha tempo, dinheiro, boas cartas de recommendação, e então era eu rapaz de bom humor, bastando-me isso para divertir-me. Installei-me juncto ao Long Arno, tomei uma caleça e entreguei-me a essa bella vida florentina que tantos encantos possui para o estrangeiro. Demanhã ia visitar alguma igreja, um palacio ou uma galeria, muito a meu gosto e a meu vagar, não desejando tomar essa indigestão de obras primas, que na Italia produz nos touristas por demais activos nauseas de arte ; ora contemplava as portas de bronze do baptisterio, ora o Perseu de Benvenuto sob a loggia dei Lanzi, o retrato da Fornarina nos Officios ou a Venus de Canova no palacio Pitti, porém nunca mais de um objecto ao mesmo tempo.

Almoçava depois no hotel Doney a minha taça de café, fumava alguns charutos, percorria os jornaes, e, com a casa do botão carregada de flôres, por vontade ou por força, graças a essas lindas ramalleteiras com os seus grandes chapéus de palha, a estacionar mesmo defronte do café, voltava á casa para dormir a minha sésta ; ás tres horas vinha a caleça buscar-me

e levar-me a Cascines. Cascines é em Florença o que é em Paris o bosque de Bolonha, com a differença, porém, de que alli todos se conhecem e que a esplanada central constitue um salão ao ar livre, onde as poltronas são substituidas pelas carruagens, paradas e dispostas em semicirculo.

As senhoras, com ricos toilettes, reclinadas nos cochins, recebem visitas dos amantes e conhecidos, dos dandys e dos addidos de legação, que se conservam de pé e de chapéu na mão juncto do estribo. Mas sabe disto tanto como eu. Ahi se assentam projectos para a noite, marcam-se entrevistas, dão-se respostas, acceitam-se convites; é uma especie de Bolsa do prazer que funciona das tres ás cinco horas, á sombra de bellas arvores, sob o mais puro céu do mundo. E' obrigatorio, para que tudo esteja em seu lugar, apparecer cada dia uma vez em Cascines. Pela minha parte não tinha medo de faltar, e á noite, depois do jantar, ia a alguns salões ou a Pergola, quando a cantora valia a pena.

Assim passei um dos mais felizes mezes de minha vida; mas esta ventura não devia durar. Uma magnifica caleça estreou-se um dia em Cascines. Esse soberbo producto dos segeiros de Vienna, obra prima de Laurenzi, a brilhar com o verniz como um espelho, marcado com um brazão quasi real, era tirado pela mais linda parelha de cavallos que jámais pisaram em Hyde-Park ou em S. James no Drowing-

Room da rainha Victoria, e boleado a Daumont da maneira a mais correcta que dar se pôde por um galante jockey de calçolas de pelle branca e sobrecasaca verde ; os arreios primorosamente apparelhados, as extremidades dos eixos, os botões das portinholas brilhavam como si fossem de ouro e insultavam os raios do sol ; todos os olhos seguiam este esplendido trem, que, depois de haver descripto na areia uma curva tão regular que parecia traçada a compasso, foi tomar logar juncto dos mais.

A caleça não estava vasia, como bem poderá supôr ; mas na rapidez do movimento tinha-se apenas podido distinguir a ponta de uma botina que avançara até a almofada de deante, a ampla volta de um chale e o disco de um chapelinho de sol franjado de seda branca. O chapelinho fechou-se e viu-se resplandecer uma mulher de incomparavel belleza. Eu estava a cavallo e pude approximar-me bastante para não perder o menor detalhe desta perfeição humana. A estrangeira trajava um vestido desse verde-mar um tanto prateado que torna negra como uma topeira toda aquella que não possui uma tez sem senão — verdadeira ousadia da mulher loura que tem consciencia de si. Um véu branco da China, recamado de bordados da mesma côr, envolvia-a nas suas dobras delicadas e finas, como uma tunica de Phidias. O rosto tinha por aureola um chapéu da melhor palha de Florença, enfeitado com myosotis e lindas

plantas aquáticas de folhas estreitas e da mesma côr do vestido ; como unica joia, um lagarto de ouro cravejado de turquezas circulava o braço que segurava o punho de marfim do chapelinho de sol.

Perdõe, doutor, esta descripção de jornal de modas a um amante, para quem estas minimas recordações teem enorme importancia. Espessos bandós louros, ondeados, cujos anneis formavam como vagas de luz, desciam bastos e opulentos dos dous lados de sua fronte mais alva e mais pura que a neve virginal cahida á noite no mais alto cume dos Alpes ; cilios longos e separados como esses fios de ouro que os autores de miniaturas da idade média fazem irradiar em torno da cabeça aos seus anjos, encobriam a meio duas pupillas desse claro-azul que é semelhante a esses clarões que atravessam os gelos por certos effeitos da luz do sol ; uma bocca divinamente desenhada, mostrava esse toque purpurino, que dá côr á parte interna das orelhas de Venus, e faces que matariam de zelos as timidas rosas brancas, a quem a confissão do rouxinol ou o beijo da borboleta faria corar ; nenhum pincel humano pudera traduzir essa tez de uma suavidade, uma frescura e uma transparencia immateriaes, cujas côres não pareciam devidas ao sangue grosseiro que nos anima as fibras ; só os primeiros rubores da aurora nos cimos das *sierras nevadas*, o ligeiro corado de certas camelias brancas na extremidade das petalas, o marmore de

Paros entrevisto atravez de um véu de gaze côr de rosa, podem dar uma idéa incompleta dessas côres sublimes. O que se podia vêr do collo, entre as abas do chapéu e começo do chale, era de uma alvura completa com vagos reflexos de opala. Esta magnifica cabeça não attrahia a principio pelo desenho, mas sim pelo colorido, como as bellas producções da eschola veneziana, postoque fossem seus traços tão puros e delicados como os dos perfis antigos abertos na agatha dos camafeus.

Assim como Romeu esquece Rosalinda ao aspecto de Julieta, assim, á vista desta belleza suprema, esqueci os meus amores de outr'ora. As paginas do meu coração tornaram-se brancas : todos os nomes e recordações sumiram-se delle. Não comprehendia como eu tinha podido achar attractivos nesses laços vulgares, que poucos moços evitam e de que eu me arrependia como de culposas infidelidades. Uma vida inteiramente nova datou para mim deste fatal encontro.

A caleça deixou Cascines, tomou de novo o caminho da cidade, levando consigo a deslumbrante visão ; cheguei o meu cavallo para perto do de um joven russo mui tratavel, que eu conhecia de uma regata a que assistiramos, que tinha entrada em todos os salões cosmopolitas da Europa, e que era conhecido de todo o pessoal viajante de alta cathedonia ; fiz versar a conversação sobre a estrangeira,

e soube que era a condessa Prascovia Labinska, herdeira de uma illustre e oppulenta familia da Lithuania, e que seu marido commandava ha dous annos na guerra do Caucaso.

E' inutil dizer-lhe que diplomacias me foi preciso pôr em campo para ser admittido em casa da condessa, que a ausencia do conde tornava mui reservada em materia de apresentações ; em summa, fui admittido ; a antiga e reconhecida virtude de duas princezas viuvas e quatro baronezas macrobias respondia por mim.

A condessa Labinska alugára uma magnifica *villa*, que pertencêra outr'ora aos Salviani, a uma meia legua de Florença, e em poucos dias soubera alliar todo o confortavel moderno á antiga disposição da casa, sem perturbar-lhe em cousa alguma a belleza severa e a sobria elegancia. Grandes reposteiros com brazões pendiam com verdadeira harmonia das arcadas ogivae ; poltronas e moveis de fórma antiga harmonisavam-se perfeitamente com as paredes cobertas de entalhes e marchetadas de pinturas a fresco já um tanto apagadas, como as dos velhos pannos de raz ; nenhuma côr muito viva, nenhum dourado brilhante attrahiam a vista, e assim o presente não desdizia do passado. A condessa tinha de natureza um porte tão de castellã que o velho palacio parecia ter sido edificado para ella.

Si fiquei encantado pela radiante belleza da condessa, muito mais me tornei, depois de algumas visitas, pelo seu raro espirito e grande intelligencia ; quando fallava acerca de algum assumpto, que lhe interessava, parecia vir-lhe a alma aos labios e por assim dizer quasi se tornava visivel. Sua candura illuminava-se como por uma luz interior, qual o alabastro da alampada : havia na sua tez esse scintillar phosphorecente, esse broxolear luminoso de que falla Dante, quando pinta os esplendores do paraizo ; dir-se-hia um anjo destacando-se de um fundo allumiado pelo sol.

Ficava eu deslumbrado, extatico e estupido. Engolfado na contemplação de sua belleza, enlevado ao som de sua voz celeste, que de cada idioma fazia uma musica ineffavel, quando me era inteiramente preciso responder, balbuciava algumas palavras incoherentes, que deviam dar-lhe a mais triste idéa da minha intelligencia, e até algumas vezes um imperceptivel sorriso de amigavel ironia passava côr de rosa pelos seus labios encantadores, a certas phrazes minhas, que denotavam ou grande perturbação ou incuravel idiotismo.

Nada lhe havia ainda dito do meu amor ; ante ella fugiam-me pensamento, força, valor ; meu coração batia como si quizesse sahir do peito e atirar-se aos pés de sua dominadora. Vinte vezes d. cidira-me a explicar-me, mas invencivel timidez me retinha ; a

menor frieza ou reserva da condessa causava-me transe mortaes, só comparaveis aos do condemnado, que, com a cabeça no cepo, espera pelo machado que lh'a vae decepar. Contractões nervosas suffocavam-me e um suor de gelo banhava-me o corpo. Corava, empallidecia e sahia sempre sem nada lhe dizer, custando a achar a porta e cambaleando como um ebrio nos degraus da escada.

Apenas sahia, recobrava minhas faculdades e atirava ao vento os mais inflammados dithyrambos. Dirigia ao idolo ausente mil declarações de irresistivel eloquencia. Nestas apostrophes mudas elevava-me á altura dos grandes poetas do amor. O Cântico dos Cânticos de Salomão com o seu vertiginoso perfume oriental e seu lyrismo, respirando o haschich, os sonetos de Petrarca com as suas subtilezas platonicas e delicadezas ethereas, o Intermezzo de Henrique Heine com a sua sensibilidade nervosa e delirante, nem si quer se approximam dessas effusões d'alma inexgotaveis em que minha vida se consumia. Ao terminar cada um desses monologos, parecia-me que a condessa já vencida devia descer do céu ao meu coração, e mais de uma vez cruzei os braços sobre o peito, crendo apertá-la sobre elle.

Estava tão completamente possuido desta paixão que passava horas inteiras a murmurar, como si fôra uma ladainha de amor, estas duas palavras — Pras-

covia Labinska —, achando indefinivel encanto nestas syllabas, ora cahindo lentamente como perolas, ora ditas com a volubilidade febricitante do crente a quem a propria oração exalta. Outras vezes traçava o nome adorado sobre as mais bellas folhas de papel assetinado, junctando-lhe os primores calligraphicos dos manuscriptos da idade média, illuminuras douradas, florões azulados, ramagens de sinople. Empregava neste trabalho de apaixonada minuciosidade e perfeição pueril as longas horas que media-vam entre as minhas visitas á condessa. Eu não podia lêr, nem occupar-me no quer que fosse. Nada me interessava a não ser Prascovia e nem abria as cartas que recebia de Florença. Muita vez intentei sahir deste estado ; procurei lembrar-me dos axiomas de seducção em voga entre rapazes, os estratagemas empregados pelos Valmont do café de Paris e pelos Don Juan do Jockey-Club ; mas ao pô-los em pratica fallecia-me o animo e eu lamentava não ter, como o Juliano Sorel de Stendhal, um maço de cartas progressivas, uma guia dos namorados, para copiar e mandar á condessa. Contentava-me em amar, entregando-me em corpo e alma, sem pedir recompensa, sem esperança, ainda que remota, porque os meus sonhos mais ousados atreviam-se apenas a desflorar com os labios a ponta dos dedos rosados de Prascovia. No decimo quinto seculo, o moço professo com a fronte a tocar os degraus do altar, o cavalleiro

ajoelhado com a rija armadura, não deveram ter pela madona mais reverente adoração.

Balthazar Cherbonneau tinha prestado a Octavio a mais profunda atenção, pois para elle a narração do moço não era sómente uma historia romanesca.

— Sim, disse elle, como que fallando a si mesmo durante uma pausa do narrador, eis um verdadeiro diagnostico do amor-paixão, molestia curiosa e que eu só uma vez encontrei, — em Chandernagor —, em uma moça escrava, apaixonada por um brahmane ; é verdade que ella morreu — pobre rapariga ! — mas era uma selvagem ; cá o Sr., Sr. Octavio, é um homem civilisado, eu o curarei.

Fechando o seu parenthese , fez signal com a mão a de Saville que continuasse, e, pondo a perna sobre a coixa como a perna articulada de um gafanhoto, de modo a sustentar o queixo no joelho, conservou-se nesta posição impossivel para outro qualquer, mas que para elle parecia especialmente commoda.

— Não quero aborrecê-lo com os detalhes do meu martyrio secreto, continuou Octavio ; estamos na scena decisiva. Um dia não me sendo já possivel moderar meu impetuoso desejo de vêr a condessa, adeantei-me da hora de minha visita do costume ; a atmospherá estava carregada e tempestuosa. Não encontrei a condessa no salão. Ella estava debaixo de um portico sustentado por esbeltas columnas, dando para um terraço, do qual se descia para o

jardim ; ahi mandára pôr o seu piano, um canapé e eadeiras de junco ; jardineiras cobertas de ricas flores — em parte alguma são ellas tão lindas e odoríferas como em Florença — enchiam o intervallo das columnas e impregnavam com os seus perfumes o raro bafejar da briza que vinha do Apennino. Defronte, pela abertura das arcadas, viam-se os teixos e buxos aparados do jardim, donde se erguiam alguns cyprestes seculares, e que era povoado de marmores mythologicos no gosto um tanto rude de Baccio Bandinelli ou do Ammanato. No fundo, ácima dos tectos de Florença, arredondava-se e zimbório de Sancta Maria del Fiore e erguia-se a torre quadrada do Palazzo Vecchio.

A condessa estava só e reclinada no canapé de junco ; nunca me pareceu tão bella ; o talhe negligente, languido com a calma, banhava-se, como o de uma nympa marinha, na espuma branca de um amplo *peignoir* de cassa da India enfeitado de alto a baixo com uma guarnição de fousinhos, que similhavam o franjado de prata de uma vaga ; um *broche* de aço negro do Khorassan fechava no peito este vestido tão ligeiro como a roupagem que vòa em torno da Victoria atando a sandalia. Das mangas abertas desde a altura do cotovello, como pistilos do calice de uma flôr, sahiam os seus braços de còr mais pura que a do alabastro de que os estatuarios florentinos fazem cópias de estatuas antigas ; uma

larga fita preta atada á cintura, com as pontas cahidas, contrastava vigorosamente com toda esta alvura. O que este contraste de côres proprias de lucto pudera ter de triste, era desmentido pela ponta de uma pequena chinella circassiana, sem salto, de marroquim azul, estampada de arabescos amarellos, a qual sahia a medo por baixo da ultima dobra de cassa.

Os cabellos louros da condessa, cujos bandós, erguidos como que por um sopro da briza, descobriam a sua fronte pura, e assuas fontes quasi diaphanas formavam uma especie de aureola, onde a luz brincava em fagulhas douradas.

Perto della, em uma cadeira, movia-se ao vento um grande chapéu de palha de arroz, enfeitado com longas fitas pretas, eguaes á do vestido, e estava um par de luvas da Suecia que não tinha sido ainda calçado. Ao vêr-me, Prascovia fechou o livro que estava lendo — as poesias de Mickiewicz — e fez-me um pequeno signal de cabeça como acolhimento; ella estava só, — circumstancia favoravel e rara. Sentei-me defronte na cadeira que me designou. Um destes silencios encommodos quando se prolongam reinou alguns minutos entre nós. Não encontrava siquer uma dessas banalidades da conversação, que em taes momentos são verdadeiros auxilios; minha cabeça perturbava-se, vagos clarões subiam-me do coração aos

olhos e meu amor gritava-me aos ouvidos :— Não percas esta occasião suprema.

Não sei o que eu teria feito, si a condessa, advinhando a causa da minha perturbação, não se erguesse um pouco estendendo para mim a sua linda mão como para tapar-me a bocca.

— Não diga uma palavra, Octavio; ama-me, eu sei, sinto-o, creio-o; não lhe tenho por isso o menor desaffecto, porque o amor é involuntario. Outras mulheres mais severas mostrar-se-hiam offendidas; eu.... eu o lamento, porque o não posso amar, e é para mim uma afflicção ser a causa de seu infortunio.

Sinto que me tenha encontrado em seu caminho e maldigo o capricho que me fez trocar Veneza por Florença. Contava a principio que a minha persistente frieza acabaria por cançá-lo e arredá-lo de mim: mas o verdadeiro amor, cujos signaes leio todos em seu olhar, em nada encontra obstaculo. Não vá a minha brandura despertar-lhe illusões e sonhos: não tome a minha piedade por animação. Um archanjo com um escudo diamantino e uma espada de chammas me resguarda de seducção, melhor que a propria religião, melhor que o dever, melhor que a virtude, e... este anjo é o meu amor. Adoro o conde Labinski. Tive a felicidade de encontrar a verdadeira paixão no casamento.

Uma onda de lagrymas brotou-me dos olhos ao ouvir esta confissão tão franca, tão leal e tão nobremente pudica e senti que em mim se despedaçavam as molas da vida.

Prascovia, commovida, levantou-se, e, com um movimento de graciosa compaixão feminina, passou-me nos olhos o seu lenço de cambraia.

— Vamos, não chore, me disse ella, eu o prohibo. Procure pensar noutra cousa, supponha que eu parti para sempre daqui, que estou morta ; esqueça-me. Viaje, trabalhe, faça o bem que puder, tome uma parte activa na vida humana ; busque consolar-se numa arte ou num amor...

Fiz um gesto de denegação.

— Crê soffrer menos continuando a vêr-me ? retorquiu a condessa ; venha, hei de recebê-lo sempre. Deus diz que se deve perdoar aos inimigos ; porque tratar mal áquelles que nos amam ? Entretanto a ausencia parece-me remedio mais seguro. Dentro em dous annos poderemos apertar as mãos sem perigo.... para o Sr. — accrescentou ella tentando sorrir.

No dia seguinte deixei Florença ; mas nem o estudo, nem as viagens, nem o tempo, teem podido diminuir meu soffrimento, e eu me sinto morrer : não m'o impeça, doutor !

— Tornou a vêr a condessa Prascovia Labinska ? perguntou o doutor, cujos olhos azues brilhavam de um modo singular.

— Não, respondeu Octavio, mas ella está em Paris.

E mostrou a Balthazar Cherbonneau um cartão, no qual se lia :

« A condessa Prascovia Labinska está em casa na quinta-feira. »

III

Entre os passeiantes, bem raros então, que nos Campos Elyseos tomavam a avenida Gabriel, desde a embaixada ottomana até o palacio Bourbon, preferindo ao turbilhão empoeirado e ao elegante ruidar do grande passeio o isolamento, o silencio e a placida tranquillidade desta rua ladeada a uma parte de arvores e á outra de jardins, poucos havia que não parassem meditativos e com uma sorte de admiração misturada de inveja deante de uma poetica e mysteriosa habitação, onde, cousa rara, a felicidade parecia ser inquilino da riqueza.

A quem não terá succedido parar juncto á grade de um parque, contemplar por muito tempo a branca *villa* por entre as espessas moutas de verdura e afastar-se commovido, como si o sonho dourado de sua vida estivesse encerrado naquellas paredes? Outras habitações ao contrario, vistas assim de fóra, inspiram tristeza indefinida; o deleixo, a incuria, a desesperança imprimem na fachada do

edifício suas côres escuras e amarellecem as copas meio calvas das arvores ; as estatuas são cobertas como que de uma lepra de musgo, as flôres definham, a agua dos tanques torna-se verde, as hervas damninhas invadem os passeios apesar do hortelão ; os passaros, si os ha, emmudecem.

Os jardins da parte de baixo para a de cima da alameda prolongavam-se divididos em cintas mais ou menos largas ate os palacios, cujas fachadas davam sobre a rua do Faubourg-Saint-Honoré. Aquelle de que fallamos terminava juncto ao fosso em um atterro sustido por um paredão de grandes pedras, escolhidas segundo a curiosa irregularidade de sua fórmula, que, erguendo-se de cada lado á feição de bastidores, molduravam com a sua brusca aspereza e sombrios maciços a paizagem verde e risonha, apertada entre elles.

Nas anfractuosidades destas pedras o cacto espinhoso, o asclepiadeu encarnado, a herva de S. João, a saxifragia, as campainhas, o sayão, a lychnide dos Alpes, a hera da Irlanda encontravam bastante terra vegetal para alimentar suas raizes e destacavam as variadas côres verdes no fundo carregado da rocha : um pintor não houvera disposto, no primeiro plano de seu quadro, um melhor reposteiro, afim de tornar saliente o fundo.

Os muros lateraes , que fechavam este paraiso terrestre, desappareciam sob um cortinado de trepa-

deiras, aristolochias, martyrios azues, campainhas, madresylvas, gypsophilas, glycinas da China, periplocas da Grecia, cujas hastes, braços e caules enlaçavam-se, subiam, teciam um engradamento verde, porque a propria felicidade não quer estar preza, e graças a esta disposição o jardim mais se assemilhava a uma clareira do centro de uma floresta do que a um parque estreito e circumscripto pelos muros claustraes da civilisação.

Um pouco atraz das massas de granito levantavam-se alguns grupos de arvores esbeltas, frondentes e vigorosas, cuja folhagem contrastava entre si pittorescamente: gommas do Japão, tuyas do Canadá, platanos da Virginia, freixos verdes, salgueiros brancos, lodões de Provença, que dominavam dous ou tres larices.

Além das arvores estendia-se um arrelvado de *ray-grass*, onde não havia uma ponta de folha mais alta que outra, — um arrelvado mais lindo, mais sedoso que o velludo de um manto de rainha, da côr daquelle verde ideal de esmeralda que só se encontra na Inglaterra juncto ás entradas dos palacios feudaes, macio tapete natural proprio para ser gosado com os olhos e ante o qual os pés recuam com medo de pisá-lo, tapete vegetal em que de dia só tem licença de brincar ao sol a gazella domestica com o pequeno nêê ducal, com sua veste de rendas, e de noite passar á luz da lua alguma Titania do

West-End, com a mão entrelaçada na de algum Oberon inscripto no registro do pariato e da baronia.

Uma cinta de areia peneirada, pelo receio de que algum pedaço de concha ou algum angulo de silex ferisse os pés aristocraticos que nella imprimiam sua delicada fôrma, circulava como uma fita amarella em torno desta toalha verde, fina e espessa, egualada pela mão do jardineiro e da qual a fresca humidade era entretida pela chuva artificial do regador, ainda mesmo nos dias mais seccos do estio.

No fim do taboleiro de relva, na época em que se passa esta historia, abria-se um verdadeiro fogo de artificio de flores, formado por uma mouta de geranios, cujas estrellas escarlates chammejavam num fundo escuro do terreno alagadiço.

A elegante fachada do palacio fechava a paisagem ; esbeltas columnas de ordem jonica, sustentando o altico sobrecondecorado em cada angulo por um gracioso grupo de marmore, davam-lhe a apparencia de um templo grego para alli transportado pelo capricho de um millionario, e corrigiam, despertando idéas de poesia e arte, tudo quanto este laxo pudesse ter de muito faustoso ; nos intervallos das columnas cortinas listradas de largas cintas cõr de rosa, quasi sempre abaixadas, abrigavam e ao mesmo tempo trahiam a existencia dessas janellas que se abriam francas sob o portico como magnificas portas.

Quando o céu caprichoso de Paris dignava-se abrir um espaço azul por traz deste palazzino, desenhavam-se suas linhas com tanta felicidade entre as moultas de verdura, que bem podia ser tomado pelo ninho terrestre da rainha das fadas, ou por um quadro de Baron em ponto grande.

A cada lado do palacio prolongavam-se para o jardim, formando como duas azas, duas estufas, cujas paredes de crystal brilhavam ao sol, cercadas de filetes dourados, e conseguiam illudir a uma multidão de plantas exoticas as mais raras e mais preciosas, fazendo-lhes crer que estavam no seu paiz natal.

Si algum poeta matutino passase pela avenida Gabriel, aos primeiros albores da aurora, ouviria o rouxinol acabar os ultimos trinados do seu nocturno e veria o melro passeiar de chinellas amarellas na alameda do jardim como quem está em sua casa; á noite, porém, depois que o rodar dos carros que voltam da Opera se extingue no meio do silencio da vida adormecida, esse mesmo poeta houvera vagamente entrevisto uma sombra alvacenta pelo braço de um garboso moço, e recolher-se-hia á sua agua furtada solitaria traspassado de uma tristeza de morte.

Era ahi que habitavam ha algum tempo—já o leitor sem duvida o advinhou—a condessa Prascovia Labinska e seu marido o conde Olaf Labinski, de vólta da guerra do Caucaso depois de uma gloriosa campanha, em que, si não se havia batido corpo a

corpo com o mystico e inaccessible Schamyl, travara lucta renhida com os mais fanaticos mooridas, soldados do illustre scheyck. Evitára as balas como as costumam evitar os guerreiros esforçados, precipitando-se ao seu encontro, e os curvos alfanges damasquinos do povo selvagem se haviam quebrado em sua cota d'armas, sem ao menos molgá-la. O valor é uma couraça sem brecha. O conde Labinski dispunha desse valor quasi loucura, das raças slavas, que amam o perigo como perigo, e a quem se póde ainda applicar este estribilho de uma canção escandinava—«Matam, morrem e riem-se. »

Com que suprema felicidade se haviam tornado a vêr estes dous esposos, para quem o casamento era apenas a paixão permittida por Deos e pelos homens, só Thomaz Moore o pudera dizer no estylo do *Amor dos Anjos!* Fôra preciso que cada gota de tinta em nossa penna se transmudasse em gota de luz e que cada palavra se evaporasse no papel, despedindo chamma e perfume, como uma baga de incenso. Como pintar estas duas almas fundidas numa só e semelhantes a duas lagrymas de roscio, que, correndo por sobre uma petala de lyrio, encontram-se, reúnem-se, absorvem-se uma á outra e afinal formam uma unica perola ?

A felicidade é couza tão rara no mundo que o homem não tratou de inventar palavras para exprimi-la, emquanto que o vocabulario dos soffrimentos

moraes e physicos enche innumeras columnas no dictionario de todas as linguas.

Olaf e Prascovia amaram-se desde creanças; jámais seus corações bateram por outro nome; sabiam quasi desde o berço que se pertenceriam e o resto do mnndo não existia para elles; dir-se-hia que os pedaços do androgynes de Platão, que debalde se procuravam desde o divorcio primitivo, se haviam encontrado e reunido nelles; formavam essa dualidade da unidade que é o maior grão da harmonia, e, a par um do outro, caminhavam ou antes, voavam, ao atravessara vida, com vôo equal, equilibrado, pairando como duas pombas que o mesmo desejo chama, para nos servirmos da bella expressão do Dante.

Para que nada perturbasse essa felicidade, uma fortuna immensa cercava-a como de uma atmospheria de ouro. Desde que se apresentava este casal feliz, a miseria consolada despia os andrajos, as lagrymas seccavam-se, porque Olaf e Prascovia tinham o nobre egoismo da felicidade: não podiam entrever na orbita do seu propicio viver uma unica dor.

Depois que o polytheismo levou comsigo esses moços deuses, esses genios risonhos, esses ephebos celestes de fórmias tão absolutamente perfeitas, de rhythmo tão harmonioso, de tão puro ideal, e que a Grecia antiga já não canta o hymno da belleza em estrophes de Paros, o homem tem abusado

cruelmente da permissão que lhe deram de ser feio, e, postoque feito á imagem e semelhança de Deus, anda-o representando muito mal. O conde Labinski, porém, não se havia aproveitado desta licença ; o oval um tanto alongado de seu rosto, o nariz fino, perfeitamente talhado, a bocca firmemente traçada, muito bem accentuada por um bigode louro, fino para as pontas, o queixo um tanto saliente e marcado por uma covasinha no meio, os olhos negros —extranha singularidade, graciosa inconsequencia —tornavam-no semelhante a um desses anjos guerreiros, S. Miguel, ou Raphael, que combatem o demonio revestidos de armaduras de ouro.

Fôra demasiadamente bello sem o aspecto varonil de suas sombrias pupillas e a tez tostada pelo sol ardente da Asia.

O conde era de estatura mediana, magro, esbelto, musculoso, cobrindo nervos de aço sob uma apparente delicadeza; quando em algum baile de embaixada, trajava as suas vestes de magnate, entretecidas de ouro, cobertas de diamantes, adornadas de perolas, passava por meio dos grupos como appareção encantada, excitando o ciúme dos homens e o amor das mulheres, que Prascovia tornava-lhe indifferentes.

Não accrescentaremos que o conde possuia dons de espirito eguaes aos do corpo ; fôra largamente aquinhoado no berço pelas fadas propicias e a feiti-

ceira maldita que tudo estraga mostrára-se de bom humor nesse dia.

E' facil comprehender que, com tal rival Octavio de Saville tinha mui poucas probabilidades de bom exito e que fazia muito bem em deixar-se tranquillamente morrer sobre as almofadas do seu divan, apezar da esperanza que procurava despertar-lhe no coração o phantastico doutor Balthazar Cherbonneau. Esquecer Prascovia fôra o unico meio, mas esse era um impossivel ; tornar a vê-la—de que lhe servira ? Octavio sabia que a resolução da moça jámais se desmentiria na sua terna implacabilidade, na sua frieza compassiva. Tinha medo que as suas feridas ainda não cicatrizadas se abrissem de novo e sangrassem deante daquella que o matára involuntariamente, e elle não desejava accusar a sua adorada assassina !

IV

Dous annos haviam decorrido desde o dia em que a condessa Labinska detivera nos labios de Octavio a declaração de amor que não devia ouvir; Octavio, inteiramente desilludido, partira, levando no coração o germen de morte e não dera novas suas á Prascovia. A unica palavra que pudera escrever era precisamente a unica que lhe fôra prohibida. Mais de uma vez, porém, a mente assustada da condessa, em face deste silencio, voltára-se melancholica para

o seu desventurado amante. Tê-la-hia esquecido? Na sua quasi abstenção de *coquetismo*, de amor ao galanteio, desejava-o sem ter disso consciencia, porque a chamma inextinguivel da paixão accendia os olhos de Octavio, e a condessa não se enganará. O amor e os deuses conhecem-se pelo olhar. Esta idéa passava como uma pequena nuvem pelo limpido horizonte de sua felicidade e inspirava-lhe essa suave tristeza dos anjos que no céu recordam-se da terra; sua alma encantadora soffria por vêr no mundo alguém que era desditoso por sua causa; mas em que pôde valer a estrella de ouro scintillando no mais alto do firmamento ao obscuro pastor que para ella ergueu as suas vistas? Nos tempos mythologicos, Phebo desceu muito bem dos céus em raios de prata a affagar o somno de Endymião; verdade é que não era casada com um conde polaco.

Apenas chegára a Pariz, a condessa Labinska enviára a Octavio esse convite banal, que o doutor Balthazar Cherbonneau volvia e revolvía distrahi-damente entre os dedos, e como o não visse apparecer, conforme desejava, dissera a si proprio com transporte de involuntario jubilo:—Ainda me ama! Era entretanto uma mulher de angelica pureza, casta como a neve do ultimo pincaro do Himalaya.

Mas o proprio Deus, no seio do infinito, não tem para distrahir-se do tedio das eternidades sinão o

prazer do ouvir palpitar por elle o coração da misera e mesquinha creatura que habita um pequenino globo, perdido na immensidade. Prascovia não era mais severa que Deus e o conde Olaf não pudera queixar-se dessa delicada voluptuosidade d'alma.

— Sua narração, a que dei toda attenção, disse a Octavio o doutor, prova-me que toda esperanza de sua parte não passaria de uma chimera. Estou certo de que a condessa jámais partilhará seu affecto.

— Bem vê, Sr. Cherbonneau, que eu tinha rasão de sobra para não procurar reter a vida que me escapa.

— Já disse que não se devia nutrir esperanza alguma pelos meios ordinarios, continuou o doutor ; existem, porém, potencias occultas, inteiramente desconhecidas á sciencia moderna, mas cuja tradição se ha conservado nos paizes estrangeiros, denominados barbaros por uma civilisação ignorante. Ahi, na primeira infancia do mundo, o genero humano, em contacto immediato com as forças vivas da natureza, estava de posse de segredos, que se crêem perdidos e que não trouxeram nas suas migrações as tribus que mais tarde formaram os povos. Estes segredos foram a principio transmittidos de iniciado a iniciado, nos logares mais reconditos e mysteriosos dos templos, depois escriptos em idiomas sagrados, incompreensiveis para o vulgo e gravados nas taboas de hieroglyphos das paredes das cryptas de

Ellora ; ainda poderá vêr sobre as cabeças do monte Merou, de onde se desprende o Ganges, no sopé da escadaria de marmore branco de Benares — a cidade sancta, no fundo das ruinas dos pagodes de Ceylão, alguns brahmanes seculares folheando manuscriptos desconhecidos, alguns yoghis occupados em repetir o inefavel monosyllabo *om* sem dar fé ao menos de que as avesinhas do céu fazem-lhes ninhos nos cabellos, alguns fakires, cujos hombros teem as cicatrizes da forquilha de Jaggernat, e que conhecem estes perdidos arcanos, de que tiram resultados maravilhosos, quando delles se servem. A nossa Europa, completamente preoccupada com os interesses materiaes, não pôde siquer avaliar o alto gráu de espiritalismo a que chegaram os penitentes da India: jejuns absolutos, meditações de inacreditavel fixidez, posições impossiveis conservadas durante annos inteiros, por tal fórma vão matando o corpo, que dir-se-hia, ao vê-los agachados sob a acção de um sol abrasador, entre brazeiros ardentes, deixando as unhas crescerem a ponto de atravessarem-lhes as palmas das mãos, serem mumias egypcias tiradas dos sarcophagos e dobradas em attitudes de macacos ; o involucro humano não passa de uma chrysalida, que a alma, borboleta immortal, pôde abandonar ou occupar de novo ad libitum. Ao passo que o despresivel despojo permanece alli, mudo, inerte, horrivel de vêr, como uma larva nocturna sorpre-

hendida pelo dia, seu espirito, livre de todos os laços, arremeça-se, nas azas da hallucinação, a incalculaveis alturas, aos mundos sobrenaturaes.

Passam-lhes na mente visões e sonhos estranhos; seguem de extasi em extasi o ondular das edades que desappareceram no oceano da eternidade; percorrem de todos os modos o infinito, assistem á criação dos universos, ao Genesis dos deuses e suas metamorphoses; teem idéa das sciencias que se abysmaram nos cataclysmos plutonianos e diluvianos, dos conhecimentos olvidados do homem e dos elementos.

Neste estado singular escapam-lhes palavras que pertenceram a linguas que nenhum povo falla ha milhares de annos na face do globo, acham o verbo primordial, o verbo que fez irromper a luz das primitivas trévas: tomam-nos por idiotas e são quasi deuses!

Este preambulo extravagante excitava ao ultimo ponto a attenção de Octavio, que, não sabendo onde Balthazar Cherbonneau queria ir ter, fixava nelle os olhos espantados e prenhes de interrogações: não advinhava que relação podia haver entre os brahmanes da India e o seu amor pela condessa Prascovia Labinska.

O doutor, lendo o pensamento de Octavio, fez-lhe com a mão um signal, como para prevenir suas perguntas.

— Espere um pouco, meu charo doente, disse elle; vae já vêr que não fiz uma digressão inutil. Cançado de interrogar com o escalpelo, na mesa dos hospitaes, cadaveres que me não respondiam e me mostravam a morte, quando eu procurava a vida, assentei em um projecto — projecto tão ousado como o de Prometheu escalando o céu para roubar o fogo sagrado — o de apanhar e sorprehender a alma, analysal-a, e, para assim dizer, diseccá-la; dei de mão ao effeito pela causa e concebi um desdem profundo pela sciencia materialista, cuja nullidade estava para mim provada.

Fazer um ponto de apoio nessas formas vagas, nessas reuniões fortuitas de moleculas que um momento bastava para corrompê-las, parecia-me obra de crasso empirismo. Procurei por meio do magnetismo affrouxar os laços que encaieiavam o espirito ao seu involucro; bem depressa excedi Mesmer, Deslon, Maxwel, Puységur, Deleuse e os mais habéis spiritualistas, com as minhas experiencias em verdade prodigiosas, mas que ainda não me satisfaziam; a catalepsia, o somnambulismo, o vêr em logares remotos o que se passa, a lucidez estatica, a meu arbitrio consegui jogar com todos estes effeitos inexplicaveis para o vulgo, mas para mim simples e comprehensíveis. Subi mais alto: do encantamento de Cardan e de S. Thomaz de Aquino passei ás crises nervosas das Pythonissas; desnudei

os arcanos dos Eoptes gregos e dos Nebüm hebreus, iniciei-me retrospectivamente nos mysterios de Trophonio e Esculapio, enxergando sempre nas maravilhas que delles se contam uma concentração ou uma expansão da alma provocada quer pelo gosto, quer pelo olhar, quer pela palavra, quer pela vontade ou outro qualquer agente desconhecido. Reproduzi um por um todos os milagres de Apollonio Thyaneu. No entanto meu ideal scientifico não se havia ainda realizado : a alma escapava-me sempre; presentia-a, ouvia-a, tinha acção sobre ella ; entorpecia ou excitava suas faculdades ; mas entre mim e ella existia um véu de carne que não podia levantar sem que ella me fugisse ; assimilhava-me ao caçador que, tendo no laço um passaro já seguro, não se atreve a desarmá-lo, com medo de vêr a sua presa alada perder-se nos ares.

Parti para a India, contando decifrar a palavra do inigma nesse paiz da antiga sabedoria. Estudei o sanscripto e o pracrito, os idiomas scientificos e populares : pude tratar com os pandistas e os brahmanes. Atravessei as terras em que rosna o tigre com a cabeça deitada sobre as patas ; passei á margem das lagôas sanctas cobertas pelos dorsos dos crocodilos; rompi por florestas impenetraveis tecidas de cipós, levantando a meus passos nuvens de morcegos e macacos, encontrando-me cara á cara com o elephante, ao voltar dos *carreiros*,

feitos pelas feras para ir ter á cabana de algum yoghi, conhecido pelo seu trato com os Mounis, e assentei-me dias inteiros juncto delle, partilhando sua pelle de gazella para observar os vagos encantamentos murmurados pelo extasi nos seus labios negros e gretados. De tal arte apoderei-me de palavras omnipotentes, de formulas evocadoras, de syllabas do Verbo creador.

Estudei as esculpturas symbolicas nas quadras interiores dos pagodes ainda não vistas por olhos profanos e onde só uma veste de brahmane nos permittia entrar; li muitos mysterios cosmogonicos, muitas legendas de civilisações extinctas; descobri o sentido dos emblemas que teem nas mãos multipas esses deuses hybridos e carregados de accessorios e viço, como a natureza da India; meditei sobre o circulo de Brama, o lotus de Wishnou, o *cobra-capello* de Shiva, o deus azul. Ganesa, alongando a sua longa tromba de pachyderma e piscando os pequenos olhos franjados de longos cilios, parecia sorrir aos meus esforços e animar-me nas minhas indagações. Todas estas figuras monstruosas diziam-me na sua lingua de pedra: — Não passamos de fôrmas, o espirito é que agita a materia.

Um sacerdote do templo de Tirounamalay, a quem communiquei a idéa que me preocupava, indicou-me, como chegado ao mais alto gráu de sublimidade, um penitente que habitava uma das

grutas da ilha de Elephanta. Fui encontrá-lo, encostado á parede da caverna, envolto n'um pedaço de esparteria, com o queixo nos joelhos, os dedos entrelaçados sobre as pernas, em um estado de completa immobildade; os olhos virados deixavam apenas vêr o branco, os beiços repuxados apertavam os dentes encarnados; a pelle, ennegrecida por incrível magreza, adheria ás maçãs do rosto; os cabellos, atirados para traz, cahiam em melenas hirtas como filamentos de plantas do viso de uma rocha; a barba, dividida ao meio, quasi varria o chão, e as unhas eram curvas como garras de aguia.

O sol havia-o resiccado e queimado de modo que sua pelle de indio, naturalmente morena, tomára a côr do basalto; nessa posição. por sua fórmula e côr, mais se parecia com um vaso canopico do que com uma figura humana.

A' primeira vista julguei-o morto. Sacudi-lhe os braços como que anquilosados por uma rigidez cataleptica, gritei-lhe aos ouvidos, no tom mais alto que me foi possível, as palavras sacramentaes que deviam dar-me a conhecer como iniciado; não se mecheu, suas palpebras conservaram-se immoveis. Já me dispunha a sahir, sem esperança de obter cousa alguma, quando ouvi um estalido singular; uma chammazinha azulada passou ante meus olhos com a rapidez fulgurante de uma faisca electrica, pairou um instante sobre os beiços entreabertos

do penitente e desapareceu. Brahma-Logum (era este o nome do sancto personagem) pareceu despertar de uma lethargia : as pupillas volveram ao seu logar ; encarou-me com olhar humano e respondeu às minhas perguntas :

« Pois bem, estão satisfeitos os teus desejos : viste uma alma. Cheguei a conseguir desligar a minha alma do meu corpo quando quero ; sahe e entra como uma abelha luminosa, só perceptivel aos olhos dos adeptos. Tanto jejeui, tanto resei, tanto meditei, com tanto rigor macerei meu corpo, que pude desatar os laços terrenos que a prendem e que Wishnou, o deus das dez incarnações, revelou-me a palavra mysteriosa que a dirige em seus *avatars*, em suas differentes fórmas. Si, depois de ter feito os gestos consagrados, eu pronunciar essa palavra, a tua alma voará a animar o homem ou o animal que eu lhe designar. Lego-te este segredo, que de presente só eu possuo no mundo. Estimo que tenhas apparecido, pois que já me tarda desaparecer no seio do increado, como uma gota de agua no oceano. »

E o penitente segredou-me aos ouvidos com voz fraca, como o derradeiro estertor do moribundo, mas no entanto ainda distincta, algumas syllabas que fizeram correr-me pela medula espinhal esse arrepio gelido de que falla Job.

— O que quer dizer, doutor ? exclamou Octavio ;

não me atrevo a sondar a medonha profundidade de seu pensamento.

— Quero dizer, respondeu tranquillamente Balthazar Cherbonneau, que não esqueci a formula magica do meu amigo Brahma-Logum e que a condessa Prascovia teria demasiada penetração si conseguisse reconhecer a alma de Octavio de Saville no corpo de Olaf Labinski.

V

A reputação do doutor Balthazar Cherbonneau como medico e como thaumaturgo começava de espalhar-se em Paris ; suas singularidades, simuladas ou reaes, tornaram-no da moda.

Longe, porém, de arranjar clinica, como se diz, quasi que obrigava os doentes a ir bater á outra porta, fechando-lhes a sua ou fazendo-lhes prescrições extravagantes e receitando impossiveis. Apenas prestava attenção aos casos em que não havia esperanza de cura, remetendo para os collegas com soberano desdem as constipações vulgares, as enteritis banaes e as burguezas febres typhoides, realizando nas occasiões supremas curativos realmente incriveis.

De pé juncto ao leito, fazia passes magicos sobre um copo d'agua, e corpos já frios e enteiriçados, ao serem encerrados no caixão, depois de receberem

na bocca algumas gotas do liquido, que ahi penetra apesar dos queixos cerrados pela agonia, recobravam as forças da vida, as côres da saude e sentavam-se na cama, lançando em volta de si olhares já acostumados ás sombras do sepulchro. Chamavam-no por isso o medico dos mortos e o resurreccionista. Nem sempre queria operar taes curas e muitas vezes recusava sommas exorbitantes que lhe offereciam opulentos moribundos.

Para que elle se decidisse a luctar com a destruição era preciso que se commovesse com a dôr de uma mãe que implorava a salvação de seu unico filho, com a desesperação de um amante que pedia a vida de sua amante adorada, ou que julgasse proficua a existencia em perigo, quer á poesia, quer á sciencia, quer ao progresso do genero humano.

Dest'arte salvou uma encantadora creancinha cuja garganta fôra apertada pelos ferreos dedos do crup, uma linda moça phthisica no ultimo gráu, um poeta victima do *delirium tremens* e um inventor atacado de congestão cerebral e que ia esconder o segredo de sua descoberta debaixo de alguns punhados de terra.

Fôra disto dizia que não se devia contrariar a natureza, que certas mortes tinham sua razão de ser, e nestes casos, impedi-las fôra desconcertar alguma cousa na ordem universal.

E' bem claro e manifesto que Balthazar Cherbonneau era o doutor mais paradoxal do mundo e que trouxera da India a mais completa excentricidade ; sua fama, porém, de magnetizador era ainda maior do que a de medico ; dera deante de um limitado e escolhido numero de pessoas algumas sessões, sobre que se espalhavam maravilhas capazes de perturbar todas as noções do possivel ou do impossivel e que excediam em muito os prodigios de Cagliostro.

O doutor habitava o andar terreo de um velho palacio na rua do Regard, um vasto e extensissimo aposento, como outr'ora se edificava, cujas altas janellas diziam para um jardim coberto de grandes arvores de troncos negros e esguia folhagem verde.

Postoque reinasse estio, apparatus caloriferos sopravam pelas boccas engradadas de latão trombas de ar ardente nas vastas salas e conservavam a sua temperatura a trinta e cinco ou quarenta grãos de calor, porque Balthazar Cherbonneau, habituado ao clima encandescente da India, tremia de frio sob os raios do nosso pallido sol, como o viajante, que, voltando da nascença do Nilo Azul na Africa central, batia o queixo no Cairo e só sahia á rua em carro fechado, encafuado em uma pellissa de rapoza azul da Siberia e com os pés em cima de uma machina sudorifica de folha de Flandres cheia de agua quente.

Como mobilia destas salas não havia outros moveis mais que divans rasos, forrados de estofos malabares recamados de elephantes chimericos e aves fabulosas, consolos baixos, pintados e dourados com barbarica simplicidade pelos naturaes de Ceylão, e vasos do Japão cheios de flores exoticas; estendia-se no chão, de um extremo a outro do aposento, um desses funebres tapetes de ramagens pretas e brancas que são tecidos pelos Thuggs quando estão presos, e dos quaes a trama parece manufacturada com o canhamo de suas cordas de estranguladores; alguns idolos indiaticos de marmore ou de bronze, de olhos em fórmula de amendoas, narizes carregados de aneis, beiços grossos e risonhos, collares de perolas descendo até o umbigo, arrecadas e insignias extravagantes e mysteriosas, cruzavam as pernas em cima de peanhas collocadas nos angulos da sala.

A's paredes estavam suspensos quadros de pinturas á tempera, trabalho de algum pintor de Calcutá ou de Lucknow, representando os nove *avatares* já cumpridos de Wishnou, em peixe, em tartaruga, em porco, em leão com cabeça humana, em anão brahmane, em Rama, em heróe combatendo com o gigante de mil braços Cartasuciriargunen, em Kitsna — o menino prodigioso em quem os sonhadores vêem o Christo indiatico, em Bouddha—o adorador do grande deus Mahadevi, e

finalmente mostrando-o adormecido no meio do mar lacteo, em cima da serpente de cinco cabeças que lhe servem de docel, esperando o momento de tomar, como derradeira encarnação, a fórma do cavallo branco alado, que, ao deixar cahir um dos cascos sobre a terra, deve annunciar o fim do mundo.

Na sala do fundo, ainda mais intensamente aquecida que as outras, conservava-se Balthazar Cherbonneau cercado de livros sanscritos, traçados a buril sobre finas taboas furadas e reunidas por um cordão de modo que mais pareciam persianas que volumes de leitura, conforme os conhece a livraria européa.

Um apparelho electrico, com sua pilha cheia de palhetas de ouro e discos de vidro tocados por manivellas, erguia-se curioso e complicado no meio da camara, ao lado de um vaso mesmerico onde estava mergulhada uma haste de metal, de que partiam como raios numerosos braços de ferro.

Cherbonneau nada tinha de charlatão e desprezava o *mise-en-scène*, mas no entanto fôra difficil penetrar neste singular recinto sem experimentar parte da impressão que deviam outr'ora causar os laboratorios de alchimia.

O conde Olaf Labisnski ouvira fallar dos prodigios realizados pelo doutor e sua curiosidade um tanto credula ou supersticiosa se tinha despertado.

As raças slavas teem natural propensão para o maravilhoso, propensão que nem sempre se desfaz ante a mais desvelada educação ; de mais a mais, testemunhas dignas de toda a fé, que tinham assistido ás sessões, contavam cousas que se não podem crêr sem as ter visto, por maior que seja o credito em que se tenha o narrador. Foi, pois, visitar o thaumaturgo.

Apenas o conde Labinski entrou em casa do doutor Balthazar Cherbonneau, sentiu-se como que cercado de vaga chamma ; todo seu sangue affluiulhe para a cabeça e as veias das fontes bateram-lhe agitadas ; o extraordinario calor que fazia no aposento o suffocava ; as lampadas em que consumiam oleos aromaticos, monstruosas flores de Java, balouçando como turybulos os enormes calices, embriagavam-no com emanações vertiginosas e perfumes asphyxiantes. Vacillando, deu alguns passos para Cherbonneau, que se conservava agachado em cima de um divan, em uma dessas estranhas posições de fakir ou de sannyasi, com que o principe Soltikoff tão pitorescamente illustrou a sua viagem á India

Dir-se-hia, ao vê-lo desenhando os angulos das articulações sob as dobras da roupa, uma aranha humana enovelada no centro de sua teia, a permanecer immovel deante da presa.

Ao vêr o conde, suas pupillas de turqueza ac-

cenderam-se phosphorecentes no meio de sua orbita da côr do bistre da hepatitis e para logo se apagaram, como si voluntariamente se mettessem n'um envolucro. O doutor estendeu a mão a Olaf, cujo máu estar percebeu e com outros dous passes circundou-o de uma atmospherá de primavera, creando-lhe um paraíso de delicias nesse inferno de calor.

— Agora, acha-se melhor, não? Seus pulmões, habituados ás brisas do Baltico que chegam ainda gelidas por ter passado por sobre as neves seculares do polo, deviam arquejar como um folle, nesta atmospherá em braza, sob a qual eu ainda tremo todo de frio, porque cosi-me, recosi-me e como que me calcinei nas fomalhas do sol.

O conde Olaf Labinski fez-lhe signal de que já não soffria pelo alto gráu de temperatura do aposento.

— Então, disse o doutor com accento de bonhomia, ouviu sem duvida fallar dos meus passes magicos e quer ter uma amostra da minha pericia. Oh! sou mais forte que Comus, Conte ou Bosco.

— Não é tão frivola a minha curiosidade, respondeu o conde; consagro mais respeito a um dos principes da sciencia.

— Nada tenho de sabio, na accepção em que é tomada esta palavra; bem ao contrario, estudando certas cousas que a sciencia despreza, tornei-me senhor de forças occultas, que de ordinario não se

empregam e consigo resultados que se affiguram maravilhosos, quando são apenas naturaes.

A' custa de muita espionagem e ciladas tenho algumas vezes sorprendido a alma : tem-me ella feito confidencias de que me tenho aproveitado e dito palavras que já sei de cór. O espirito é tudo, a materia existe só na apparencia ; o universo não passa talvez de um sonho de Deus ou de uma irradiação do Verbo na immensidade. Amarroto a meu gosto os andrajos a que chamam corpo, detenho ou precipito a vida, desloco os sentidos, supprimo o espaço e aniquilo a dôr sem ter necessidade do chloroformio, do ether ou de outro qualquer anestesico.

Com a arma da vontade — esta electricidade intellectual, vivifico ou fulmino. Aos meus olhos nada se esconde ; meu olhar tudo penetra ; vejo distinctamente os raios do pensamento, da mesma fórma por que se projectam os espectros solares sob uma lente, eu posso fazer com que passem pelo meu prisma invisivel, obrigando-os a reflectir na tela branca do meu cerebro. Tudo isto, porém, nada é á vista dos prodigios alcançados por certos yoghis da India, chegados ao mais elevado gráu de ascetismo.

Nós outros europeus somos mui superficiaes, mui fofos, mui futeis, mui apegados á nossa prisão de argila, para que nella possamos rasgar espaço-

sas janellas que digam para a eternidade e para o infinito. Tenho, entretanto, obtido algum resultado que parecerá extranho e singular, e vae avaliar por si, disse o doutor Balthazar Cherbonneau correndo um pesado resposteiro que occultava uma especie de alcova que se abria ao fundo da sala.

A' claridade da chamma alcoolica, que oscillava sobre uma tripode de bronze, o conde Olaf Labinski foi testemunha de um espectaculo atterrador que fê-lo estremecer máu grado sua coragem. Uma meza de marmore negro tinha emcima o copo de um mancebo, nú até a cintura e de uma immobilidade cadaverica; do tronco crivado de frechas, como o de S. Sebastião, não corria uma gota de sangue; tomá-lo-hiam por uma imagem de martyr colorida, em que se esquecessem de dar um toque de carmim e de azul ao redor das feridas.

— Este medico singular, disse comsigo mesmo Olaf, é por certo um sacerdote de Shiva e esta victima foi sem duvida sacrificada ao seu idolo.

— Oh! não sente cousa alguma; pode feril-o sem receio, nem moverá um só musculo do rosto, e o doutor arrancava-lhe do corpo as frechas como se tiram alfinetes de uma almofadinha.

Alguns rapidos movimentos com as mãos desembaraçaram o paciente da rede de fluidos que o enlaçava, e elle despertou com o sorriso do extasi

nos labios, como si houvera sahido de um sonho encantador. Balthazar Cherbonneau despediu-o com um simples gesto e o moço sahiu por uma pequena porta praticada no entablamento que vestia a alcova.

— Poderia ter-lhe cortado uma perna, um braço sem que elle o percebesse, disse o doutor dobrando as rugas do rosto á maneira de sorriso ; não o fiz porque ainda não sei crear e porque o homem, nisto inferior ao lagarto, não possui seiva bastante e poderosa para reformar os membros que lhe cortam. Mas si não sei crear, em compensação sei dar mocidade.

E ergueu o véu, que cobria uma mulher edosa, adormecida magneticamente em uma poltrona, não longe da mesa de marmore negro ; feições que poderiam ter sido bellas, estavam desbotadas e a destruição do tempo hia-se e mui bem na magreza dos braços, collo e peito. O doutor fixou nella durante alguns minutos, com pertinaz intensidade, os raios das suas pupillas azues ; as linhas alteradas corrigiram-se, o seio recobrou a sua pureza virginal : uma carne alva e assetinada encheu as depressões do collo : as faces se arredondaram e se avelludaram como peçgos, com todo o brilhantismo da mocidade ; os olhos abriram-se scintillantes com fluido vivace ; arrancada como por magia a mascara da velhice, appareceu a moça encantadora que desde muito acabára.

— Acredita que a fonte de Juvencio tenha derramado em alguma parte suas aguas miraculosas ? disse o doutor ao conde estupefacto com esta transformação. Eu creio-o mui piamente, porque o homem nada inventa e cada um dos seus sonhos é uma advinhação ou uma lembrança. Deixemos, porém, este corpo um momento refeito pela minha vontade e consultemos esta menina que dorme tranquillamente neste canto. Interrogue-a, disto sabe ella melhor que as pythias e as sybillas. Póde mandá-la a um dos seus castellos da Bohemia, perguntar-lhe o que contém a mais recondita das suas gavetas, ella o dirá, por que não será preciso á sua alma mais de um segundo para fazer a viagem ; isto, porém nada tem de surpreendedor, pois que a electricidade percorre setenta mil leguas nesse mesmo espaço de tempo, e a electricidade está para o pensamento como a carroagem está para o wagon. Dê-lhe a mão para pôr-se em communicação com ella ; não terá necessidade de fomular a pergunta, ella vae lê-la em seu espirito.

A menina, com o accento vago e confuso da voz de uma sombra, respondeu á pergunta mental do conde.

— No cofre de cedro ha um torrão de terra coberto de areia fina em que se vê a marca de um pequeno pé.

— Então, acertou ? disse o doutor com ar negli-

gente, com a segurança que lhe inspirava a infallibilidade da sua somnambula.

Grande rubor cobriu as faces do conde. Tinha elle, com effeito, no começo dos seus amores, apanhado na alamêda de um parque a marca de um passo de Prascovia, e guardava-a como uma reliquia no fundo de uma boceta incrustada de nacar e prata, de esmerada mão de obra, cuja chave microscopica trazia suspensa ao pescoço em outro primor de arte veneziana.

Balthazar Cherbonneau, homem de fino trato, vendo a perturbação do conde, não insistiu e levou-o a uma mesa onde havia um copo d'agua clara e crystalina como brilhante.

— Ouviu sem duvida fallar no espelho magico em que Mephistopheles mostra a Faust a imagem de Helena; sem ter pata de cavallo dentro da minha meia de seda e duas pennas de gallo no meu chapéu, posso mostrar-lhe este innocente prodigio. Dehruce-se sobre este copo e pense fixamente na pessoa que deseja fazer apparecer; viva ou morta, distante ou proxima, virá a seu chamado, ainda que fosse do fim do mundo ou das profundidades da Historia.

O conde inclinou-se sobre o copo, cuja agua turbou-se sob a influencia do seu olhar e tomou a côr da opala, como si lhe tivessem deitado uma gota de essencia; um circulo irisado com as côres do prisma

coròou as bordas do vaso, moldurando o quadro que já se esboçava atravez de uma nevoa brancacenta.

A nevoa, porém, dissipou-se.

Uma moça, com um *peignoir* de rendas, olhos verde-mar, louros cabellos crespos, deixando errar distrahidas como borboletas brancas as lindas mãos sobre o marfim de um teclado, appareceu como n'um espelho, no fundo d'agua já transparente, com tão maravilhosa perfeição que tivera matado de desespero todos os pintores. Era Prascovia Labinska, que, sem o saber, obedecia á evocação apaixonada do conde.

— E agora passemos alguma cousa mais curiosa, disse o doutor tomando a mão do conde e pondo-a em um dos braços de ferro do vaso mesmerico. Ainda Olaf não tinha bem tocado o metal carregado de magnetismo fulgurante e já cahira como que fulminado.

O doutor tomou-o nos braços, carregou-o como quem carrega uma penna, pô-lo em um divan, tocou uma companhia e disse ao creado que appareceu no limiar da porta:

— Vá procurar o Sr. Octavio de Saville.

VI

O rodar de um coupé apenas se fez ouvir no pateo silencioso do palacio e quasi immediatamente

Octavio se appresentou ante o doutor ; ficou estupefacto quando Cherbonneau mostrou-lhe o conde Olaf Labinski estendido em um divan com todos os signaes apparentes de morte. Pensou a principio em um assassinato e conservou-se alguns momentos mudo de horror ; mas depois de um exame mais detido, viu que um respirar quasi imperceptivel imprimia ligeiro movimento no peito do moço adormecido.

— Aqui está, disse o doutor, o seu disfarce já prompto : é mais difficil de vestir do que um dominó alugado em casa de Babin ; Romeu, porém, quando subia ao balcão de Verona, pouco se lhe dava do risco eminente de torcer o pescoço ; sabia que Julieta o esperava lá emcima na camara com as suas vestes de dormir, e a condessa Prascovia Labinska vale bem a filha dos Capuletos.

Octavio, perturbado com a singularidade da situação, nada respondia ; continuava a olhar para o conde, cuja cabeça levemente inclinada para traz, descansava em uma almofada, fazendo-o assimillar-se a essas estatuas de cavalleiros deitadas emcima dos tumulos dos claustros gothicos, tendo sob a cabeça de pedra uma almofada de marmore esculpido. Esta bella e nobre fôrma de homem que elle ia separar da alma, inspirava-lhe, máu grado seu, alguns remorsos.

O doutor tomou a meditação de Octavio por he-

sitação ; vago sorriso de desdem passou-lhe nos lábios rugosos.

— Si não está decidido, disse, posso despertar o conde, que voltará como veio, maravilhado do meu poder magnetico ; mas pense bem, tão boa occasião é impossivel encontrar duas vezes. Todavia, por maior interesse que tome pelo seu amor, por mais ardente que seja o meu desejo de fazer uma experiencia, ainda não tentada na Europa, não devo occultar-lhe que esta troca de almas tem seu perigo. Ponha a mão na sua consciencia, interrogue seu coração. Está resolvido a arriscar a vida nesta carta suprema ? O amor é forte como a morte, a Biblia o diz.

— Estou prompto, respondeu simplesmente Octavio.

— Muito bem, mancebo, exclamou o doutor esfregando as mãos amarellas e seccas com extraordinaria rapidez, como si quizera accender fogo á maneira dos selvagens. Esta paixão que ante nada recua muito me agrada. Só duas cousas ha no mundo, a paixão e a vontade. Si não fôr feliz, não será minha a culpa. Ah ! meu velho Brahma-Logum, vás vêr de lá do céu de Indra, onde apsaras te cercam em chóros voluptuosos, si esqueci a formula irresistivel, que me rosnaste aos ouvidos ao deixares o corpo já mumia. Palavras e gestos, de tudo me lembro. Mãos á obra ! mãos á obra ! vamos fazer

na nossa panella um singular guizado, como as bruxas de Macbeth, mas sem a despresivel feitiçaria do Norte. Sente-se defronte de mim, nesta poltrona; ponha-se com toda a confiança á minha disposição. Bom! Os olhos fitos nos meus, as suas mãos nas minhas. A magia começa de obrar. As noções de tempo e de espaço perdem-se, a consciencia do *eu* apaga-se, as palpebras cerram-se; os musculos, privados das ordens do cerebro, distendem-se; o pensamento desfallece, todos os laços delicados que atam a alma ao corpo estão rotos. Brahma, no ovo de ouro onde esteve meditando dez mil annos, não estava mais isolado dos objectos externos; carregue-mo-lo de fluido, banhemo-lo de luz.

O doutor, murmurando estas phrases intercor-tadas, continuava a fazer seus passes: das mãos distendidas jorravam raios luminosos, que atravessavam a fronte ou o coração do paciente, em torno de quem formava-se pouco a pouco uma especie de atmosphaera visivel, phosphorecente como uma aureola.

— Ora muito bem! disse Balthazar Cherbonneau, applaudindo-se a si proprio pela sua obra. Ei-lo como o quero. Vamos vêr, vamos vêr o que é que está ainda aqui oppondo resistencia, disse depois de uma pausa, como si estivera lendo atravez do craneo de Octavio o derradeiro esforço da personalidade prestes a aniquilar-se. Que idéa desinquieta é esta,

que, sahida da circumvolução do cerebro, procura subtrahir-se á minha influencia, encastellando-se na monade primitiva, no ponto central da vida? Vou agarrá-la e ha de humilhar-se.

Para vencer esta involuntaria rebellião, o doutor carregou de novo ainda mais poderosamente a bateria magnetica do seu olhar e foi apanhar o pensamento rebelde entre a base do cerebello e a inserção da medula espinhal, no sanctuario mais recondito, no tabernaculo mais mysterioso da alma. Seu triumpho estava completo.

Preparou-se então com solemnidade magestosa para a experiencia inaudita que ia tentar; revestiu-se como um mago de uma veste de linho, lavou as mãos em agua perfumada, tirou de varias bocetas pó com que fez nas faces e na testa signaes hieraticos; cingiu o braço com o cordão dos brahmanes, leu dous ou tres slokas dos poemas sacros e não omittiu siquer um só dos ritos minuciosos recommendados pelo sannyase da gruta de Elephanta.

Terminadas estas ceremonias abriu de todo as bocas do apparelho calorifero e para logo encheu-se a sala de uma atmosphaera abrazada que teria estateado os tigres nos juncaes, torrado a couraça lodosa que cobre o couro rugado dos bufalos e rebentado com grande detonação a larga flor do aloes.

— Cumpre que estas duas scentelhas de fogo divino, que se vão achar inteiramente despidas e des-

pojadas durante alguns segundos do seu involucro mortal, não empallideçam ou se apaguem na nossa atmospherá glacial, disse o doutor, olhando para o thermometro, que então marcava 120 gráus Fahrenheit.

O doutor Baltazar Cherbonneau, no meio destes dous corpos inertes, parecia, embrulhado como estava nas vestes alvacentas, um sacrificador dessas religiões sanguinarias, que atiram cadáveres humanos no altar de seus deuses.

Fazia recordar esse sacerdote de Vitzuliputzili, o feroz idolo mexicano, de que falla Henrique Heine em uma de suas balladas, mas eram por certo mais pacificas as suas intenções.

Approximou-se do conde Olaf Labinski que se conservava immovel e pronnunciou a inefavel syllaba, que foi rapidamente repetir sobre Octavio profundamente adormecido. O rosto ordinariamente ridiculo de Cherbonneau tomára neste momento uma singular magestade; a grandeza do poder de que dispunha ennobrecia-lhe os traços desordenados, e si alguém o visse cumprindo estes ritos mysteriosos com gravidade sacerdotal, não reconheceria nelle o doutor hoffmanico que despertava, desafiando-o, o lapis da caricatura.

Passaram-se então cousas bem singulares: Octavio de Saville e o conde Olaf Labinski pareceram simultaneamente agitados como por uma convulção

de agonia, as feições decompuzeram-se-lhes, uma tenue espuma subiu-lhes aos labios ; a pallidez da morte descorou-lhes as faces ; no entretanto dous pequenos clarões azulados e tremulos scintillaram incertos ácima de suas cabeças.

A um gesto fulgurante do doutor, que lhes parecia traçar no ar as suas orbitas, os dous pontos phosphorecentes puzeram-se em movimento, e, deixando apoz si um rastro de luz, tomaram sua nova morada: a alma de Octavio occupou o corpo do conde Labinski e a alma do conde o corpo de Octavio: o *avatar* se havia cumprido.

Um ligeiro rubor das faces indicava que a vida acabava de entrar nessas argillas humanas que durante alguns segundos se tinham conservado sem alma, e de que o Anjo negro se houvera apoderado sem a grande influencia de que dispunha o doutor.

A alegria do triumpho fazia chammejar as pupilas azues de Cherbonneau, que dizia, andando a largos passos pela camara :

— Queria vêr os medicos de nomeada fazer outro tanto, elles que se orgulham de concertar bem ou mal o relógio humano quando se desarranja ! Hippocrates, Galeno, Palacelso, Van Helmont, Boerhaave, Tronchin, Hahnemann, Rasori, o mais humilde fakir indiano, acororado na escadaria de um pagode, sabe mil vezes mais que vós todos ! Que importa o cadaver quando se governa o espirito !

Ao terminar seu periodo, Balthazar Cherbonneau deu mil pulos de contentamento e dansou como dansaram as montanhas no Sir-Hasirim do rei Salomão; quasi esborrachou o nariz, por isso que prendeu um pé nas dobras do seu vestido de brahmane, pequeno accidente que o fez tornar em si e lhe restituiu a calma costumada.

— Despertemos os nossos dorminhocos, disse Cherbonneau, depois de ter limpado as riscas de pó coloridas com que tinha retalhado o rosto, e despido a veste de brahmane. Pondo-se deante do corpo do conde Labinski habitado pela alma de Octavio, fez os passes necessarios para tirá-lo do estado de somnambulismo, sacudindo a cada gesto os dedos carregados do fluido que elle tirava.

Ao cabo de alguns minutos Octavio Labinski (d'ora em deante designá-lo-hemos assim, para melhor clareza da narração) sentou-se na poltrona, passou a mão nos olhos e deitou ao redor de si um olhar espantado, que a consciencia do *eu* ainda não illuminava. Quando lhe voltou a percepção clara dos objectos, a primeira cousa que viu foi o seu corpo estirado no divan. Via-se, não em um espelho, mas em realidade. Soltou um grito: este grito não sôou com o timbre de sua voz e causou-lhe uma sorte de pavor. A troca das almas, effectuando-se durante o somno magnetico, não tinha disso consciencia e d'ahi nascia o seu extravagante máu estar. O pensamento,

funcionando com órgãos extranhos, estava como o obreiro a quem tiram os costumados utensilios, para darem-lhe novos. Psyché emigrada doudejava inquieta pela abobada desse craneo desconhecido e perdia-se nos meandros desse cerebro em que ainda se agitavam vestigios de idéas de outrem.

— E então, disse o doutor depois que gosou sufficientemente da surpresa de Octavio Labinski, que lhe parece sua nova moradia? Sua alma acha-se a commodo mettida no corpo deste gentil cavalheiro, hetmann, hospodar ou magnate, marido da mais formosa mulher que ha no mundo? Agora já não deseja deixar-se morrer como era tenção sua a primeira vez que o vi no tristonho aposento da rua de S. Lazaro, porque as portas do palacio Labinski abriram-se-lhe de par em par e não tem mais receio de que Prascovia lhe tape a bocca, como na *villa Salviate*, quando o senhor lhe quiz fallar de amor! Está, pois, vendo que o velho Balthazar Cherbonneau, com a sua cara de macaco, que só d'elle depende trocar por outra, possui ainda na sua panella de feitiços mui bons remedios.

— Doutor, respondeu Octavio Labinski, vejo que dispõe do poder de um deus, ou, quando menos, do de um demonio.

— Oh! oh! não tenha medo, nisto nada ha de diabolico. Não corre risco sua salvação: não vou obrigá-lo a assignar um pacto com o competente pa-

ragrapho vermelho. Nada ha mais simples do que o que acaba de passar-se. O Verbo, que creou a luz, póde muito bem desalojar uma alma. Si os homens, atravez dos tempos e do infinito, quizessem ouvir a Deus, creio que fariam muita cousa.

— Qual será a medida do meu reconhecimento e gratidão por tão inapreciavel serviço ?

— Nada me deve: interessou-me, e para um velho Lascar como eu, bronzeadado por todos os sóes, embotado por todos os acontecimentos, uma emoção é cousa rara. Revelou-me o amor em toda sua extensão, e sabe que nós outros os pensadores que somos um tanto alchimistas, um tanto magos, um tanto philosophos, mais ou menos procuramos o absoluto. Mas levante-se, mecha-se, ande e veja si em uma ou outra cousa não o encommóda e embaraça o seu novo envoltorio.

Octavio Labinski obedeceu ao doutor e deu algumas voltas pela camara; já estava menos tolhido; postoque habitado por outra alma, o corpo do conde conservava a influencia de seus antigos habitos e seu recente hospede deixou-o entregue ás suas recordações physicas, porque tinha interesse em ficar com o andar, o porte e os gestos do proprietario expulso.

— Si eu mesmo não tivesse ha pouco tratado da mudança das suas almas, acreditaria, disse rindo-se o doutor Balthazar Cherbonneau, que nada se havia passado de extraordinario esta noite e toma-lo-hia

pelo verdadeiro, legitimo e autentico conde lithuano Olaf de Labinski, cujo *eu* dorme ainda alli na chrysalida, que o meu amigo desdenhosamente deixou. Meia noite, porém, vae soar; vá, para que Prascovia o não reprehenda e accuse de preferir á sua companhia o lansquenet ou o bacarat. Cumpre não começar a vida conjugal com um arrufo: seria de mau agouro. Em quanto isso, vou occupar-me em despertar o seu antigo involucro com todas as precauções e cuidados que merece.

Reconhecendo a justiça das observações do doutor, Octavio Labinski deu-se pressa em sahir.

Embaixo da escada pateavam impacientes os magnificos cavallos baios do conde, os quaes, mordendo os freios, tinham feito no chão dous lagos de espuma.

Ao ruido dos passos do moço, um esbelto e luzido caçador, trajando de verde, da extincta raça dos heyducos, precipitou-se para o estribo e abriu a portinhola com todo o desplante.

Octavio, que a principio se dirigira machinalmente para o seu modesto brougham, repotreou-se no alto e esplendido coupé e disse ao caçador, que passou por seu turno a ordem ao cocheiro: A palacio!

Apenas fechada a portinhola, os cavallos partiram caracolando, e o digno successor dos Almanzores e dos Aozans segurou-se aos largos cordões de passa-

manes com uma presteza tal que ninguem a poderia suppor em um homem de elevada estatura.

Para cavallos dessa estofa não é longo o caminho da rua do Regard ao Faubourg-Saint-Honoré; o espaço foi devorado em poucos minutos e o cocheiro gritou com voz de Stentor : — Abram a portaria !

Os dous immensos batentes, abertos pelo suiso, franquearam passagem ao carro, que rodou em um grande pateo tapetado de areia e foi parar, com incrível precisão, sob um alpendre listrado de branco e côr de rosa.

O pateo que Octavio Labinski reconheceu detalhadamente, graças a essa rapidez de vistas que em certas occasiões solemnes a alma adquire, era vasto, cercado de eficios symetricos, allumiado por lampêdes de bronze, cujo gaz dardejava as suas linguas brancas em pharóes de chrystal semelhantes aos que outrora ornavam o Bucentauro, e mais denunciavam um paço real que um simples palacio; caixões com lrangeiras, dignas do terrado de Versailles, levantavam-se de distancia em distancia no panno do alphalto, que como margem moldurava o tapete de areia que formava o centro.

O triste namorado em metamorphose, com o pé no limiar, viu-se ohrigado a parar alguns segundos e pôr a mão sobre o coração para conter-lhe as pulsações.

Tinha é verdade, o corpo do conde Olaf Labinski, mas em summa só era senhor da apparencia physica ; todas as noções contidas nesse cerebro haviam fugido com a alma do primeiro proprietario: a casa que d'ora em diante ia ser sua, era-lhe desconhecida, ignorava todas as suas disposições interiores.

Appresentava-se-lhe na frente uma escada, seguiu-a inteiramente ao acaso, em nada tendo assentado, salvo em attribuir qualquer engano a uma distracção.

Os degraus de pedra polida brilhavam de luzidos e faziam resaltar o encarnado vivo da larga tira de finissima lã, retida pelas pequenas regoas de cobre dourado, a qual já por si estava indicando aos pés o seu macio caminho, vasos com as mais bellas flôres exóticas subiam comvosco cada degráu.

Uma immensa alampada, amplamente rasgada, suspensa a um grosso cordão de seda encarnada, recamado de borlas e alças, fazia a espaços reflectir na parede de estuque alvo e polido como o marmore uns longes de luz dourada, e projectava profusamente sua claridade sobre um dos mais celebres grupos de Canova em segunda edição original, *Amor abraçando Psyché*.

O patamar do andar unico era feito de precioso mosaico, e das paredes, suspensos por cordões de seda, pendiam quatro quadros de Paris Bordone, Bonifazzio, Palma Senior e Paulo Veroneso, cujo es-

tylo architheatronico e pomposo harmonisava-se com a magnificencia da escadaria.

No patamar abria-se uma porta forrada de seda e lã, cravejada de pregos dourados; Octavio Labinski empurrou-a e achou-se em uma vasta antecamara, onde resomnavam alguns lacaios em grande uniforme, os quaes, ao vê-lo approximar-se, ergueram-se como impellidos por molas e perfilaram-se ao longo das paredes com a impassibilidade de escravos orientaes.

Seguiu seu caminho. Um salão de alva e de ouro, onde ninguem encontrou, succedia á antecamara.

Octavio puchou o cordão de uma campainha. Appareceu a creada grave.

— Posso vêr a sra. condessa ?

— A sra. condessa ia despir-se, mas daqui a instantes poderá receber-vos.

VII

A sós com o corpo de Octavio de Saville, habitado pela alma do conde Olaf Labinski, o doutor Balthazar Cherbonneau occupou-se em restituir essa fórma inerte á vida ordinaria.

Ao cabo de alguns passes Olaf de Saville (seja-nos permittido reunir estes dous nomes para designar uma personagem dupla) sahiu como um phantasma do limbo do profundo somno, ou antes, da

cataplexia que o encadeava, immovel e hirto, estirado no divan; ergneu-se com movimento automatico, ainda não dirigido pela vontade, e cambaleando sob a influencia de uma vertigem mal dissipada. Os objectos vacillavam-lhe ao redor, as encarnações de Wishnou dansavam uma dansa de magos ao longo das paredes, o doutor Cherbonneau apparecia-lhe sob a fôrma do sannyasi de Elephanta, agitando os braços como azas de ave mystica e volvendo as pupillas azues nas orbitas das rugas negras, semelhantes a aros de oculos; os espectaculos extranhos, a que assistira antes de cahir no torpor magnetico, reagiam sobre sua rasão, e mui lentamente conseguia apanhar a realidade: estava eomo um homem adormecido, despertado bruscamente de um pesadelo, que toma ainda por espectros a propria roupa espalhada sobre os moveis, com vagas e indecisas fôrmas humanas, e por olhos chammejantes e cyclopicos as maçanetas de cobre das cortinas, illuminadas apenas pelo reflexo da lamparina.

Pouco a pouco foi-se apagando esta phantasmagoria; tudo voltou ao seu aspecto natural; Balthazar Cherbonneau não foi mais o penitente da India, mas um simples doutor em medicina, que dirigia ao seu cliente um sorriso de bonhomia banal.

— O sr. conde está satisfeito com as poucas experiencias que tive a honra de fazer em sua presença? Dizia elle com um tom de obsequiosa humildade,

onde se poderia entrever ligeira ironia; atrevo-me a esperar que não lamentará demasiadamente ter perdido a sua noite e irá convencido de que tudo o que dizem do magnestimo não é fabula e charlatanismo, como o affirma a sciencia official.

Olaf de Saville respondeu com leve inclinação de cabeça em signal de approvação e sahiu do aposento seguido pelo doutor Cherbonneau, que, a cada oportunidade que lhe offerecia uma porta, curvava-se em profundas cortezias.

O brougham adeantou-se até o sopé da escada e a alma do marido da condessa Labinska nelle entrou com o corpo de Octavio de Saville, sem cuidar por demais que nem eram libré sua, nem carro seu.

O cocheiro perguntou para onde seguir.

— Para casa, respondeu Olaf de Saville, confusamente admirado de não reconhecer a voz do seu caçador, que de ordinario fazia esta pergunta com o mais pronunciado *accento hungaro*. O brougham em que se achava era forrado de damasco azul escuro; de setim e de ouro era o forro do seu coupé, e o conde espantava desta differença, accitando-a ao mesmo tempo, como succede em sonhos, onde os objectos a que estamos habituados appresentam-se sob aspectos mui differentes, sem que no entanto deixem de ser reconheciveis; sentia-se tambem mais baixo que de ordinario; demais parecia-lhe ter vindo de casaca á casa do doutor, e, sem recordar-se de ter

mudado de roupa, via-se com um paletot de estio, pouco encorpado, que jamais fizera parte da sua guarda-roupa: seu espirito achava-se em inexplicavel encommo e os seus pensamentos, ainda de manhã tão lucidos, com difficulade se desenvolviam. Attribuindo este estado singular ás scenas extravagantes dessa noite, não se importou mais com isso, apoiou a cabeça no angulo do carro e entregou-se a vagas meditações, a uma indecisa somnolencia que não era nem vigilia nem somno.

O brusco estacar do cavallo e a voz do cocheiro ao clamar:—Abram a porta! chamaram-no a si; abaixou a vidraça, poz a cabeça para fóra e distinguiu, á luz de um lampeão, uma rua que lhe era desconhecida, uma casa que não era a sua.

— Para onde diabo me levas, animal? gritou o conde: então aqui é que é o Faubourg-Saint-Honoré, palacio Labinski?

— Perdão, meu senhor; não tinha entendido, remoneou o cocheiro, encaminhando o animal para a direcção indicada.

Durante o trajecto, o conde transfigurado dirigia a si proprio innumeradas perguntas, a que não podia dar resposta.

Como partira sem elle o seu trem? Suppoz que ligeiro accesso de febre perturbava a clareza da sua percepção, ou que talvez o doutor thaumaturgo, para mais vivamente chocar a sua credulidade, lhe

teria feito aspirar durante o somno algum frasco de haschich ou de outra qualquer droga hallucinadora, cujas illusões e phantasmagorias se iriam dissipar com uma noite de repouso.

O carro chegou ao palacio Labinski: o suiso, interpellado, recusou abrir a porta, dizendo que nessa noite não se recebiam visitas em palacio, que o amo entrára havia mais de uma hora, e que a ama já se recolhêra aos seus aposentos.

— Birbante! estás bebado ou doudo? disse Olaf de Saville, empurrando o colosso, que se erguia giganteo no limiar da portaria entreaberta, como uma dessas estatuas de bronze, que nos contos arabes, vedam aos cavalleiros errantes o ingresso nos castellos encantados.

— Bebado ou doudo é você, meu fedelho! replicou o suiso, que, de carmezim que era naturalmente, tornou-se azul de cholera.

— Miseravel! rugiu Olaf de Saville, si eu me não respeitasse a mim mesmo...

— Cale-se ou quebro-o ao joelho em dous pedaços e atiro-os á rua, replicou o gigante, abrindo uma mão mais ampla e mais disforme que a mão colossal, feita de massa, exposta na loja de luvas da rua Richelieu; não se faça de valente meu bigorrilha, só por ter bebido uma ou duas garrafas de Champanhe de mais.

Olaf de Saville, exasperado, repelliu tão rude-

mente o suíço que chegou a entrar na portaria. Alguns creados, que não estavam ainda deitados, accorreram ao ruído da altercação.

— Estás despedido, grandessíssimo bruto, patife, tratante ! Já, nem mais um instante te quero aqui ! põe-te na rua, ou mato-te como a um cão damnado. Não me faças emporcalhar no sangue vil de um laçoi.

E o conde, desapossado do seu corpo, atirava-se com os olhos injectados de sangue, com os beiços espumando, com os punhos cerrados, para o enorme suíço, reunindo ambas as mãos de seu aggressor em uma das suas, conteve-as assim quasi esmagadas na prensa dos seus dedos grossos e curtos, carnudos e nodosos como os do instrumento de tratos da idade média.

— Ora vamos, acalme-se, dizia o gigante, aliás de bom coração, nada mais receiando de seu adversario a quem de vez em quando dava uns empuchões, para chamá-lo á ordem. Haverá bom senso em pôr-se a gente em tal estado, quando se anda vestido como homem de bôa sociedade, e vir depois como perturbador fazer matinada á noite por casas respeitaveis ? Deve-se certo respeito ao vinho, e que famoso não deve ser o que o poz tão ebrio ! Por isto não quero dar-lhe pancada e contento-me em pô-lo delicadamente no olho da rua, onde a ronda o apanhará

si continuar a dar escandalo. Uma partidasiinha de xadrez ha de refrescar-lhe as idéas.

— Corja de infames, clamou Olaf de Saville, voltando-se para os creados, assim deixaes insultar por este canalha o vosso amo, o nobre conde Labinski!

A este nome a creadagem desandou em côro n'uma immensa vaia; uma gargalhada enorme, homerica, convulsiva, rebentou de todos esses peitos recamados de galões—Olha que tal o bigorrilha! querer passar pelo conde de Labinski! ah! ah! ha! hi! hi! hi! hi! nãoé má!

Um suor glacial inundou a fronte de Olaf de Saville. Uma idéa aguda e penetrante atravessou-lhe o cerebro como uma lamina de aço, e sentiu que trapaassava-o até a medula dos ossos. Smarra ter-lhe-hia posto o joelho sobre o peito ou possuia elle a vida real? A rasão naufragára-lhe no oceano sem fundo do magnetismo, ou era ludibrio de alguma machinação diabolica? Nem um só dos seus creados, de ordinario em sua presença tremulos, submissos, prostrados, o reconhecia. Ter-lhe-hiam trocado o corpo, como a roupa e o carro?

Para ficar bem certo de não ser o conde Labinski, disse um dos mais insolentes do bando, olhe para alli, veja-o que agora desce a escada, attrahido pelo ruido da sua algararra.

O preso ás mãos do suiso voltou os olhos para o fundo do pateo e viu sob o alpendre do patamar da

escadaria, um moço de porte elegante e esbelto, de rosto oval, olhos negros, nariz aquilino, bigode fino, que outro não era mais do que elle proprio ou o seu espectro moldado pelo demonio, com similhaça tal que era capaz de illudir.

O suisso largou as mãos que conservava presas nas suas.

Os creados dispuzeram-se respeitosos ao longo das paredes, de olhos baixos, braços cahidos, em absoluta immobildade, como icoglans ao aproximar-se o padischa; prestavam ao phatasma as hourarias que recusaram ao verdadeiro conde.

O marido de Prascovia, postoque intrepido como um slavo que era, sentiu-se apoderado de indisivel terror ao aproximar-se esse Menechmo, que, mais formidavel que o do theatro, descia á vida positiva e tornava desconhecivel o seu irmão gêmeo.

Uma antiga lenda de familia veiu-lhe á mente e augmentou ainda o seu terror.

Toda vez que um Labinski devia morrer, era advertido d'apparição de um phantasma absolutamente egual a si.

Entre as nações do Norte, vêr sua segunda encarnação, ainda mesmo em sonho, passou por presagio fatal, e o intrepido guerreiro do Caucaso, ao aspecto desta visão exterior do seu *eu*, ficou tranzido de invencivel horror supersticioso; elle que metteria um

braço na bocca de um canhão prestes a dar fogo, recuou deante de si proprio.

Octavio Labinski adeantou-se para a sua antiga fôrma, em que se debatia, se indignava e rugia de cholera e terror a alma do conde e disse-lhe com um tom de polidez altiva e glacial.

— Senhor, é bom que deixe de baralhar-se com estes creados. O senhor conde Labinski, si lhe que-reis fallar, recebe sempre do meio dia ás duas horas. A senhora condessa recebe ás quintas-feiras as pessoas que tiveram a honra de lhe serem apresentadas.

Pronunciada lentamente esta phrase com o valor proprio de cada syllaba, o falso conde retirou-se com passo vagaroso e sobre elle fecharam-se as portas.

Levarm para o carro Olaf de Saville desacordado. Quando tornou a si, estava deitado em um leito que não tinha a fôrma do seu, em uma camara onde não tinha a menor idéa de ter entrado em dias de sua vida; perto de si estava um creado desconhecido, que erguia-lhe a cabeça e fazia-lhe aspirar um frasco de ether.

— Está melhor, meu amo! perguntou João ao conde, tomando-o por Octavio.

— Estou, respondeu Olaf de Saville; não foi mais do que uma fraqueza momentanea.

— Quer que me retire, ou deseja que aqui fique?

— Não, deixa-me só; mas, antes de sahir, accende as luzes de juncto ao espelho.

— Meu amo não receia que essa claridade excessiva o impeça de dormir ?

— Não; nem eu tenho somno ainda.

— Não me deitarei, e, si meu amo precisar de alguma cousa, aqui estarei ao primeiro chamado, disse João interiormente assustado com a extrema pallidez das feições decompostas do conde.

Logo que João sahiu, depois de ter accendido as velas, o conde atirou-se para o espelho e no crystal profundo e puro, em que tremia o scintillar das luzes, viu uma cabeça joven, terna e melancholica, com abundantes cabellos negros, olhos de uma côr azul sombria, faces pallidas, barba sedosa e castanha; uma cabeça que não era a sua e que do fundo do espelho encarava-o com surpresa.

Quiz crêr a principio que algum engraçado mettia a cabeça na moldura encrustada de cobre e conchas do espelho de Veneza. Correu por traz do espelho a mão; sentiu apenas as taboas que o forravam; não havia ninguem.

As mãos, ao apalpá-las, sentiu-as mais magras, mais compridas, com mais veias; no dedo annular sobresahia um grande anel de ouro, em que estava engastada uma venturina, na qual via gravado um brazão de armas—escudo de prata esquartelado, sobrecondecorado com um corôa de barão.

Este anel jámais fôra o seu, em cujo braço destacava-se a aguia negra de azas abertas, com bico, pernas e garras de ouro, sob a corôa de perolas. Remecheu os bolsos, achou nelles uma pequena carteira com cartões de visita, onde lia o nome — Octavio de Saville.

A mófa dos criados do palacio Labinski, a apparição de sua segunda encarnação, a physionomia desconhecida substituindo a sua no espelho, podiam ser, em rigor, illusões de um cerebro doente; mas essas roupás diferentes, esse anel que tirava do dedo, eram provas materiaes, palpaveis, testemunhos incontestaveis, irrecusaveis.

Uma metamorphose completa havia-se operado nelle, sem ter sido sabedor; por certo, algum mago, um demonio talvez roubára-lhe o corpo, a nobreza, o nome, a personalidade inteira, deixando-lhe apenas a alma sem meios de manifestar-se.

Os historiadores phantaticos de Pedro Schlemil e da noite de S. Silvestre accudiram-lhe ao pensamento; mas os personagens de Lamotte-Fouqué e de Hoffmann apenas tinham perdido, um a sua sombra, outro o seu reflexo, e si esta carencia singular de projecção, que todos possuem, inspirava serios receios, ninguem ao menos poder-lhes-hia negar que fossem os mesmos.

A sua posição era muito mais assustadora: não podia reclamar seu titulo de conde Labinski, com o

corpo em que se achava preso. Passaria aos olhos de todos por um imprudente impostor, ou quando menos por um doudo.

Sua propria mulher o desconheceria, mettido nessa fórma mentirosa. Como provar a sua identidade? Havia por certo, mil circumstancias intimas, mil detalhes mysteriosos, desconhecidos para todos, que, patenteados á Prascovia, far-lhe-hiam reconhecer a alma de seu marido sob esse disfarce; mas de que servia essa convicção isolada, no caso de obtê-la, contra a unanimidade da opinião?

Estava mui real e absolutamente desaposado do seu *eu*.

Outra anciedade: a sua transformação limitar-se-hia á troca externa do porte e feições, ou habitaria realmente o corpo de outrem? Neste caso o que teriam feito do seu? Atirá-lo-hiam n'alguma cova ou ter-se-hia tornado propriedade de algum ladrão?

A sua segunda encarnação, vista no palacio Labinski, podia ser um espectro, uma visão, mas tambem podia ser um ser physico, mettido no corpo que lhe teria roubado, com uma habilidade infernal, esse medico com cara de fakir.

Uma idéa medonha cerrou-lhe o coração como si fôra uma serpe.

— Talvez agora esse falso conde Labinski feito á minha similhaça pelas mãos do diabo; esse vampiro que hoje mora no meu palacio; a quem meus crea-

dos obedecem até contra mim; talvez agora mesmo ponha o pé de cabra no limiar dessa camara, em que jámais entrei sem a emoção da primeira noite de noivado, e Prascovia lhe sorria ternamente e deixou cair com divino rubor a cabeça encantadora nesse peito arranhado pelas garras do demonio, tomando por seu marido a essa lavra mentirosa, a esse duende, a esse espectro, a esse odioso filho da noite e do inferno. Vou correr ao palacio, vou deitar-lhe fogo, para gritar, por entre as chamas, á Prascovia:—Enganam-te; não é o teu Olaf que tens juncto ao seio! Vás innocente commetter um crime abominavel, de que minha alma desesperada ainda se recordará quando as eternidades fadigarem as mãos de voltar as suas ampulhetas!

Ondas de flamma inundavam o cerebro do conde, soltava gritos de raiva ainda não sahidos de bocca humana, mordia os punhos, rolava no aposento como um animal feroz.

A loucura ia apoderar-se da obscura consciencia que tinha de si proprio; correu ao toucador de Octavio, encheu d'agua uma bacia e mergulhou nella a cabeça, que sahiu fumegante desse banho gelado.

Voltou-lhe o sangue frio e a calma. Disse consigo mesmo que o tempo da magia e dos feitiços estava passado; que só a morte desligava a alma do corpo; que se não escamotava assim, no centro de Paris, um conde Polaco, com um credito de muitos milhões

em casa de Rothschild, unido ás mais elevadas familias, marido adorado de uma senhora admirada na alta sociedade, condecorado com a ordem de Sancto André de primeira classe, e que tudo isto não passava de um gracejo de máu gosto do doutor Balthazar Cherbonneau, que teria uma explicação a mais natural do mundo, como todos os espantalhos dos romances de Anna de Radcliffe.

Morto de cansaço, atirou-se na cama de Octavio e adormeceu num somno tão pesado, tão profundo, tão semelhante á morte, que ainda durava quando João, suppondo seu amo já levantado, veio pôr em cima da mesa as cartas e os jornaes.

VIII

O conde abriu os olhos e volveu em torno olhar investigador; viu uma camara assaz confortavel, mas simples; um tapete imitando em tudo a pelle do leopardo, cobria o soalho; cortinas e tapeçarias, ha pouco entreabertas por João, pendiam das janellas e occultavam as portas; as paredes eram forradas de papel verde avelludado, fingindo pannos de raz.

Um relógio fabricado de uma peça inteiriça de marmore negro com mostrador de platina, tendo por cima uma estatua de prata oxidada de Diana de Gabies, miniatura por Barbedienne, ladeada de dous vasos antigos, tambem de prata, decorava a lareira

de marmore branco de veios azues; o espelho de Veneza, em que na vespera o conde havia descoberto que já não possuia a cara do costume, e um retrato de senhora edosa, trabalho de Flandrin, sem duvida da mãe de Octavio, eram os unicos ornatos dessa camara, um tanto triste e severa; um divan, uma poltrona a Voltaire collocada perto da lareira, uma mesa com gavetas, coberta de papeis e livros, compunham uma mobilia commoda, mas que em nada lembrava a sumptuosidade do palacio Labinski.

— Meu amo levanta-se hoje? disse João com essa voz adquirida durante a molestia de Octavio, apresentando ao conde a camisa de côm, a meia de flannela e a *gaudoura* de Argel, roupa que de manhã vestia seu amo. Apesar de ser repugnante para o conde o vestir a roupa de um desconhecido, a não querer ficar nú, cumpria-lhe acceitar a que lhe dava João, e poz os pés na sedosa e negra pelle de urso que servia de tapete juncto á cama.

Em pouco estava vestido e João, não parecendo ter duvidas sobre a identidade do pseudo Octavio de Saville que ajudava a vestir-se, disse-lhe:

— A que horas quer meu amo o almoço?

— A' hora do costume, respondeu o conde, que, com o fim de não experimentar obstaculos nos passos que tencionava dar para recobrar sua personalidade, resolvêra acceitar aparentemente sua incomprehen-sivel transformação.

João sahiu e Olaf de Saville abriu as duas cartas que lhe tinham trazido com os jornaes, esperando achar nellas algum indicio e informação; a primeira encerrava queixas amistosas e lastimava boas relações de camaradagem interrompidas sem motivo; um nome para elle desconhecido a assignava.

A segunda era do correspondente de Octavio e instava para que fosse receber rendas vencidas ha muito tempo ou ao menos marcar o emprego que devia dar a esses capitaes que conservava improductivos.

— Ora, parece-me, disse o conde, que o Octavio de Saville, cujo corpo occupo hem contra minha vontade, existe realmente; não é um ente phantastico, uma personagem de Achim de Arnim ou de Clément Brentano; tem casa, amigos, correspondente, rendas a guardar, tudo emfim que constitue o estado civil de um gentleman. Entretanto, parece-me muito bem que sou o conde Olaf Labinski.

Um olhar lançado para o espelho convenceu-o de que esta opinião difficilmente seria partilhada por alguém; quer á pura claridade do dia, quer á luz duvidosa das velas, o reflexo era sempre o mesmo, identico.

Proseguindo na revista domiciliaria, abriu as gavetas da mesa; em uma encontrou titulos de propriedades, duas notas de mil francos e cincoenta juizes, do que sem escrupulo lançou mão, para as despesas da campanha em que ia entrar, e em outra

uma carteira de couro da Russia fechada com uma fechadura de segredo.

João entrou, annunciando o sr. Alfredo Humbert, que entrou de repente na camara com a familiaridade de antigo amigo, sem esperar que o creado fosse levar-lhe a resposta do amo.

— Bom dia, Octavio, disse o visitante, galhardo rapaz de porte e maneiras cordiaes e amaveis; que diabo fazes, que fim levaste, estás morto ou vivo? Ninguem te vê; si te escrevem, não respondes. Tenho queixa de ti, eu mesmo, mas que me importa, em amizade não ha amor-proprio, venho apertar-te a mão. Com os diabos ! não se deve deixar morrer de melancholia um camarada de collegio, no fundo deste aposento, lugubre como a cella de Carlos V no mosteiro de S. Justo. Scismaste que estavas doente, aborreces-te e mais nada; mas hei de forçar-te a te distrahires e venho para levar-te por vontade ou por força a um almoço de arromba em que Gustavo Raimbande enterra a sua liberdade de rapaz.

Nesta tirada serio-comica, sacudia vigorosamente, a ingleza, a mão do conde.

— Não, respondeu o marido de Prascovia, voltando a desempenhar o seu papel, soffro hoje mais do que nunca; não me sinto com a menor disposição; só vos iria entristecer e encommodar.

— Estás com effeito muito pallido e com ares de

fatigado; fica para melhor occasião ! Adeus, ponhomeno andar da rua, porque já estou ao certo com um atrazo de tres duzias de ostras e de uma garrafa de vinho Sauterne, disse Alfredo, dirigindo-se para a porta; Raimbaud ha de dar-te os agradecimentos pela tua *hypothese*.

Esta visita augmentou a tristeza do conde.

João tomava-o pelo seu amo, Alfredo por seu amigo. Faltava-lhe uma ultima provação. A porta abriu-se; uma senhora, com o cabello entretecido de fios de prata e mui parecida com o retrato suspenso á parede do aposento, entrou na camara, sentou-se no divan e disse ao conde:

— Como vás meu pobre Octavio ? João disse-me que hontem entraste muito tarde e em um estado de fraqueza assustadora; poupa-te, meu filho; sabes quanto te amo, apezar do desgosto que tenho com esta tua inexplicavel tristeza, cujo segredo nunca me quizeste confiar.

— Nada receie, minha mãe, isto nada tem de grave, respondeu Olaf de Saville; estou hoje muito melhor.

A sra. de Saville consolada, levantou-se e sahiu, na intenção de não molestar seu filho, que sabia não gostar de ser por muito tempo perturbado no seu isolamento.

— Eis-me definitivamente Octavio de Saville, ex-

clamou o conde, apenas a respeitavel senhora sahiu; sua mãe reconhece-me e não advinha uma alma estranha sob a epiderme do filho. Eu estou talvez para sempre emparedado neste envoltorio; que singular prisão para o espirito que é o corpo de outro homem! Não obstante é muito difficil renunciar a ser o conde Olaf Labinski, a perder nobreza, mulher e fortuna e a vêr-se reduzido a uma mesquinha existencia de burguez. Oh! para sahir della, hei de rasgar esta tunica de Nesso que tenho sobre mim, e hei de entregá-la despedaçada a seu primeiro dono. Si en voltasse ao palacio! Não! Seria escandalo inutil e o suisso me poria na rua, pois que já não tenho o meu vigor, mettido como estou nesta camisola de doente; vejamos, procuremos, cumpre que eu saiba deste Octavio de Saville que agora sou. E procurou abrir a carteira. A mola tocada por acaso cedeu e o conde tirou dos bolsos de couro, primeiro muitos papeis, cobertos de linhas junctas e finas, depois um quarto de pergaminho; sobre o pergaminho uma mão pouco adestrada, mas fiel, havia desenhado, com a memoria do coração e a similhaça que nem sempre conseguem os grandes artistas, um retrato a *crayon* da condessa Prascovia Labinska, que era impossivel não reconhecer á primeira vista.

A esta descoberta o conde ficou estupefacto. A' surpresa succedeu um furioso movimento de ciume; como se achava o retrato da condessa na carteira

secreta deste moço desconhecido, de onde provinha, quem o fizera, quem o dera ?

Essa Prascovia, tão religiosamente adorada, teria descido do seu céu de amor a uma aventura vulgar ? Que zombaria infernal o encarnára, a elle marido, no corpo do amante dessa mulher até então considerada pura ? Depois de ter sido esposo passava a namorado !

Sarcatisca metamorphose, mudança de posição capaz de produzir a loucura, agora devia procurar enganar a si proprio, ser a um tempo Clitandro e Jorge Dandin !

Todas estas idéas enchiam-lhe tumultuosamente o craneo; via sua rasão prestes a fugir-lhe e fez, para ganhar um pouco de calma, um esforço supremo de vontade. Som ouvir João que o advertia de que o almoço estava na mesa, continuou com tremor nervoso no exame da carteira mysteriosa.

Os apontamentos de Octavio compunham uma sorte de jornal psychologico, morto e resuscitado em diferentes épochas; ahi vão alguns fragmentos, devorados pelo conde com anciosa curiosidade:

« Ella nunca me ha de amar, nunca, nunca ! Li em seus olhos tão meigos essa phrase tão cruel que o Dante não achou outra mais crua para inscrever sobre as portas de bronze da Citã Dolente: — Perdei toda a esperanza.— Que fiz eu a Deus para ser condemnado em vida ? Amanhã, depois, sempre, será

o mesmo ! Podem os astros cruzar as suas orbitas, unir-se em conjunção as estrellas, no meu destino nada ha de mudar. Com uma palavra, ella dissipou o sonho; com um gesto, cortou as azas á chimera.

« As combinações fabulosas das impossibilidades não me promettem probabilidade alguma; as cifras, atiradas um milhão de vezes na roda da fortuna, nada lirariam: para mim todos os numeros são brancos !

« Desventurado que sou ! sei que o paraíso está para mim fechado e continuo estupidamente assentado ao limiar, com as costas arrimadas á porta, que se não deve abrir, e choro em silencio, sem abalo, quasi sem communicação, como si meus olhos fossem fontes de espontaneas aguas. Não tenho a coragem de erguer-me e lançar-me no deserto immenso ou na Babel tumultuosa dos homens.

« A's vezes, quando á noite não posso dormir, penso em Prascovia; si durmo, sonho com ella. Oh ! como era bella nesse dia, no jardim da *villa* Salviati, em Florença ! Esse vestido branco e essas fitas negras eram um encanto e um pensamento ! Branco para ella, negro para mim ! A's vezes as fitas, agitadas pela brisa, formavam uma cruz sobre o fundo de admiravel alvura; um espirito invisivel dizia em segredo uma missa por morte do meu coração.

« Si alguma catastrophe inaudita pozesse em minha frente a corôa dos imperios e dos califados; si da terra jorrassem para mim as veias de ouro; si as

minas de diamantes de Golconda e de Visapour deixassem-me entranhar nas suas matrizes brilhantes; si a lyra de Byron acordasse sob meus dedos; si os mais perfeitos primores da arte antiga e moderna emprestassem-me suas bellezas; si eu descobrisse um novo mundo, ainda assim nada teria adiantado!

« De que depende o destino! pretendia ir á Constantinopla: não a houvera encontrado; fico em Florença, vejo-a e morro.

« Ha muito ter-me-hia suicidado; mas ella respira neste ar de que vivemos e talvez meus labios avidos tenham de aspirar—oh inefavel ventura!—um effluvio longiquo desse halito balsamico; e depois degradariam minha alma culpada para algum planeta de exilio, e na outra vida jámais podê-la-hia reduzir a amar-me. Viver ainda separados na eternidade, ella no paraizo, eu no inferno: oh pensamento acabrunhador!

« E porque hei de eu amar precisamente a unica mulher que não pôde amar-me! outras que dizem bellas, que eram inteiramente livres, davam-me os seus mais ternos sorrisos e pareciam aguardar uma confissão que não apparecia. Oh! como elle é feliz! De que sublime viver anterior o recompensa Deus com o dom magnifico deste amor? »

... Era inutil continuar a lèr.

Qualquer suspeita, que o conde pudesse ter concebido á vista do retrato de Prascovia, desvane-

cêra-se ás primeiras linhas destas tristes confidencias. Compreendeu que a imagem adorada, recomçada mil vezes, fôra cuidada longe do modelo com a paciencia fatigavel do amor desgraçado, e que era apenas a madona de uma pequena ermida mysteriosa, deante da qual se ajoelhava a adoração sem esperança.

— Mas si este Octavio tiver feito um pacto com o demonio para roubar-me o corpo e sob a minha fórma colher de surpresa o amor de Prascovia !

O inverosimil, no decimo nono seculo, de uma tal supposição, fez com que o conde a abandonasse, postoque o tivesse singularmente perturbado.

Sorrindo comsigo mesmo da sua credulidade, comeu, já frio, o almoço que João lhe annunciára, vestiu-se e pediu o carro.

Logo que este estava posto, dirigiu-se á casa do doutor Balthazar Cherbonneau; atravessou essas salas, em que na vespera entrára chamando-se ainda conde Olaf Labinski e de onde sahira saudado por todos com o nome de Octavio de Saville.

O doutor estava assentado, como de costume, no divan do aposento do fundo, segurando nas mãos um dos pés, e parecia mergulhado em profundo meditar.

Ao ruido dos passos do conde, o doutor levantou a cabeça.

— Ah ! é o senhor, meu charo Octavio; agora

mesmo ia á sua casa; mas é bom signal quando o doente vem visitar o medico.

— Sempre Octavio! disse o conde, creio que hei de ficar doudo de raiva! Depois, cruzando os braços, collocou-se deante do doutor, e encarando-o com fidez terrivel:

— Sabe muito bem, senhor Balthazar Cherbonneau, que eu não sou Octavio, mas sim o conde Olaf Labinski, pois que hontem á noite, aqui mesmo, roubou-me o corpo por meio das suas magias infernaes.

A estas palavras o doutor desandou numa enorme gargalhada, atirou-se para traz sobre as almofadas do divan e poz os punhos ao peito para conter as convulsões da sua alegria.

— Modere, doutor, esta alegria intempestiva, de que se poderá arrepender. Olhe que fallo serio.

— Tanto peor, tanto peor! isto prova que a anesthesia e a hypocondria, de que o tratava, mudam-se em loucura. Será preciso mudar apenas de tratamento.

— Não sei porque não o estrangulo, medico do inferno! exclamou o conde, adeantando-se para Cherbonneau.

O doutor riu-se da ameaça do conde, que tocou com a extremidade de uma varinha de aço. Olaf de Saville soffreu uma commoção terrivel e pareceu-lhe que tinha o braço quebrado.

— Oh ! nósoutros temos os meios de aquietar os doentes que se engrilham, disse elle deixando cahir sobre Olaf esse olhar gelado como uma ducha, que doma os loucos e faz cahir sobre o ventre os proprios leões. Volte para casa, tome um banho, esta superexcitação se acalmará.

Olaf de Saville, aturdido pela carga electrica, sahiu da casa do doutor Cherbonneau mais incerto e mais perturbado que nunca. Mandou seguir para Passy para casa do doutor B***, afim de consultá-lo.

— Estou dominado, disse ao celebre medico, por uma singular hallucinação; quando me olho ao espelho, o meu rosto não apparece com os seus traços habituaes; a fórma dos objectos que me cercam está mudada; não reconheço nem as paredes nem os moveis da minha camara; parece-me que já não sou o mesmo.

— Sob que aspecto vê-se? perguntou o medico; o erro póde provir dos olhos ou do cererebo.

— Vejo-me de cabellos negros, de olhos azul-escuros, de rosto pallido e barbado.

— Os signaes de um passaporte não seriam mais exactos; não soffre nem de hallucinação mental, nem de molestia de vista. E' com effeito tal e qual como se vê.

— Não ! Tenho cabellos louros, olhos negros, tez queimada, e bigode fino á hungara.

— Nisto, observou o medico, começa uma leve alteração de faculdade intellectual.

— Entretanto, doutor, eu não estou doudo.

— Sem a menor duvida. Só quem está em seu juizo pôde vir sósinho á minha casa. Alguma fadiga, algum excesso de estudo ou de prazer é a causa desta perturbação do seu estado normal. Engana-se; a visão é uma realidade, a idéa é que é chimera: em vez de um homem que se vê moreno, o senhor é um homem moreno que se julga louro.

— Todavia estou certo de ser o conde Olaf de Labinski e todos de hontem para cá chamam-me de Octavio de Saville.

— E' justamente o que eu dizia, respondeu o medico. E' o senhor de Saville e imagina ser o senhor conde de Labinski, que me lembro ter visto e que é realmente louro. Isto explica perfeitamente o modo por que se vê differente ao espelho; este rosto, que é o seu, não corresponde á sua idéa interior e fixa e isso o sorprehende. Basta só reflectir nisto— todos o chamam Octavio de Saville e por consequencia não partilham a sua crença. Venha passar aqui uns quinze dias: banhos, repouso, passeios sob o arvoredo hão de dissipar esta importuna mania.

O conde abaixou a cabeça e prometteu voltar. Já não sabia mais em que acreditar. Tornou para o aposento da rua de S. Lazaro e viu por acaso emcima

da mesa o cartão de convite da condessa Labinska, que Octavio mostrara a Cherbonneau.

— Com este talismã, disse elle, amanhã poderei vê-la !

IX

Logo que os creados carregaram para o carro o verdadeiro conde Labinski, expulso do seu paraizo terrestre pelo falso anjo da guarda de pé sobre o limiar, o Octavio transfigurado tornou a entrar no pequeno salão de alva e ouro, aguardando a condessa.

Apoiado no marmore branco da lareira coberta de flôres, via-se repetido no fundo do espelho collocado symetricamente sobre um consolo de pés dourados e de gosto caprichoso.

Postoque soubesse do segredo da sua metamorphose, ou, para dizer com mais exactidão, da sua transposição, com difficuldade se persuadia de que essa fórma humana, tão differente da sua, fosse a dupla encarnação do seu proprio corpo, e não podia arredar a vista desse phantasma estranho, que no entretanto tinha passado a ser elle proprio. Encarava-se e via-se outro. Involuntariamente examinou si o conde Olaf não estava juncto delle tambem perto da lareira a projectar-se no espelho; estava, porém, bem só; o doutor Cherbonneau tinha feito a cousa conscienciosamente.

Ao cabo de alguns minutos, Octavio Labinski já

não pensava no maravilhoso avatar, que passára a sua alma para o corpo do marido de Prascovia; seus pensamentos tomaram uma direcção mais de accordo com as suas circumstancias.

Um successo incrível, fóra de todo o limite do possível, e que a esperança a mais chimerica não ousaria sonhar no seu delirio, tinha-se dado !

Ia achar-se deante da gentil creatura que adorava e ella não o repelliria ! A combinação unica, que pudera conciliar sua felicidade com a virtude immaculada da condessa, realizára-se !

A's portas desse momento supremo, sua alma passava pelos transes e anciedades mais formidaveis: a timidez do verdadeiro amor fazia-o desfallecer como si habitasse ainda a fôrma despresada de Octavio de Saville.

A creada grave entrou e assim poz fim ao tumultuar de pensamentos que se combatiam. Ao vê-la approximar-se, não pôde Octavio Labinski dominar o sobresalto nervoso que sentia, e todo o sangue affluiulhe para o coração a estas palavras da creada.

— A senhora condessa agora póde receber o senhor conde.

Octavio Labinski seguiu-a, porque não conhecia os compartimentos do palacio e não queria trahir a sua ignorancia com a incerteza do caminhar.

A creada levou-o a uma vasta quadra que servia de

toilette, decorada com todos os primores do luxo o mais exigente. Uma serie de guarda-roupas de madeiras de preço, esculpidas por Knecht e Lionhart, e cujos batentes eram separados por columnas torcidas, em volta das quaes subiam em espiras delicados ramos de convolvulos com folhas em fórma de coração e flôres de campainha talhadas com arte infinita, formava uma especie de entablamento architectonico, ou um portico de ordem caprichosa de rara elegancia e acabada execução; nessas guarda-roupas estavam encerrados os vestidos de velludo e seda, as cachemiras, os manteletes, as rendas, as pellicas de zebelina, de rapoza azul, os chapéus de mil fórmas, todo o trem de guerra, emfim da mulher bonita.

Do outro lado repetia-se o mesmo thema, com a differença que as almofadas das portas eram substituidas por espelhos, que giravam sobre os quicios como cataventos, de modo a poder vêr-se de frente, de perfil, pelas costas, e julgar-se do effeito de um corpinho ou de um penteado.

Na terceira face erguia-se um grande toilette incrustado de alabastro negro, onde torneiras de prata entornavam agua quente e fria em immensa escudelas do Japão, encastoadas em recortes circulares do mesmo metal; frascos de crystal da Bohemia, que á luz das velas brilhavam como diamantes e rubis, guardavam essencias e perfumes.

As paredes e o tecto eram decorados de setim ver-

de-mar, como o interior de uma caixa de joias. Um espesso tapete de Smyrna de côres bem combinadas acolchoava o soalho.

No meio da camara, sobre um sacco de velludo verde, estava um grande cofre de fôrma singular, de aço de Khorassan, cinzelado, bordado e tecido de arabescos de uma complicação tal que era capaz de tornar simples os ornatos da sala dos embaixadores em Alhambra.

A arte oriental parecia ter dito a sua ultima palavra neste trabalho maravilhoso, em que os dedos de fada das Peris deveram ter tomado parte. Era neste cofre que a condessa Prascovia Labinska encerrava os seus adereços, joias dignas de uma rainha e que ella mui raras vezes punha, pensando com rasão que não valiam o lugar que cobriam.

Era muito bella para ter necessidade de ser rica: seu instincto de mulher lh'o dizia. Dest'arte não as trazia a lume, sinão nas occasiões solemnes, em que a magnificencia hereditaria da antiga casa Labinski devia mostrar-se em todo seu esplendor. Nunca diamantes foram menos occupados.

Juncto da janella, cujas amplas cortinas cahiam em fartas dobras, deante de um toucador *à la duchesse*, em face de um espelho que lhe estendiam dous anjos esculpidos por M.^{lle} de Fauveau com essa elegancia esbelta e delicada que characterisa o seu engenho; allumiada pela luz diaphana de dous can-

delabros de seis velas, estava sentada a condessa Prascovia Labinska, radiante de mocidade e belleza. Um albernoz de Tunis de uma delicadeza ideal, enfeitado com fitas azues e brancas alternativamente opacas e transparentes, envolvia-a como uma nuvem aerea e vaga; o fino tecido cahira sobre o assetinado das espaduas e deixava vêr a origem e dependencias de um collo que fizera parecer escuro e tismado o collo de neve de um cysne. Nos entreabertos da veste finissima sahiam em borbotões as rendas de um *peignoir* de cambraia, trajar de noite que não era apertado por cinta alguma; os cabellos da condessa estavam soltos e cahiam para traz em porções abundantes, como si foram um manto de imperatriz.

Por certo que as madeixas de ouro fluido de que Venus Aphrodita espremia perolas, ajoelhada na sua concha de nacar quando sahiu como uma flôr dos mares de azul jonico, eram menos louras, menos espessas, menos pesadas!

Misturae o ambar de Ticiano e o argenteo de Pau o Veroneso ao verniz de ouro de Rembrandt; fazei coar o sol atravez do topazio, e não obtereis ainda o toque maravilhoso destes opulentos cabellos que pareciam despedir luz em vez de recebê-la e que houveram merecido, melhor que os de Berenice, brilhar como nova constellação entre os antigos astros! Duas mulheres os dividiam, alisavam, encrespavam e disputavam em cachos cuidadosamente reunidos para que

o contacto do travesseiro não a encommo-dasse. Durante esta operação delicada, a condessa fazia dan-sar na ponta do pé uma chinella de velludo branco bordada a canotilho de ouro, pequena, tão pequena, que causára ciumes ás khanounes e ás odaliscas do Padischa.

A's vezes, deitando para traz as dobras de seda do albornoz, ella descobria o braço de neve, e apartava com a mão alguns cabellos que lhe cahiam para deante, com um movimento de graça provocadora.

Nessa languida posição de descuidosa, lembrava essas esbeltas figuras de toilettes gregos, que ornam os vasos antigos, cujo puro e suave contorno, cuja formosura joven e diaphana artista algum tem conse-guido imitar; estava mil vezes mais seductora ainda que no jardim da *villa* Salviati em Florença, e si Octavio não estivesse já louco de amores, tornar-se-hia então irremissivelmente; por felicidade, porém, nada se póde accrescentar ao infinito.

Octavio Labinski, a este aspecto, como si estivera em face do mais terrivel espectaculo, sentiu que as pernas tremiam-lhe e os joelhos vergavam-se-lhe. Seccou-se-lhe a bocca e uma agonia extrema cerrou-lhe a garganta como a mão de um thugg; chammas rubras passavam-lhe em turbilhão em torno dos olhos. Ao vêr tanta belleza, dir-se-hia sentir o effeito do aspecto da cabeça de Meduza.

Fez sobre si um esforço, dizendo que modos exal-

tados e desasados, que bem cabiam a um amante repellido, eram totalmente ridiculos em um marido, por mais apaixonado que ainda estivesse por sua mulher, e adeantou-se, resolutu para a condessa.

— Ah! és tu, Olaf! como voltaste tarde esta noite! disse a condessa sem se voltar, porque a sua cabeça estava retida pelas longas madeixas que as mulheres penteavam, e, desembaraçando do albornoz uma das suas lindas mãos, estendeu-lh'a com mimo.

Octavio Labinski tomou essa mão mais macia e fresca que uma flôr, levou-a aos labios e nella imprimiu um longo e ardente beijo: sua alma inteira concentrava-se neste pequeno logar.

Não sabemos que delicadeza de sensitiva, que divino instincto de pudor, que intuição innata do coração, advertiu a condessa: o que é certo é que uma nuvem rosea cobriu-lhe de subito o rosto, o collo e os braços, que tomaram essa côr de que se reveste no cimo das montanhas a neve virginal sorprendida pelo primeiro beijo do sol.

Estremeceu toda e retirou de vagar a mão, meio enfadada, meio-envergonhada; os labios de Octavio tinham-lhe produzido como que uma impressão de ferro em braza. No entanto em pouco voltára à calma, sorrindo da sua creanceice.

— Não me respondes, meu Olaf; ha seis longas horas que te não vejo; esqueces-me, disse ella em

tem queixoso, em outro tempo não serias capaz de deixar-me assim sósinha uma noite inteira. Pensaste ao menos em mim ?

— Sempre, respondeu Octavio Labinski.

— Ah ! não, nem sempre ; eu sei quando pensas em mim, mesmo distante. Ha algumas horas, por exemplo, estava eu só, sentada ao piano, tocando um pedaço de Weber e procurando adormecer o meu aborrecimento com a musica; tua alma esvoaçou alguns minutos em torno de mim no turbilhão sonoro das notas; depois, ao ultimo accorde vôou não sei para onde e não voltou mais. Não mintas, estou certa do que digo.

Prascovia, com effeito, não se enganava; nesse momento justamente, em casa do doutor Balthazar Cherbonneau, o conde Olaf Labinski inclinava-se sobre o copo d'agua magica, evocando uma imagem adorada com toda força da idéa fixa. Desde então o conde, immerso no oceano sem fundo do somno magnetico, não tinha mais tido nem idéa, nem sentimento, nem vontade.

As mulheres que tinham acabado o toilette nocturno da condessa retiraram-se; Octavio Labinski continuava sempre de pé, seguindo Prascovia com um olhar de chamma.

Encommodada e abrazada por este olhar, a condessa envolveu-se no seu albornoz como Polymnia nas suas vestes roçagantes. Sómente a cabeça lhe

surgia por cima das dobras brancas e azues, inquieta, mas encantadora.

Postoque nenhuma penetração humana pudesse advinhar a mysteriosa troca de almas, operada pelo doutor Balthazar Cherbonneau, por meio da formula do sannyasi Brahama Logum, Prascovia não reconhecia nos olhos do Octavio Labinski a expressão ordinaria dos olhos de Olaf, a de um amor puro, calmo, paciente, eterno como o amor dos anjos; uma paixão terrestre incendia esse olhar, que a perturbava e fazia corar. A condessa não saberia dizer o que se tinha passado, mas era fóra de duvida que se tinha passado alguma cousa. Mil supposições extravagantes passaram-lhe pela mente: já não era ella para Olaf mais do que uma mulher vulgar, cubiçada apenas por ser bella como uma meretriz? o accordo sublime de suas almas tinha-se rompido por alguma dissonancia que ella ignorava? amaria Olaf outra mulher? a corrupção de Paris teria manchado esse casto coração?

Fez a si propria rapidamente estas perguntas, sem poder a ellas responder de modo satisfactorio e viu que fóra loucura pensar em tal; todavia, bem no intimo d'alma, sentia que tinha razão.

Um terror secreto a invadia, como si estivera ante um perigo desconhecido, mas advinhado por esses ontros olhos d'alma, aos quaes sempre se não tem razão de não obedecer.

Levantou-se agitada e nervosa e encaminhou-se para a porta da sua camara de dormir. O falso conde a acompanhou, passando-lhe o braço pela cintura, como Othello acompanha Desdemona a cada sahida na peça de Shakespeare; quando ella, porém, chegou ao limiar da porta, voltou-se, deteve-se um instante, branca e fria como uma estatua, lançou um olhar de terror para o moço, entrou, fechou precipitadamente a porta e correu o ferrolho.

— O olhar de Octavio! exclamou ella, cahindo meio desfallecida em uma conversadeira. Quando voltou a si, disse consigo:—Mas porque modo este olhar, cuja expressão jámais esqueci, brilha esta noite nos olhos de Olaf? Octavio morreria? Seria sua alma que um momento me appareceu para dizer-me adeus antes de deixar a terra? Olaf! Olaf! si me enganei, si loucamente cedi a vãos terrores, tu me perdoarás; si eu te acolhesse esta noite, ficaria certa de me haver dado a outro que não a ti.

A condessa examinou si o ferrolho estava bem corrido, accendeu a lampada pendente do tecto, metteu-se na cama como uma creança medrosa com um sentimento de indefinivel agonia e não pôde consiliar o somno sinão ao amanhecer: sonhos incoherentes e singulares atormentaram o seu somno agitado.

Olhos em braza, os olhos de Octavio, fixavam-se nella do fundo de um confuso nevoeiro e dardejavam-

lhe raios de fogo, enquanto que aos pés do leito uma fôrma negra e sulcada de rugas conservara-se acorçada, a grunhir syllabas de uma lingua desconhecida; o conde Olaf appareceu-lhe tambem neste sonho absurdo, mas revestindo uma fôrma que não era a sua.

Não tentaremos pintar o como ficou de enfiado Octavio, quando viu-se deante da porta fechada e ouviu ranger dentro o ferrolho. Cahia por terra a sua esperança derradeira. Pois que ! recorrêra a meios terriveis, extraordinarios; entregára-se a um mago, talvez a um demonio; arriscando a vida neste mundo e a alma no outro para conquistar uma mulher que lhe escapava, postoque lhe fosse entregue sem defeza pelas feitiçarias da India.

Repellido como amante, era-o ainda como marido; a invencivel pureza de Prascovia zombava das machinações as mais infernaes. No lumiar da sua camara de dormir mostrá-se-lhe como um anjo branco de Sewedenborg fulminando o espirito do mal.

Não podia quedar a noite inteira nesta posição ridicula; procurou o aposento do conde, e, ao cabo de uma fila de quadras, viu uma onde se erguia um leito com columnas de ebano, cortinas de tapeçaria, em que, entre as ramagens e arabescos, estavam bordados alguns brazões. Panoplias de armas orientaes, couraças e capacetes de cavalleiros, allumiados

pelos raios de uma lampada, reflectiam vagos lampejos na sombra; as paredes, cobertas de couro da Bohemia estampados com douraduras, luziam como espelhos. Tres ou quatro enormes poltronas esculpidas, uma arca com innumerous lavores e figuras, completavam uma mobilia de gosto feudal e que não iria mal em uma vasta quadra de alcaçar gothico; não era, entretanto, da parte do conde frivola imitação da moda, mas sagrada memoria.

Essa cama era reproducção exacta da que elle occupava em casa de sua mãe, e, postoque varias vezes houvessem motejado dessa decoraçãõ de quinto acto, recusára constantemente trocar-lhe o estylo.

Octavio Labinski, alquebrado pelas fadigas e pelas emoções, atirou-se no leito e pegou no somno, amaldiçoando o doutor Balthazar Cherbonneau. Por felicidade, o dia trouxe-lhe idéas mais risonhas; prometeu a si proprio portar-se dahi em deante com mais moderaçãõ, apagar o fogo do olhar e tomar ares de marido; ajudado pelo creado grave do conde, vestiu-se com esmero e dirigiu-se com passo tranquillo à sala de jantar, onde a senhora condessa o esperava para o almoço.

X

Octavio Labinski desceu nas pegadas do creado, porque ignorava onde era a sala de jantar nesta casa

de que parecia dono; a sala de jantar era uma vasta quadra ao rez do chão, dizendo para o pateo, de estylo nobre e severo, que recordava a um tempo castello e abbadia: entablamentos de carvalho escuro de tom calmo e rico, divididos em almofadas e compartimentos symetricos, subiam até o tecto, onde vigas salientes e esculpidas formavam capiteis hexagonos coloridos de azul e adornados de faceis arabescos de ouro; nas amplas almofamadas do entablamento Philippe Rousseau pintára as quatro estações, symbolisadas, não por figuras mythologicas, mas por trophéus de natureza morta, composta de productos respectivos de cada época do anno; caças de Jadin correspondiam á natureza morta de Philippe Rousseau, e por cima de cada painel resplandecia, como disco de broquel, um immenso prato de Bernardo Palissy, ou de Leonardo de Limoges, de porcelana do Japão, de majolica ou de louça arabe, de colorido irisado com todos os matizes do prisma; caçadas de veado, pontas de uro, alternavam com a faiança, e, nos dous extremos da sala, grandes aparadores, altos como retabolos de egrejas hespanholas, erguiam sua architectura de primorosa mão de obra e recamada de ornatos, que bem puderam rivalisar com os mais sumptuosos trabalhos de Berrugueto, de Cornejo Duque e de Verbruggen; nas suas hastes dentadas em fórmula de cabides brilhavam confusamente a antiga baixella da familia Labinski,

gomis de azas chimericas, saleiros á moda antiga, taças, copas, peças de ornato trabalhadas pela peculiar phantasia allemã e dignas de tomar logar no thesouro da Abobada Verde de Dresde.

Defronte das baixellas antigas resplandeciam os productos maravilhosos da ourivesaria moderna, as obras primas de Wagner, de Duponchel, de Rudelphi, de Froment-Meurice; aparelhos para chá, de prata dourada, com pinturas de Feuchère e de Vechte, bandejas abertas a buril, cantaros para vinho de Champagne com azas de pampano, com baixos relevos de bacchanaes; aquecedores elegantes como tripodes de Pompéa; sem querer mencionar chrystaes da Bohemia, vidros de Veneza, aparelhos de antigos Saxe e antigos Sèvres.

Cadeiras de carvalho, forradas de marroquim verde, estavam enfileiradas ao longo das paredes, e, sobre a mesa de pés esculpidos em fôrma de garras de aguia, cahia do tecto uma claridade igual e pura, que coava pelos vidros brancos e embaciados que guarneciam uma especie de pequeno zimborio. Uma transparente grinalda de parras moldurava o fundo côr de leite com a sua folhagem verde.

Em cima da mesa, servida á moda dos russos, estavam já dispostos os fructos, cercados por um cordão de violetas, e os manjares esperavam pela faca dos convivas; sob as suas cobertas de metal polido, lucentes como capacetes de emires; um samovar de

Moscow deitava ao assobiar o seu penacho de vapor; dous creados, de calçolas curtas e gravatas brancas, quedavam immoveis e silenciosos por traz das duas poltronas, postos assim em face um do outro, quaes duas estatuas da domesticidade.

Octavio apoderou-se num só lance de olhos de todos estes detalhes, para não deixar-se involuntariamente preoccupar com a novidade dos objectos que lhe deviam ser familiares.

Um ligeiro perpassar que apenas se fazia sentir sobre as lages de marmore, um leve farfalhar de sedas, fizeram-no voltar a cabeça.

Era a condessa Prascovia Labinska que se aproximava e que sentou-se, depois de fazer-lhe um pequeno signal amigavel.

Trajava um *peignoir* de seda de quadros verdes e brancos, com uma guarnição de fofos da mesma fazenda, rematando em bico de pato; os cabellos, dispostos em espessos bandós sobre as fontes e pregados na nascença da nuca em voltas de ouro, semelhantes à voluta de um capitel jonico, formavam um penteado tão simples quanto nobre, e ao qual um estuario grego nada mudára; a côr de rosa de suas faces empallidecêra um pouco com a emoção da vespera e o somno agitado da noite; quasi imperceptivel aureola de nacar cercava-lhe os olhos de ordinario calmos e puros; a expressão do rosto era de fadiga e languidez; mas, assim prostrada, sua belleza não

era menos provocadora e deixava transparecer alguma cousa de humano; a deusa mostrava-se mulher; o anjo, fechando as azas, deixava de pairar.

Agora mais prudente, Octavio escondeu a chamma do seu olhar e cobriu seu mudo extasi com uma apparencia de indifferença.

A condessa adeantou seu pequeno pé, calçado com uma chinella de pelle parda avermelhada, para a lã sedosa do tapete felpudo, posto embaixo da mesa, para neutralisar o frio contacto do mosaico de marmore branco e de brocatel de Verona, que servia de soalho á sala de jantar, fez um rapido movimento de espaldas como acommettida por um ultimo arrepio de febre, e fixando os bellos olhos de um azul polar sobre o conviva que tinha por seu marido, porque o dia fizera com que se desvanecessem os presentimentos, os terrores e os phantasmas nocturnos, disse-lhe com voz harmoniosa e terna, cheia de casta indolencia, uma phrase em polaco !!! Com o conde usava muitas vezes da querida lingua materna nos momentos de doçura e intimidade, principalmente deante de creados francezes, a quem este idioma era desconhecido.

O parisiense Octavio sabia o seu latim, seu italiano, seu hespanhol, algumas palavras do inglez, mas, como bom gallo-romano, ignorava completamente as linguas slavas.

Os cavallos de frisa das consoantes, que defendem

as rarissimas vogaes do polaco, ter-lhe-hiam prohibido o approximar-se quando tentasse fazê-lo. Em Florença a condessa fallára-lhe sempre em francez ou italiano e nunca lhe passára pela idéa estudar o idioma em que Mickiewicz quasi egualou Byron. Nunca se previne tudo !

Ao ouvir esta phrase, passou-se no cerebro do corde, habitado pelo *eu* de Octavio, um factó muito singular: os sons, que eram extranhos para o parisiens, tomando o caminho da orelha slava, chegaram ao logr habitual em que a alma de Olaf os recebia para traduzi-los em pensamentos e lá evocaram como que uma memoria physica; Octavio entreviu vagamente o sentido da phrase; expressões aninhadas nas circumvoluções do cerebro, no fundo das gavetas de segredo da retentiva, apresentaram-se confusas, mas promptas para a resposta; essas vagas reminiscencias, porém, não sendo postas em communicação com o espirito, dissiparam-se em breve e tudo tornou o estado de trévas.

O embaraço do triste namorado era terrivel; não pensára em tas complicações, enluvando-se na pelle do conde Olaf abinski, e ficou sabendo que quem rouba a fórmula de outrem expõe-se a sérias inconveniencias.

Prascovia, admirada do silencio de Octavio e crendo que, por alguma distracção ou devaneio, não

a tivesse ouvido, repetiu lentamente a mesma phrase e em voz mais alta.

Si escutava melhor o som das palavras, nem por isso o falso conde comprehendia melhor sua significação; fazia esforços de desespero para advinhar de que se tratava; mas, para quem as não sabe, as compactas linguas do Norte não teem a menor transparencia, e si um francez póde desconfiar do que está dizendo uma italiana, será como um surdo, ouvido fallar uma polaca.

Apezar seu, um ardente rubor cobriu-lhe as aces; mordeu os beiços, e para tomar ares de tranquillidade, trinchou com raiva o comer que tirha n'ó prato.

— Dir-se-hia realmente, meu charo senhor, disse a condessa desta vez em francez, que me não entende ou que me não comprehende...

— Realmente, balbuciou Octavio Labnski, não sabendo muito o que dizia... este diabo desta lingua é tão difficil !

— Difficil ! sim, talvez para estrangeiros, mas para aquelle que a começou de fallar sobre os joelhos de sua mãe, desponta dos labios como sopro de vida, como o proprio effluvio do pensamento.

— Sim, é verdade; mas momento ha em que me parece que a não sei mais.

— Que estás dizendo, Olaf ? pois que ! tê-la-hias porventura esquecido, a lingua de seus avós, a lingua

da sagrada patria, a lingua que te dá a conhecer teus irmãos entre os homens, e, accrescentou ella mais baixo, a lingua em que pela primeira vez me disseste que me amavas!

— O habito de usar de outro idioma... arriscou Octavio por cumulo de rasões.

— Olaf, replicou a condessa em tom queixoso, vejo que Paris mudou-te; eu tinha rasão para não querer aqui vir. Quem me diz que quando o nobre conde Labinski voltar ás suas terras saberá responder ás felicitações dos seus vassallos!

O rosto encantador de Prascovia tomou uma expressão dolorosa; pela vez primeira a tristeza cobriu com as suas azas sombrias esta fronte pura como a de um anjo; esse estranho esquecimento feria-a no mais intimo da alma e parecia-lhe quasi uma traição.

O resto do almoço correu silencioso: Prascovia arrufava-se com aquelle que tomava pelo conde. Octavio estava num martyrio, pois que receiava outras perguntas que se veria forçado a deixar sem resposta.

A condessa levantou-se e voltou aos seus apentos.

Octavio, ficando só, brincava com o cabo de uma faca, que estava tendo vontade de cravar no coração, porque a sua posição era intoleravel: contára com uma surpresa e achava-se agora a braços com os meandros sem rumo nem sahida de uma existencia

que não conhecia: roubando o corpo ao conde Olaf Labinski, ter-lhe-hia sido preciso roubar-lhe também suas noções anteriores, as linguas que sabia, as suas recordações de infancia, os mil detalhes intimos que compunham o *eu* de um homem, as relações que ligavam sua existencia ás demais existencias; e para isso todo o saber do doutor Balthazar Cherbonneau não teria bastado.

Inferno! estar nesse paraíso, cujo limiar apenas ousava olhar de longe; habitar sob o mesmo tecto que Prascovia, vê-la, fallar-lhe, beijar-lhe a formosa mão com os proprios labios de seu marido—e não poder illudir seu pudor celestial, trahindo-se a cada passo com alguma inexplicavel estultice!

— Estava escripto lá em cima que Prascovia me não amaria! E no entanto fiz o maior sacrificio a que possa descer o orgulho humano: renunciei ao meu *eu* e consenti em aproveitar sob a fórma de outrem caricias a outrem destinadas!

Estava nesta parte de seu monologo, quando um groom enclinou-se deante d'elle com todas as mostras do mais profundo respeito, perguntando-lhe que cavallo montaria...

Vendo que elle não respondia, o groom atreveu-se, receioso por tal ousadia, a murmurar:

— Vultur ou Rustem? ha oito dias que não sabem.

— Rustem, respondeu Octavio Labinski, como

diria Vultur, mas só porque o ultimo nome ficára-lhe no espirito distrahido.

Poz-se a cavallo e dirigiu-se ao bosque de Bolonha na intenção de dar um banho refrigerante á sua exaltação nervosa.

Rustem, magnifico animal da raça Nedji, que trazia sobre os peitos, em um saquitel oriental de veludo bordado a ouro, seus pergaminhos de nobreza, que remontavam aos primeiros annos da hegira, não tinha por certo necessidade de ser incitado.

Parecia comprehender o pensamento de quem o montava, e, apenas deixára o pateo e sahira na rua, partira como uma frecha, sem que Octavio lhe fizesse sentir as esporas. Depois de duas horas de furiosa carreira, cavallo e cavalleiro voltaram ao palacio, o segundo mais calmo e socegado, o primeiro arquejante e com as ventas afogueadas.

O supposto conde entrou nos aposentos da condessa, que foi encontrar no seu salão, com um vestido de seda branca com babados até ácima, um laço de fitas juncto á orelha, porque era precisamente uma quinta-feira, dia em que ficava em casa para receber as suas visitas.

— Então, disse-lhe ella com gracioso sorriso, porque arrufos não lhe ficaram muito tempo nos labios formosos, encontraste tua memoria pelas alamedas do bosque ?

— Por Deus que não, minha amiga, respondeu

Octavio Labinski, urge, porém, que te faça uma confidencia.

— Não conheço eu de antemão todos os teus pensamentos? não nos miramos mutuamente em nossas almas?

— Hontem fui á casa desse medico de quem tanto se falla.

— Sei, o doutor Balthazar Cherbonneau, que esteve muito tempo nas indias e aprendeu, dizem, com os brahmanes uma porção de segredos, cada qual mais maravilhoso. Até me quizeste levar contigo; mas não sou curiosa: sei que me amas e basta-me esta sciencia.

— Fez á minha vista experiencias tão singulares, operou taes prodigios, que ainda estou com o espirito perturbado. Este homem extraordinario, que dispõe de um poder irresistivel, mergulhou-me em um somno magnetico tao profundo, que ao despertar conheci que já não dispunha das mesmas faculdades: tinha perdido a memoria de muitas cousas; o passado fluctuava em confusa nevoa: só o meu amor por ti ficára intacto.

— Não fizeste bem, Olaf, em submetter-te á influencia deste homem. Deus, que creou a alma, tem direito de attingi-la; mas o homem, procurando fazê-lo, commette uma acção impia, disse com accento de gravidade a condessa Prascovia Labinska. Conto que não voltarás e que, quando eu te disser alguma

cousa de amigavel—em polaco—, me comprehendas como me comprehendias outr'ora.

Octavio, durante o passeio a cavallo, imaginára esta desculpa de magnetismo para encobrir as inconveniencias, em que não podia deixar de incorrer, nesta sua nova existencia; mas não estava no cabo de martyrios. Um creado, abrindo a meio a porta, annunciou um visitante :

— O sr. Octavio de Saville.

Postoque devesse esperar, um dia ou outro, este encontro, o verdadeiro Octavio empallideceu a estas simples palavras, como si a trombeta do juizo final lhe soasse de repente aos ouvidos.

Precisou appellar para toda sua coragem e dizer consigo mesmo que tinha a vantagem da situação para não fallecer-lhe o animo; instinctivamente enterrou os dedos nas costas de uma conversadeira e assim conseguiu manter-se de pé com apparencia de firmeza e tranquillidade.

O conde Olaf, sob o corpo de Octavio, adeantou-se para a condessa e saudou-a profundamente.

— O sr. conde Labinski... o sr. Octavio de Saville... disse a condessa Labinska apresentando os cavalheiros um ao outro.

Os dous homens saudaram-se friamente, cruzando olhares de fêra através da mascara de marmore da pallidez mundana, que algumas vezes occulta bem atrozes paixões.

— Tem-me tratado com extremo rigor desde Florença, sr. Octavio, disse a condessa com voz amigavel e familiar, e estava com medo de deixar Paris sem o vêr. Era mais assiduo na *villa* Salviati; lá podia eu contá-lo no numero dos meus bons amigos.

— Minha senhora, respondeu contrafeito o falso Octavio, viajei, estive soffrendo, mesmo doente, e, ao receber seu gracioso convite, hesitei e perguntei a mim mesmo si devia aproveitar-me delle, pois cumpre não ser egoista e não abusar da indulgencia que se quer ter para com a personificação do aborrecimento.

— Aborrecido, talvez; aborrecivel, não; replicou a condessa; sempre foi melancolico—mas não diz um dos seus poetas da melancholia:

Depois da ociosidade é o melhor mal ?

— E' o que fazem correr os que são felizes para se verem dispensados de lastimar os que soffrem, disse Olaf de Saville.

A condessa lançou um olhar de inefavel doçura para o conde encerrado na fôrma de Octavio como para lhe pedir perdão do amor que involuntariamente lhe inspirára.

— Acredita-me mais frivola do que sou; toda a dor verdadeira tem a minha compaixão, e si não posso abrandá-la, sei ao menos compadecer-me. Quizera-o mais feliz, sr. Octavio; mas, porque se clausurou na sua tristeza, recusando obstinadamente

a vida que o procurava com todos os encantos, felicidades e deveres? Porque recusou a amizade que eu lhe offerecia?

Estas palavras tão simples e francas impressionavam de modo diverso os dous ouvintes.

Octavio via nellas a confirmação da sentença proferida no jardim de Salviati por essa mimosa bocca, immaculada pela mentira; Olaf via nellas mais uma prova da inalteravel virtude da mulher, que não podia succumbir sinão por meio de um artificio diabolico. Então uma subita raiva apoderou-se d'elle, vendo o seu espectro animado por outra alma, installado na sua propria casa, e atirou-se ás goellas do falso conde.

— Ladrão, bandido escelerado, restitue-me meu corpo!

A este acto extraordinario a condessa tocou a campainha e os creados carregaram o conde.

— Este, coitado, ficou doudo! disse Prascovia enquanto levavam Olaf, que se debatia em vão.

— Sim, respondeu o verdadeiro Octavio, doudo de amor! Condessa, és decididamente muito bella!

XI

Duas horas depois desta scena, o falso conde recebeu do verdadeiro uma carta fechada com o sinete de Octavio de Saville: o infeliz desapossado não ti-

nha outro á sua disposição. Isto produziu singular effeito no usurpador da identidade de Olaf Labinski, qual o de abrir uma missiva fechada com as suas proprias armas; tudo, porém, devêra ser extravagante nesta posição anormal.

A carta continha as linhas seguintes, traçadas por uma mão embaraçada e em caracteres que pareciam contrafeitos, por isso que Olaf não tinha o habito de escrever com os dedos de Octavio:

« Lida por outro que não o senhor, esta carta pareceria datada de algum hospicio de alienados; mas o senhor comprehende-me bem. Um concurso inexplicavel de circumstancias fataes, que porventura já-mais se deram desde que a terra gira em torno do sol, força-me a praticar uma acção que homem algum praticou em sua vida. Escrevo a mim mesmo e ponho neste sobrescripto um nome que é o meu, um nome que o senhor roubou-me, assim como a minha fórma. De que machinações tenebrosas sou victima, em que circulo de illusões infernaes cahi, ignoro; o senhor sabia-o sem duvida. Este segredo, si o senhor não é um cobarde, arrancar-lh'o-hei com o canno de minha pistola ou com a ponta de minha espada, no logar em que todo homem de honra ou infame responde ás perguntas que se lhe fazem; cumpre que amanhã um de nós tenha cessado de vêr a luz do céu. O extenso universo é agora muito estreito para nós ambos: matarei meu corpo animado pelo seu espi-

rito usurpador, ou matará o seu, em que minha alma se revolta com esta presa. Não tente fazer-me passar por louco; terei a coragem de ser razoavel, e, em toda parte em que o encontrar, hei de insultá-lo com a polidez de um cavalheiro, com a calma de um diplomata; os bigodes do sr. conde Olaf Labinski podem desagradar ao sr. Octavio de Saville e todos os dias sahe a gente juncto da Opera; espero, porém, que minhas palavras, bem que obscuras, não terão para o senhor sentido duvidoso, e que as minhas testemunhas entender-se-hão perfeitamente com as suas quanto á hora, logar e condições do duello. »

Esta carta poz Octavio em grande perplexidade. Não podia recusar o cartel de desafio do conde, e no entanto repugnava-lhe bater-se comsigo mesmo, por isso que conservava certa tendencia amistosa para com a sua antiga fórma. A idéa de vêr-se obrigado a este duello por algum ultrage e escandalo, fè-lo decidir-se a accetá-lo postoque em rigor pudesse metter o adversario em uma camisola de doudos e assim deter-lhe o braço; mas este meio violento não se compadecia com os seus escrupulos. Si, arrastado por uma paixão irresistivel, havia commettido um acto reprehensivel e occultado o amante sob a mascara do marido, para triumphar de uma virtude ácima de toda a seducção, não era todavia um homem sem honra e sem coragem; e esse mesmo partido extremo, não o havia tomado sinão depois de

tres annos de luta e soffrimento, no momento em que sua vida, acabrunhada pelo amor, lhe ia escapar. Não conhecia o conde; não era seu amigo; nada lhe devia e apenas se aproveitára do meio arriscado que lhe offerecia o doutor Balthazar Cherbonneau.

Onde buscar testemunhas? por certo entre os amigos do conde; mas Octavio, habitando ha um dia o palacio, não pudera ainda relacionar-se com elles.

Em cima da lareira avultavam duas taças de exquisito verde-mar, cujas azas eram formadas por dragões de ouro. Uma continha anneis, alfinetes, sinetes e outras quejandas joias; a outra, cartões de visita, em que, sob corôas de duques, marquezes e condes, em caracteres gothicos, arredondados e inglezes, estavam inscriptos pela mão de habéis abridores uma multidão de nomes polacos, russos, húngaros, allemães, italianos e hespanhoes, attestando a existencia de continuo viajar que levava o conde, que tinha amigos em todos os paizes.

Octavio tomou dous ao acaso: o conde Zamoieczki e o marquez de Sepulveda. Mandon pôr o carro e dirigiu-se á casa delles. Encontrou ambos. Não se mostraram sorprendidos com o pedido daquelle que tomavam pelo conde Olaf Labinski. Totalmente longe da sensibilidade das testemunhas burguezas, não procuraram saber si o negocio se podia accommodar e guardaram discreto silencio sobre o mo-

tivo do duello, como perfeitos cavalleiros que eram.

Por sua parte, o conde verdadeiro, ou, si o preferis, o falso Octavio era victima de embaraço equal; lembrou-se de Alfredo Humbert e de Gustavo Raimbault, a cujo almoço recusára assistir, e decidiu-os a segui-lo nesta conjunctura.

Os dous moços mostraram alguma surpresa por vêr mettido em um duello seu amigo que de ha um anno não havia quasi deixado a casa e cuja indole, mais pacifica que bellicosa, conheciam; desde, porém, que elle lhes disse que se tratava de um duello de morte por um motivo que não devia ser revellado, não fizeram mais objecção e dirigiram-se ao palacio Labinski.

As condições foram depressa assentadas. Uma moeda de ouro atirada ao ar decidiu qual a arma, em rasão da declaração dos adversarios de que a espada ou a pistola convinham-lhe egualmente. Deviam ir ao bosque de Bolonha, ás seis horas da manhã, na avenida de Poteaux, juncto a esse tecto de colmo, sustido por pilares rusticos, nesse logar livre de arvores, onde a areia amontoada offerece uma arena propria para esta especie de combates.

Depois que tudo estava convencionado, era perto de meia noite, Octavio dirigiu-se para a porta do aposento de Prascovia. O ferrolho estava corrido

como na vespera e a voz mofadora da condessa atirou-lhe atravez da porta este motejo:

— Volte quando souber o polaco, sou muito patriota para poder receber em minha casa um estrangeiro.

De manhã, o doutor Cherbonneau, prevenido por Octavio, chegou trazendo um estojo de instrumentos de cirurgia e um embrulho de faxas e tiras. Metteram-se ambos no carro. Zamoieczki e Sepulveda os seguiam num coupé.

— E então, meu Octavio, disse o doutor, a aventura vae tomando ares de tragedia. Eu devêra ter deixado dormir o conde no seu corpo encima do meu divan ahi uns oito dias. Já tenho prolongado por mais do que isso o somno magnetico. Debalde se vae estudar a sabedoria com os brahmanes, os panditas e os sanniasys da India; esquecemo-nos sempre de alguma cousa e encontramos imperfeições no plano que melhor combinamos. Mas como acolheu a condessa Prascovia o seu namorado de Florença assim disfarçado?

— Creio, respondeu Octavio, que ella me reconheceu, apezar da minha metamorphose, a não ser que o seu anjo da guarda lhe recommendasse ao ouvido que desconfiasse de mim; encontrei-a tão casta, tão fria, tão pura como a neve do polo. Sob a fórmula querida sua alma singular advinhava sem duvida uma alma extranha. Bem lhe dizia eu, doutor, que

nada podia fazer por mim; vejo-me ainda mais desgraçado do que quando me foi visitar pela primeira vez.

— Quem poderá marcar um limite ás faculdades da alma, disse o doutor Balthazar Cherbonneau com ar meditativo, sobretudo quando não se acha disvirtuada por nenhum pensamento terrestre, maculada por nenhum limo humano e conserva-se tal qual sahiu das mãos do Creador—na luz da contemplação do amor? Sim, tem razão, ella o conheceu; seu angelico pudor estremeceu todo sob o olhar do desejo e instinctivamente cobriu-se com as suas azas brancas. Lamento-o meu Octavio! seu soffrimento é com effeito sem remedio. Si estivessemos na idade média dir-lhe-hia:—Entre para um convento.

— Tenho nisso pensado muitas vezes, respondeu Octavio.

Tinham no entretanto chegado. O coupé do falso Octavio estava já no logar ajustado.

O bosque apresentava a essa hora da manhã um aspecto verdadeiramente pictoresco, que a *fashion* roubava-lhe durante o dia: corria essa parte do estio em que o sol não tem ainda tempo de escurecer o verde da folhagem; côres frescas, transparentes, lavadas pelo orvalho da noite, destacavam os massiços de verdura, de que se exhalava um perfume de virgem vegetação. As arvores nesse logar são especialmente bellas, ou porque tenham encontrado um

terreno mais favoravel, ou porque sejam as unicas que se conservam da vegetação antiga; os troncos vigorosos, tapeçados de musgo ou assetinados com a sua casca de prata, agarram-se ao solo por meio de raizes nodosas, projectam ramos de fórmias extravagantes e poderiam servir de modelos aos estudos de pintura e decorações, para as quaes mui longe se vão procurar outros muito menos notaveis. Alguns passarinhos que o ruido do dia faz calar, chilravam alegres sob a folhagem. Uma lebre arisca atravessava em tres saltos a areia da alameda e corria a esconder-se nas moitas, assustada com o barulho dos carros.

Essa poesia da natureza, sorprehendida em habitos menores, preocupava bem pouco como é facil vêr, os dous adversarios e suas testemunhas.

A presença do doutor Cherbonneau causou desagradavel impressão no conde Olaf Labinski; foi, porem, impressão de um momento.

Mediram as espadas, marcaram as posições dos combatentes, que, depois de tiradas as casacas, pozeram-se em guarda, frente á frente.

As testemunhas gritaram:—Vamos.

Em todo o duello, qualquer que seja o encarniçamento dos adversarios, ha um momento de immobibilidade solemne; cada combatente estuda o inimigo em silencio e fórmula o seu plano, calculando o ataque e preparando-se para a defeza; depois as espadas procuram-se, desafiam-se, apalpam-se, por assim

dizer, sem perderem-se de vista : isto dura alguns segundos, que parecem minutos, horas, á anciedade dos assistentes.

Aqui, as condições do duello, aparentemente ordinarias para os espectadores, eram tão singulares para os combatentes, que permaneceram assim em guarda por mais tempo do que era costume. Na verdade cada um tinha deante de si seu proprio corpo e ia enterrar o ferro em uma carne que ainda na vespera lhe pertencia.

O duello implicava uma especie de suicidio não previsto, e, postoque ambos valorosos, Octavio e o conde sentiam um horror instinctivo ao verem-se com as espadas em punho ante seus phantasmas e prestes a atirarem-se sobre si proprios.

As testemunhas impacientadas iam clamar ainda uma vez:—Senhores, vamos ! quando as folhas das espadas mutuamente se feriram.

Alguns botes foram aparados com equal presteza de parte á parte.

O conde, graças á sua educação militar, era um habil jogador de espada; tinha aberto innumerous furos nas cotas d'armas dos mestres mais celebres; mas si continuava a dispôr da theoria, já não tinha para pô-la em pratica esse braço vigoroso, habituado a perseguir os mouridas de Schamyl; era o debil punho de Octavio que sustinha a espada.

Octavio, ao contrario, no corpo do conde achava-

se com um vigor inaudito, e, postoque menos adestrado, affastava sempre do peito o ferro que o procurava.

Debalde Olaf tentava alcançar o adversario e atirava botes arriscados. Octavio, mais frio e mais firme, frustrava todo o ardil.

A cholera começava de apoderar-se do conde, cujo duellar tornava-se atrevido, mas desordenado. Resignado a ficar Octavio de Saville, queria matar esse corpo impostor que podia enganar Prascovia, pensamento este que lhe causava inexprimivel raiva.

Correndo o risco de deixar-se atravessar pelo adversario, tentou ir a fundo para tocar, atravez do seu proprio corpo, a alma e a vida do seu rival; mas a espada de Octavio volteou em torno da sua num movimento tão rapido, tão secco, tão irresistivel, que o ferro, arrancado do punho do conde, saltou para o ar e foi cahir a alguns passos de distancia.

A vida de Olaf estava á disposição de Octavio: não tinha mais do que cahir sobre elle para traspasá-lo de lado a lado. O rosto do conde vestiu-se de terror, não que tivesse medo da morte, mas por pensar que ia deixar sua mulher entregue ao ladrão do seu corpo, que dahi em diante nada podia desmascarar.

Octavio, longe de aproveitar-se da sua vantagem, atirou fóra a espada, e, fazendo o signal ás testemunhas que não interviessem, encaminhou-se para o

conde estupefacto e tomou-o pelo braço, levando-o a um lugar cerrado do bosque.

— O que me quer, Senhor? disse o conde. Porque me não matou quando o podia fazer? Porque não quiz continuar o duello, depois de me haver deixado tomar a espada, si lhe repugnava ferir um homem desarmado? sabe muito bem que o sol não deve projectar a um tempo nossas duas sombras no chão e que cumpre que a terra absorva uma.

— Ouça-me com paciencia, disse Octavio. Sua felicidade está em minhas mãos. Posso conservar para sempre este corpo, em que hoje moro e que lhe pertence por justos titulos; tenho satisfação em dizê-lo, agora que não temos testemunhas e que só os passaros, que o não repetirão, podem ouvir-nos; si começarmos o duello, eu o matarei. O conde Olaf Labinski, que represento da melhor maneira que posso, é mais forte na esgrimma que Octavio de Saville, cuja fôrma o senhor tem presentemente, e que serei forçado, bem a meu pezar, a supprimir; e esta morte, posto que não real, por isso que minha alma sobreviveria, iria mortificar minha mãe.

O conde, reconhecendo a verdade destas observações, conservou-se calado, dando assim mostras de acquiescencia.

— Nunca lhe será possível continuou Octavio, si eu me oppuzer, reintegrar-se na sua individualidade; sabe em que deram as suas duas tentativas. Outra

investida fa-lo-ha passar por um monomaniaco. Ninguem acreditará uma palavra das suas allegações, e, quando o senhor pretender ser o conde Olaf Labinski, todos o escarnecêrão, como já tem dados para disto se convencer. Mettê-lo-hão em um hospicio e terá de passar o resto da sua vida dentro de uma jaula a protestar que é effectivamente o marido da formosa condessa Prascovia Labinska. As almas compassivas dirão ao ouvi-lo:—Pobre Octavio! Será desdenhado como o Chabert de Balzac, que pretendia provar que não estava morto.

Isto era tão mathematicamente verdadeiro que o conde abatido deixou cahir a cabeça sobre o peito.

— Como é agora Octavio de Saville, tem sem duvida remechido as suas gavetas, folheado os seus papeis, e não pôde ignorar que elle nutre de ha tres annos pela condessa Prascovia Labinska um amor de louco, sem esperança, que debalde tem procurado arrancar do coração, e que não sahirá sinão com a vida, si o não seguir ao tumulo.

— Sim, sei, disse o conde mordendo os beiços.

— Pois bem, para chegar até ella, lancei mão de um meio horrivel, medonho, e que só uma paixão delirante poderia acceitar; o doutor Cherbonneau por minha causa poz mão em uma obra capaz de fazer recuar os thaumaturgos de todos os paizes e de todos os tempos. Depois de nos haver posto a ambos em profundo somno, trocou magneticamente o

envolucro das nossas almas. Maravilha inutil ! Vou restituir-lhe seu corpo: Prascovia não me ama ! No corpo do marido reconheceu a alma do amante; seu olhar fez-se gelo no limiar da camara conjugal, como no jardim da *villa* Salviati.

Um soffrimento tão verdadeiro trahia-se na expressão de Octavio que o conde acreditou em suas palavras.

— Sou um namorado, acrescentou Octavio sorrindo, não um ladrão; e, pois que o unico bem que almejei na terra não me pôde pertencer, não vejo rasão para guardar seus titulos, seus castellos, suas terras, seu dinheiro, seus cavallos, suas armas. Vamos, dê-me o abraço, pareçamos reconciliados, agradeçamos às nossas testemunhas, tomemos o doutor Cherbonneau e voltemos ao laboratorio magico, donde sahimos transfigurados; o velho brahmane deve saber desmanchar o que fez.

— Senhores, disse Octavio, sustentando ainda por alguns minutos o papel de conde Olaf Labinski, trocámos, meu adversario e eu, explicações confidenciaes que tornam inutil a continuação do duello. Nada aclara tanto as idéas entre homens de bem como o cruzar de duas espadas.

Os senhores Zamoieczki e Sepulveda metteram-se em seu carro. Alfredo Humbert e Gustavo Raimbault tomaram o seu coupé. O conde Olaf Labinski,

Octavio de Saville e o doutor Balthazar Cherbonneau tomaram no seu trem o caminho da rua do Regard.

1^{ua}

XII

Durante o trajecto do hosque de Bolonha á rua do Regard, Octavio de Saville disse ao doutor Cherbonneau:

— Meu charo doutor, vou ainda uma vez valer-me da sua sciencia: é preciso reinstallar cada uma de nossas almas no seu domicilio habitual. Isto não lhe deve custar muito; espero que o senhor conde Labinski não lhe ficará querendo mal por lhe ter feito trocar um palacio por uma choupana e alojar por algumas horas sua personalidade brilhante na minha misera individualidade. Demais, sei que possue um poder que se não póde arreceiar de vingança alguma.

Depois de fazer um signal de acquiescencia, disse o doutor Balthazar Cherbonneau:

— A operação será desta vez muito mais simples que da outra; os laços imperceptiveis que ligam a alma ao corpo foram em ambos rotos ha pouco tempo e não puderam ainda reatar-se; as suas vontades não opporão o obstaculo que oppõe ao magnetizador a resistencia instinctiva do magnetizado. O senhor conde ha de sem duvida perdoar a um velho sabio como eu o não poder resistir ao prazer de fa-

zer uma experiencia, para a qual nem sempre se acha motivo, pois que esta tentativa serviu além de tudo, para confirmar soberanamente uma virtude, que se requinta até o ponto de advinhar e triumphar naquillo em que outra qualquer teria succumbido. Considerará, se quizer, como um sonho extravagante esta ephemera transformação e talvez mais tarde fique bem contente por haver passado por esta sensação extranha, que muito poucos homens tem conhecido—a de ter habitado dous corpos. A metempsychose não é uma doutrina nova; mas, antes da transmigração para outra existencia, as almas esgotam a taça do esquecimento; e nem todos podem, como Pythagoras, recordar-se de haver assistido á guerra de Troia.

— O obsequio de reintegrar-me na minha individualidade, respondeu polidamente o conde, equivale ao desgosto de me haver expropriado, seja isto dito sem nenhuma intenção de offensa ao senhor Octávio de Saville, que sou ainda e que vou deixar de ser.

Octavio sorriu com os labios do conde Labinski a esta phrase, que chegava ao seu destino atravez de um involucro exlranho, e o silencio reinou entre estas tres personagens, cuja situação anormal tornava difficil qualquer conversação.

O triste Octavio pensava na sua esperanza desiludida e os seus pensamentos, cumpre confessar, não

eram muito côr de rosá. Como todos os amantes infelizes, perguntava ainda a si mesmo porque não era amado—como si o amor tivesse um porquê! A rasão unica que se póde dar é o *por causa de*, resposta logica no seu laconismo emperrado, que as mulheres oppõem a todas as perguntas embaraçosas. No emtanto via-se vencido e sabia que a mola da vida, um instante movida no seu corpo pelo impulso do doutor Balthazar Cherbonneau, desarranjára-se de novo e agitava-se no seu coração como a de um relógio que se deixa cair.

Octavio não teria querido causar á sua mãe a magoa de um suicidio e procurava a oportunidade para finir-se silencioso com o seu soffrer desfarçado sob o nome scientifico de uma molestia plausivel. Si fôra pintor, poeta ou musico, crystallisaria a sua dôr em obras primas, e Prascovia, vestida de branco, coroada de estrellas, igual á Beatriz do Dante, teria pairado sobre sua inspiração como um anjo luminoso; mas, já o dissemos no começo desta historia, postoque moço instruido e distincto, Octavio não era um desses espiritos eleitos que deixam na terra vestígios de sua passagem. Alma obscuramente sublimé, sabia apenas amar e morrer.

O carro entron no pateo do velho palacio da rua do Regar, pateo tapeçado de herba verde, em que os passos dos visitantes tinham aberto caminho e que as altas paredes ennegrecidas do edificio inundavam

de gelida sombra, semelhante áquella que cahe das arcarias de um claustro: o silencio e a immobilidade velavam sobre o limiar como duas estatuas invisiveis alli postas para proteger a meditação do sabio.

Octavio e o conde apearam-se e o doutor desceu do estribo do carro com passo mais lesto do que se devia esperar da sua idade, sem apoiar-se ao braço do creado que lh'o apresentava com essa polidez que os creados de uma casa nobre apparentam para com as pessoas fracas ou edosas.

Desde que as portas se fecharam apoz elles, Olaf e Octavio sentiram-se envolvidos por essa atmosphera abrazadora que recordava ao doutor a atmosphera da India e em que só podia respirar á vontade, mas que quasi suffocava quem não se havia como elle deixado torrar por espaço de trinta annos pelo sol dos tropicos. As encarnações de Wisknou careteavam sempre dentro dos seus quadros, ainda mais extravagantes á luz do dia do que a das velas; Shiva, o deus azul, tinha ares de chacota encima de sua peanha, e Dourga, mordendo o beijo callejado com dentes de javali, parecia agitar o seu rosario de craneos. Os aposentos conservavam sua impressão mysteriosa e de magia.

O doutor Balthazar Cherbonneau levou os dous reclusos para a quadra em que operára a primeira transformação; poz em movimento o disco da machina electrica, agitou os raios de ferro do vaso mes-

merico, abriu as mangas do aparelho calorifero de modo a fazer subir rapidamente a temperatura, leu duas ou tres linhas em papyros tão antigos que assimilhavam-se a velhas cascas de arvores prestes a reduzir-se a pó, e, paasados alguns minutos, disse a Octavio e ao conde:

— Senhores, estou ás suas ordens; quereis que principiemos ?

Emquanto o doutor dava-se a estes preparativos, reflexões inquietadoras passavam pela mente do conde.

— Quando eu estiver adormecido, que fará da minha alma este velho feiticeiro com feições de macaco, que bem póde ser o diabo em pessoa ? Restitui-la-ha ao meu corpo, ou a levará consigo para o inferno ? Esta troca que me deve restituir a mim mesmo não será uma nova cilada, uma combinação machiavelica para alguma feitiçaria, cujo fim não percebo ? Entretanto nada póde peiorar minha posição. Octavio possui meu corpo, e, como elle o dizia muito bem ainda ha pouco, reclamá-lo eu sob a minha fórmula actual, fôra querer dar-me por doudo. Si tivesse querido desembaraçar-se definitivamente de mim, bastava-lhe apenas adeantar a ponta da espada; eu estava desarmado, a seu dispor; a justiça dos homens nada tinha com isso; as formulas do duello eram perfeitamente regulares e tudo se tinha passado segundo o uso admittido. Vamos! pensemos

em Prascovia e nada de terrores de creança! Lancemos mão do unico meio que me resta para reconquistá-la!

E tomou, como Octavio, o raio de ferro que o doutor Balthazar Cherbonneau lhe apresentava.

Fulminados pelos conductores de metal carregados abundantemente de fluido magnetico, os dous moços cahiram de improviso em um somno tão profundo, que seria comparado á morte por quem não o conhecesse; o doutor fez os passes, executou o ritual, pronunciou syllabas, como da primeira vez, e para logo duas pequenas luzes appareceram sobre Octavio e o conde, estremecendo; o doutor reconduziu á sua morada primitiva a alma do conde Olaf Labinski, a qual seguiu em rapido vôo o gesto do magnetizador.

No entretanto a alma de Octavio afastava-se lentamente do corpo de Olaf, e, em vez de procurar juntar-se ao seu corpo, elevava-se, elevava-se, alegre por vêr-se livre e não parecia cuidar em voltar á sua prisão.

O doutor sentiu-se tomado de compaixão por esta Psyché a palpitar com as azas, e perguntou a si mesmo si era um beneficio reconduzi-la para este valle de miserias. Durante este minuto de hesitação, a alma remontava sempre. Instintivamente lembrando-se do seu papel, o doutor Cherbonneau repetiu com accento o mais imperioso o irresistivel monossylabo e fez um passe fulgurante de vontade; o

lumesinho tremulo já estava fóra do circulo de attracção: e, atravessando o vidro superior da vidraça desapareceu.

O doutor poz fim aos esforços que sabia serem superfluos e despertou o conde, que vendo-se num espelho com physionomia habitual, soltou um grito de alegria, lançou um olhar sobre o corpo sempre immovel de Octavio, como paracertificar-se de que estava definitivamente desembaraçado desse envolvero e atirou-se para fóra do aposento, depois de ter saudado com a mão Balthazar Cherbonneau.

Alguns instantes depois, ouviu-se o rodar surdo de um carro e o doutor Balthazar Cherbonneau ficou só, face á face com o cadaver de Octavio de Saville.

— Pela tromba de Ganesa ! exclamou o discipulo do brahmane de Elephanta, logo que o conde sahiu, eis ahi uma dos diabos ! abri a porta da gaiola, o passaro vôou e ei-lo já fóra da esphera terrestre, tão longe que o proprio sannyasi Brahma-Logum não o apanharia; o que é certo que estou com um cadaver em casa. Posso muito bem dissolvê-lo num banho corrosivo tão energico que não ficará um atomo apreciavel, ou fazer delle em algumas horas uma mumia de Pharaó, egual ás que encerram estas caixas tecidas de hieroglyphos; mas ahi vinham os inqueritos, remechiam-me a casa, abriam-me as caixas, obrigavam-me a soffrer toda a sorte de interrogatorios aborrecidos....

Nisto uma idéa luminosa atravessou o espirito do doutor; tomou uma penna e traçou rapidamente algumas linhas num papel que fechou dentro da gaveta da sua mesa.

O papel continha estas palavras:

« Não tenho parentes, nem proximos, nem remotos; porisso lego todos os meus bens ao senhor Octavio de Saville, a quem voto particular affeição, sob condição de pagar cem mil francos ao hospital brahmane de Ceylão para os animaes velhos, cançados ou doentes e de pagar mais mil e duzentos francos de renda vitalicia ao meu creado indio e ao meu creado inglez, e de entregar á biblioteca Mazarina o manuscrito das leis de Manou. »

Este testamento em beneficio de um morto feito por um vivo não é uma das cousas menos singulares deste conto inverosimilhante e todavia real; esta singularidade porém, vae ser agora explicada.

O doutor apalpou o corpo de Octavio de Saville, que o calor da vida ainda não abandonára, mirou no espelho o rosto enrugado, trigueiro e amarrotado, como o marroquim, com ar singularmente desdenhoso, e, fazendo-lhe um gesto como o de quem tira uma casaca quando o alfaiate traz outra nova, murmurou a formula do sannyasi Brahma Logum.

Immediatamente o corpo do doutor Balthazar Cherbonneau cahiu como fulminado no tapete e o de Octavio de Saville ergueu-se forte, lesto e prompto.

Octavio Cherbonneau conservou-se de pé alguns minutos deante desse magro despojo, ossudo e livido, que não sendo mais sustentado pela alma poderosa que ha pouco o vivificava, apresentou quasi immediatamente a mais extrema senilidade e tomou rapidamente uma apparencia cadaverica.

— Adeus, triste farrapo humauo, miseravel andrajo de cotovellos rotos, usado e surrado em todas as costuras, que vesti por espaço de setenta annos, em todas as cinco partes do mundo! prestaste-me muito bons serviços e não é sem saudade que eu te deixo. Um e outro nos habituamos a viver junctos por tanto tempo! mas com este novo envolucro, que em breve a minha sciencia tornará robusto, poderei estudar, trabalhar, lêr ainda algumas palavras do grande livro, sem que a morte o venha fechar no paragrapho mais interessante, dizendo—Basta!

Depois desta oração funebre dirigida a si mesmo, Octavio Cherbonneau sahiu com passo tranquillo para ir tomar posse de sua nova existencia.

O conde Olaf Labinski tinha voltado ao seu palacio e mandára saber logo em seguida si a condessa lhe podia fallar.

Foi encontrá-la sentada em um banco de musgo, na estufa, cujas paredes de crystal, erguidas a meio, deixavam passar um ar tepido e luminoso, no meio de uma verdadeira floresta virgem de plantas exoticas e tropicaes; lia Novalis, um dos escriptores mais

subtis, mais rarefeitos, mais immateriaes que tenha produzido o espiritalismo allemão; a condessa não gostava dos livros que pintam a vida com côres reaes e fortes, por isso que a vida lhe parecia um tanto grosseira á custa de ter vivido em um mundo de elegancia, amor e poesia.

Poz de parte o seu livro e levantou lentamente os olhos para o conde. Receiava encontrar ainda nas pupillas negras de seu marido esse olhar ardente, tempestuoso, prenhe de pensamentos mysteriosos, que a tinha tão desagradavelmente perturbado e que se lhe affigurava—louca apprehensão, idéa extravagante!—o olhar de outrem!

Nos olhos de Olaf transparecia uma alegria serena, ardia o fogo egual e lento de um amor casto e puro; a alma extranha que lhe mudava a expressão da physionomia tinha fugido para sempre: Prascovia reconheceu de repente o seu adorado Olaf e um rapido rubor de prazer coloriu as suas faces transparentes. Postoque que ella ignorasse as transformações operadas pelo doutor Cherbonneau, a sua delicadeza de sensitiva advinhára todas essas mudanças, sem que ella entretanto tivesse disso consciencia.

— O que estavas lendo, minha Prascovia? disse Olaf tomando de cima do musgo o livro encadernado em marroquim azul. Ah! é a historia de Henrique de Offerdingen—justamente o volume que te fui buscar a todo o galope a Mohiler, num dia em que mos-

traste desejo de tê-lo. A' meia noite estava em cima do teu creado-mudo, ao lado da tua lampada; tambem Ralph ficou polmoeirado.

— E eu te disse que nunca mais havia de manifestar a menor phantasia á tua vista. E's como esse grande de Hespanha que pedia á sua amante que não olhasse para as estrellas, porque elle não lh'as podia dar.

— Si tu olhasses para uma, disse o conde, eu havia de subir ao céu e ir pedi-la a Deus.

Emquanto ouvia seu marldo, a condessa deitára para traz uma madeixa rebelde dos seus bandós, que scintillava como uma chamma em um raio de ouro. Este movimento fizera arregaçar a manga do vestido e descobrira o seu lindo braço, cercado no punho por um lagarto constellado de turquezas, que trazia nesse dia em que foi a Cascines e que tão fatal foi a Octavio.

— Que susto, disse o conde, te causou este pobre lagarto, que matei com uma chibatinha, quando pela primeira vez desceste ao jardim, a instancias minhas. Mandeio-o moldar em ouro e ornar com algumas pedras; mas, ainda como joia, parecia-te sempre assustador, e só ao cabo de certo tempo te decidiste a pô-lo no braço.

— Oh! estou agora completamente habituada a elle, e é das minhas joias a que prefiro, porque me traz á memoria uma recordação bem grata.

— E' verdade, retorquiu o conde; nesse dia com-

binamos que no dia seguinte te mandaria pedir oficialmente á tua tia.

A condessa, que de novo achava o olhar, a voz do verdadeiro Olaf, levantou-se, cada vez mais tranquilisada por todos estes pormenores da vida intima, sorriu-lhe, tomou-lhe o braço e deu com elle algumas voltas pela estufa, colhendo de passagem, com a mão que lhe ficava livre, algumas flores, cujas petal-as mordia com os labios frescos, como a Venus de Schiavone que come rosas.

— Visto que hoje estás com tão boa memoria, disse ella pondo fóra a flôr que cortava com os dentes de perolas, deves ter achado o uso da tua lingua materna, que hontem já não sabias.

— Oh! respondeu o conde em polaco, ella ha de ser a que minha alma ha de fallar no céu para dizer-te que te amo, si é que as almas conservam no paraizo a linguagem humana.

Prascovia, mesmo caminhando, enclinou suavemente a cabeça sobre o hombro de Olaf.

— Amado coração, murmurou ella, eis-te como te quero. Hontem mettias-me medo e fugi-te como a um extranho.

No dia seguinte Octavio de Saville, animado pelo espirito do velhor doutor, recebeu uma carta tarjada de preto, que lhe pedia a charidade de assistir ao officio funebre, sahimento e enterro do doutor Balthazar Cherbonneau.

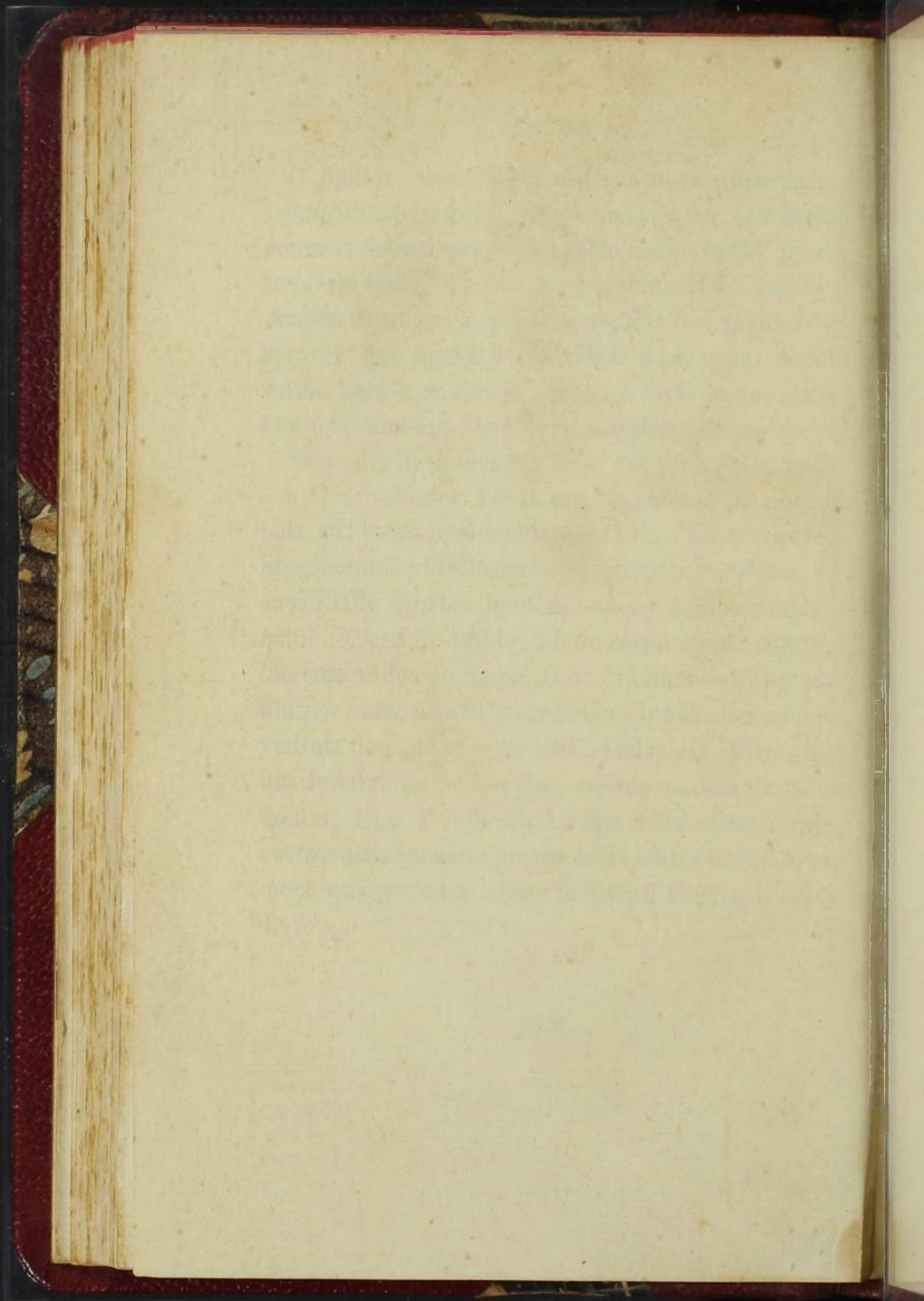
O doutor, revestido com a sua nova apparencia, acompanhou os seus restos mortaes ao cemiterio, viu-se enterrar, ouviu com rosto compungido, muito bem arranjado, os discursos pronunciados juncto á sua sepultura, nos quaes se deplorava a perda irreparavel que acabava de soffrer a sciencia: depois voltou para a rua de S. Lazaro e esperou que abrissem o testamento, que havia escripto em seu favor.

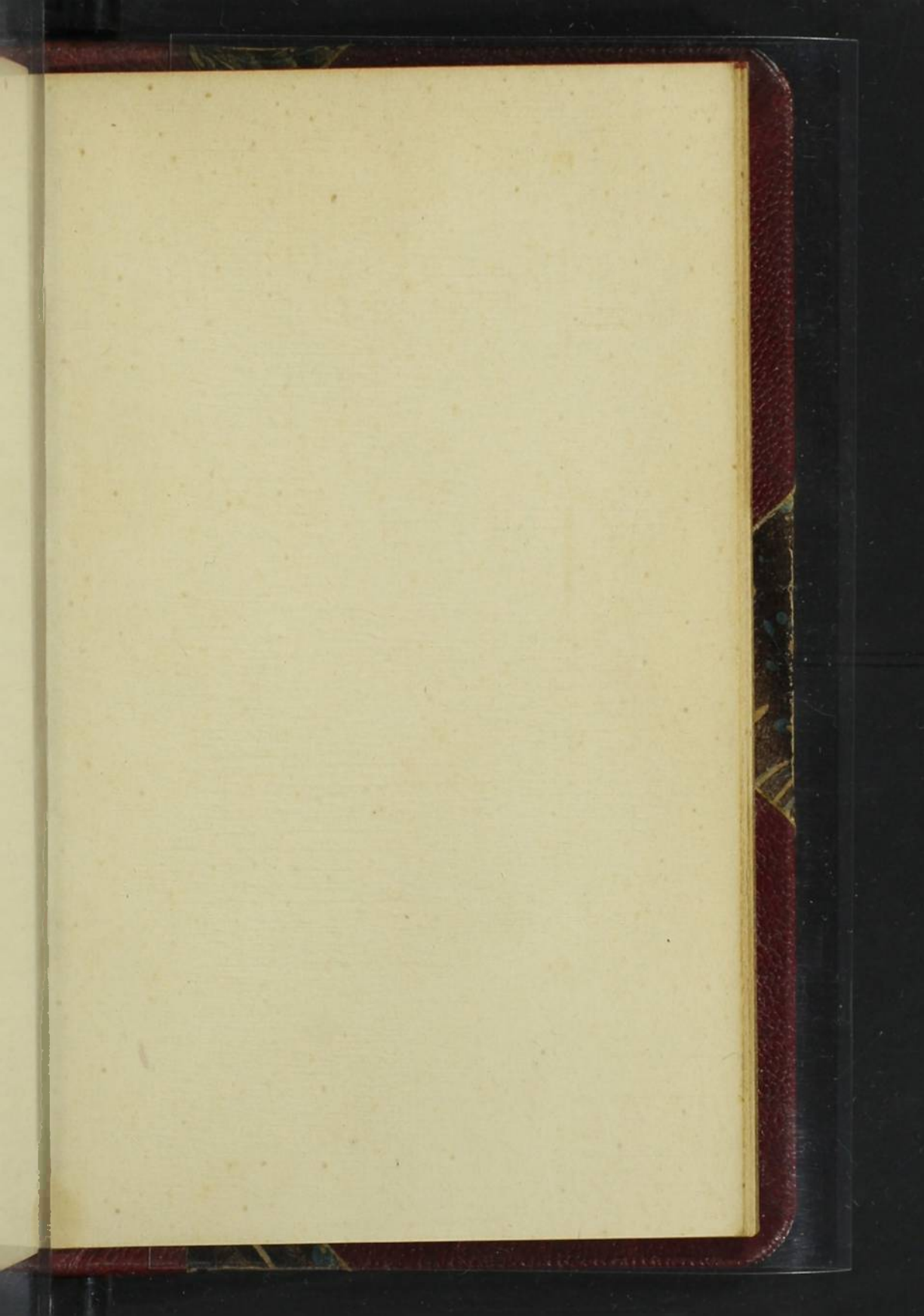
Nesse dia lia-se nas *Noticias* dos jornaes da tarde:

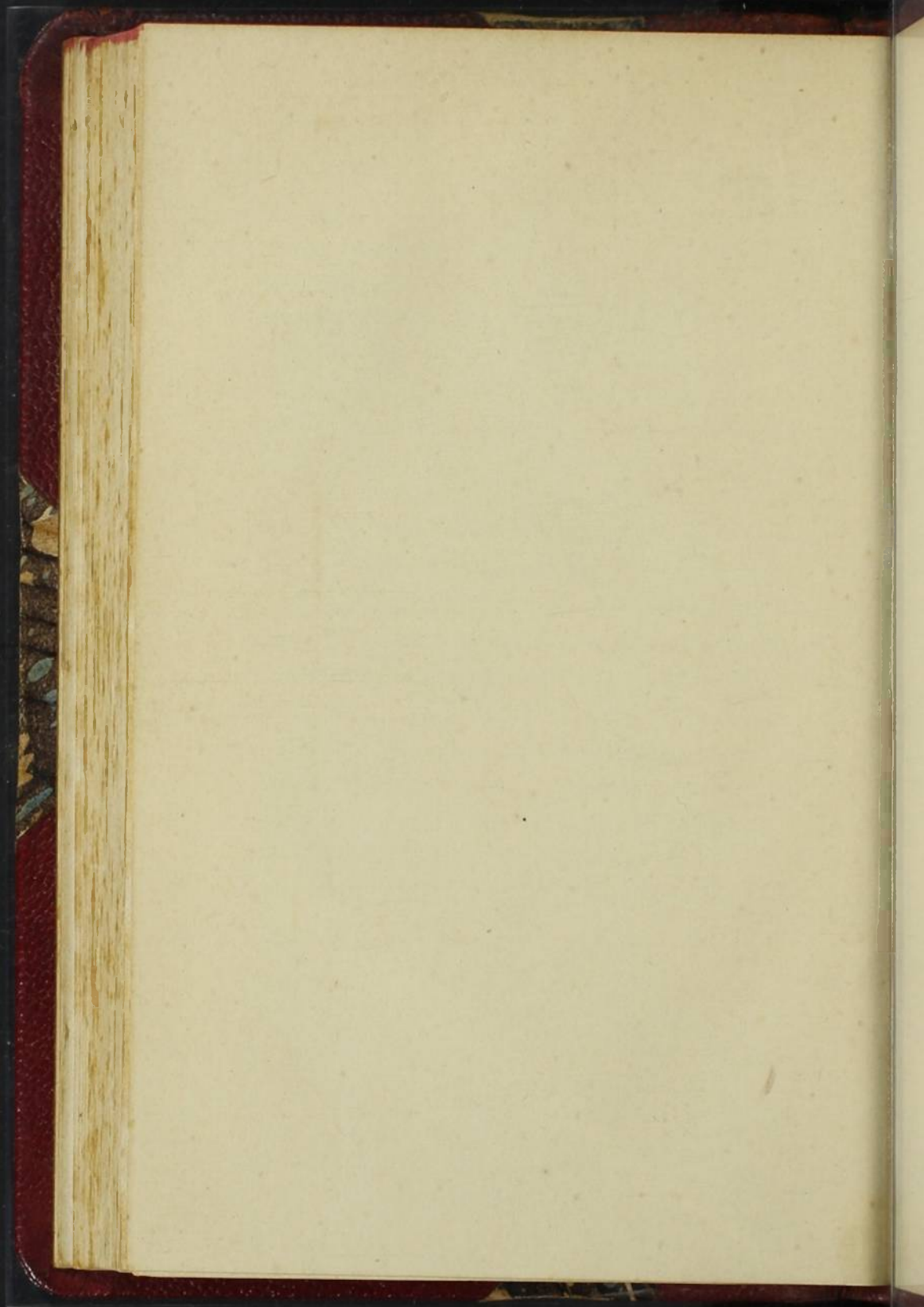
« O sr. doutor Balthazar Cherbonneau, notavel pela sua longa residencia nas Indias, pelos seus conhecimentos philologicos e curativos miraculosos, foi encontrado morto, hontem, no seu gabinete de trabalho. O exame minucioso do corpo affasta completamente a idéa do crime. O sr. Cherbonneau succumbiu por certo a excessivas fadigas intellectuaes ou foi victima de alguma experiencia audaciosa. Dizem que um testamento olographo, achado na secretária do doutor, lega á bibliotheca Mazarina manuscriptos extraordinariamente preciosos e institue herdeiro um moço que pertence a uma familia distincta, o sr. O de S. »

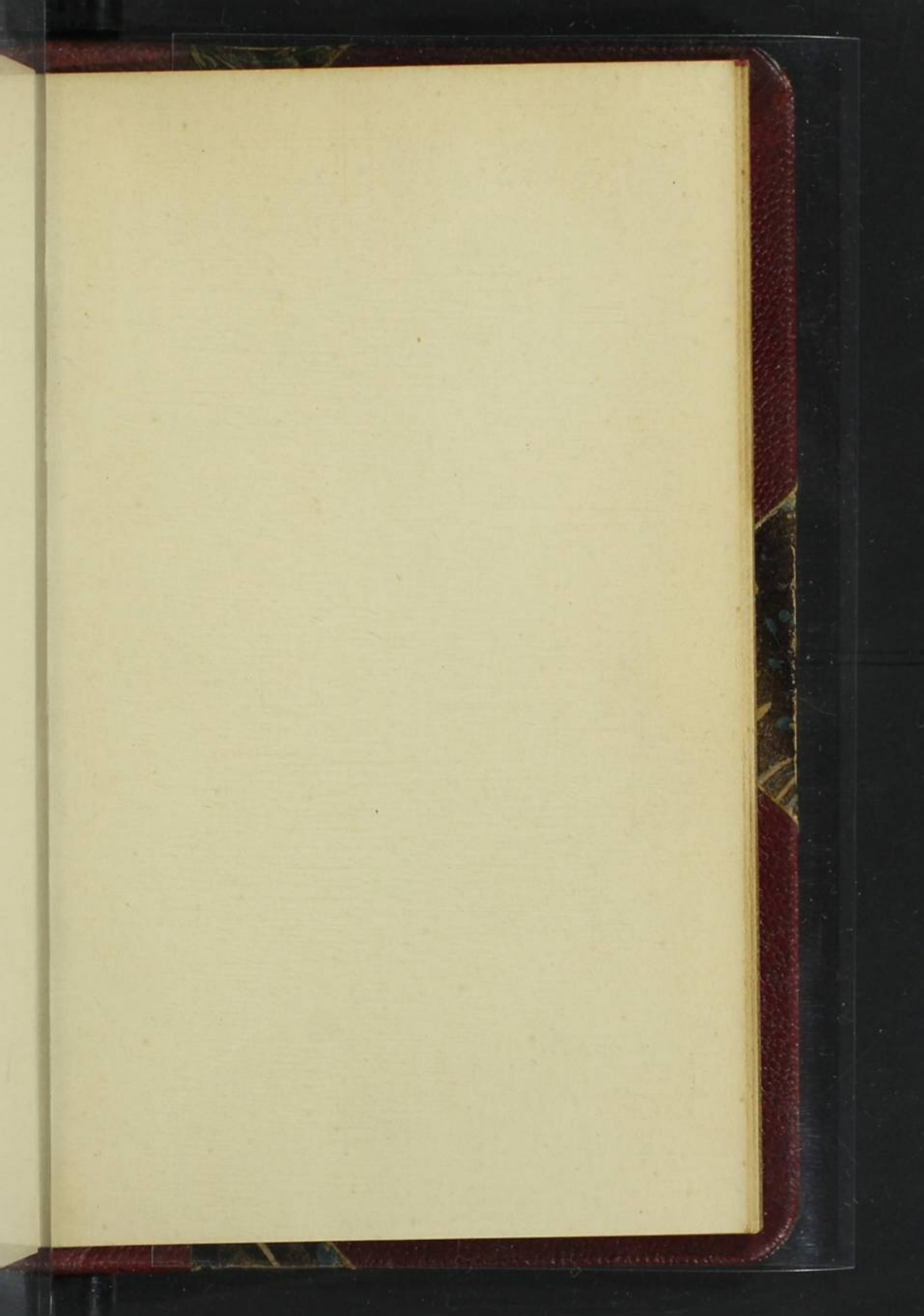
FIM.

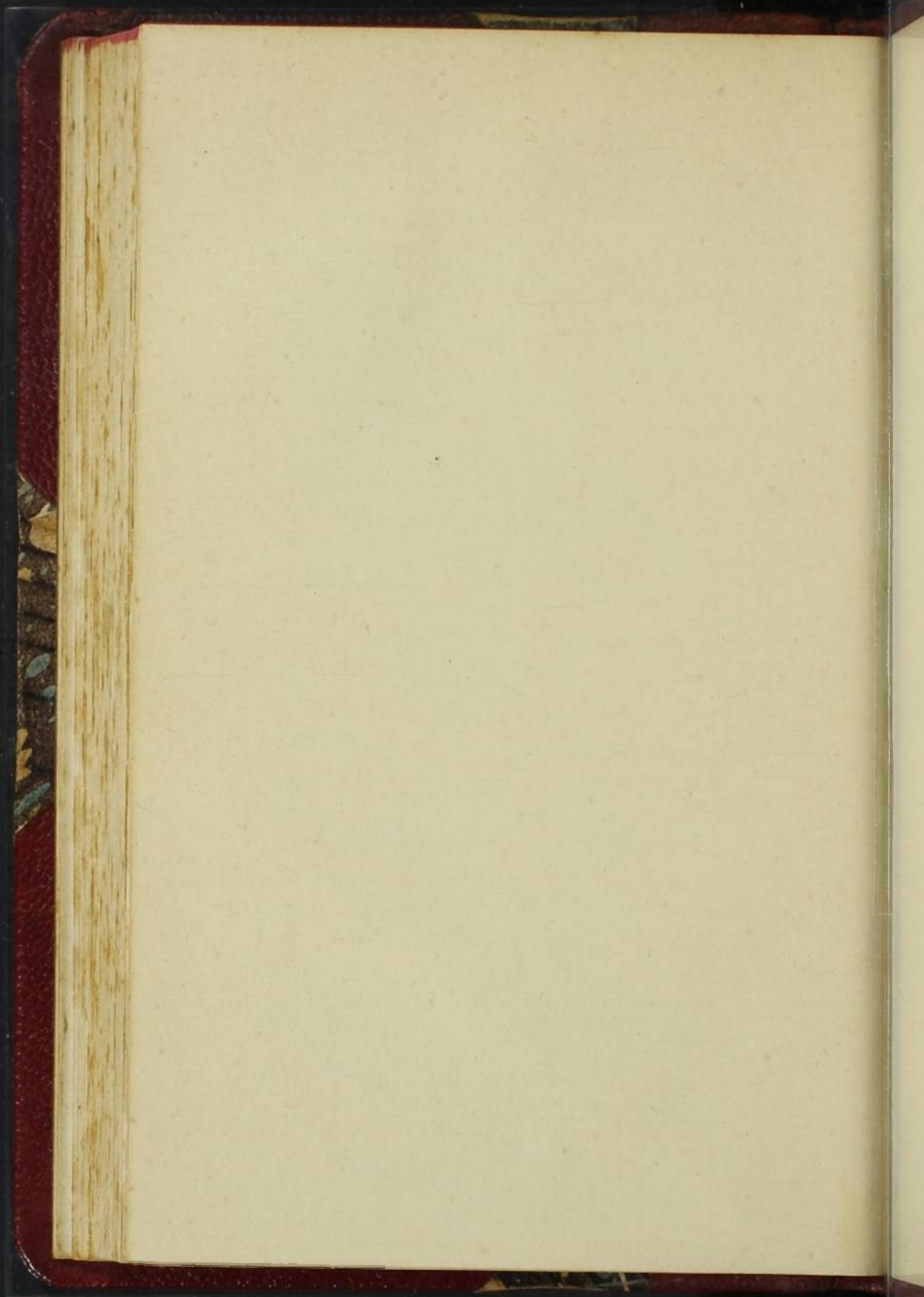
maria
terio
milit
o a
a irre
lepoi
alris
divor
urde
utave
us co
os, fo
le tra
mple
mum
ou fo
m qu
ra d
ripte
uro un
sr. C

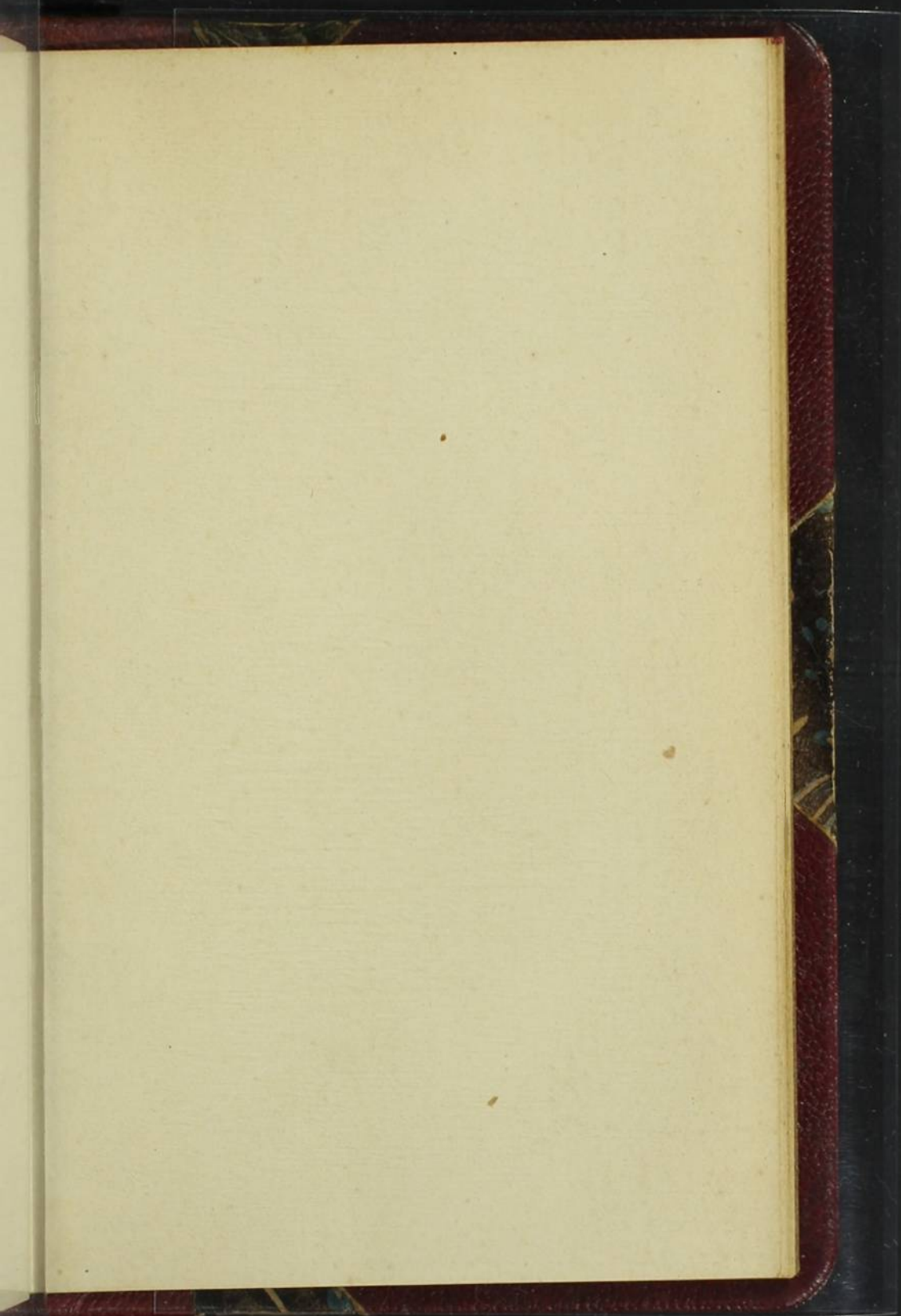


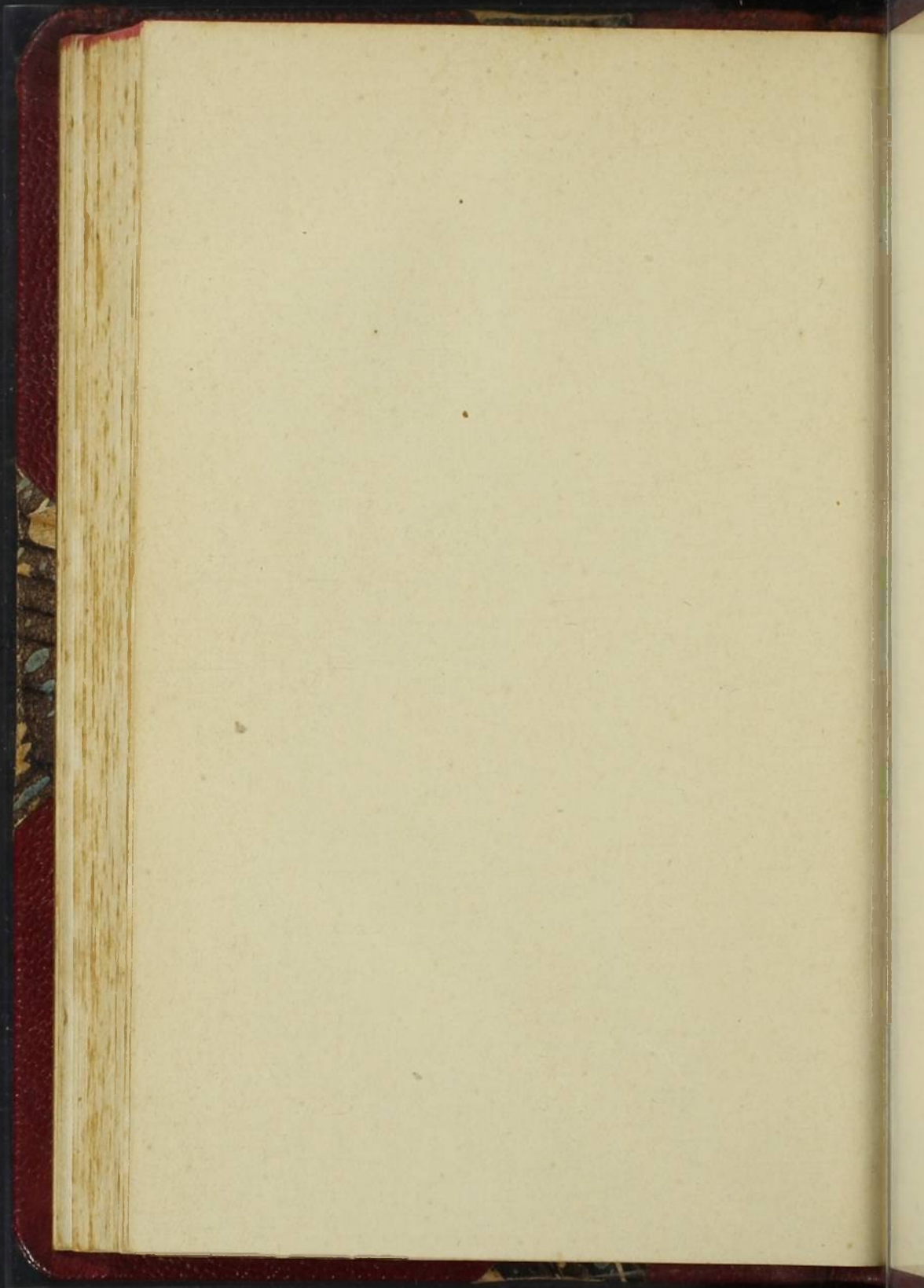


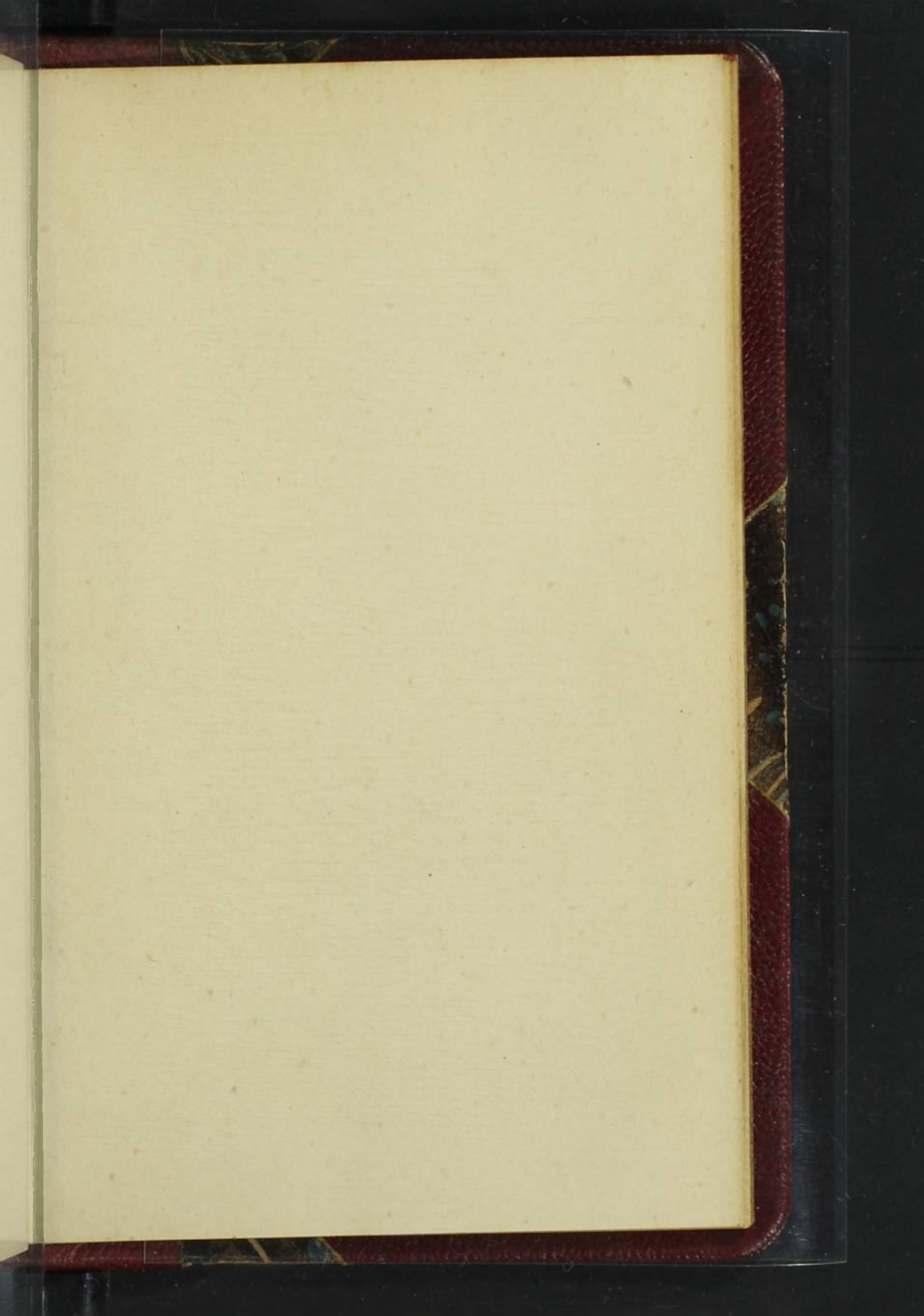


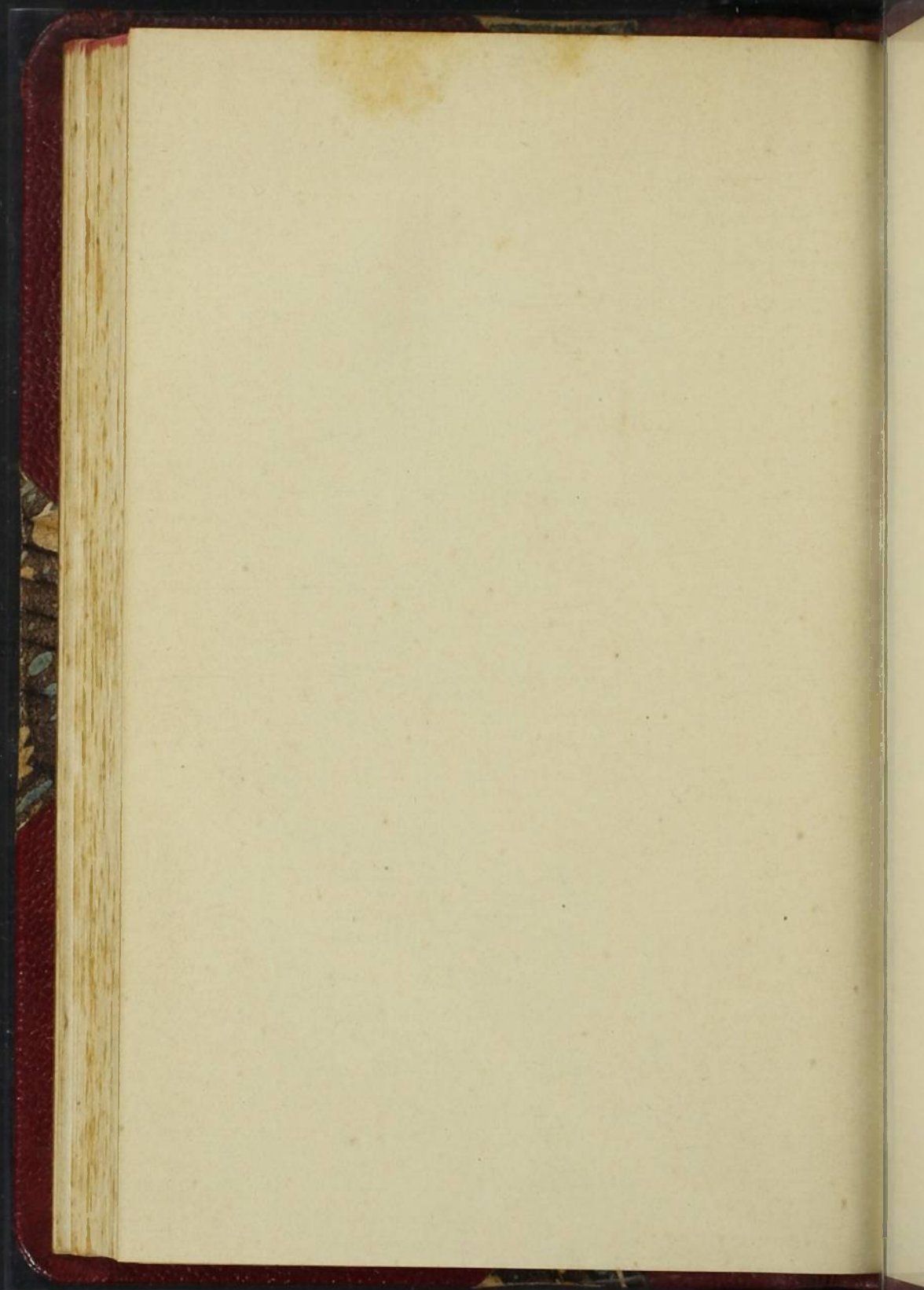


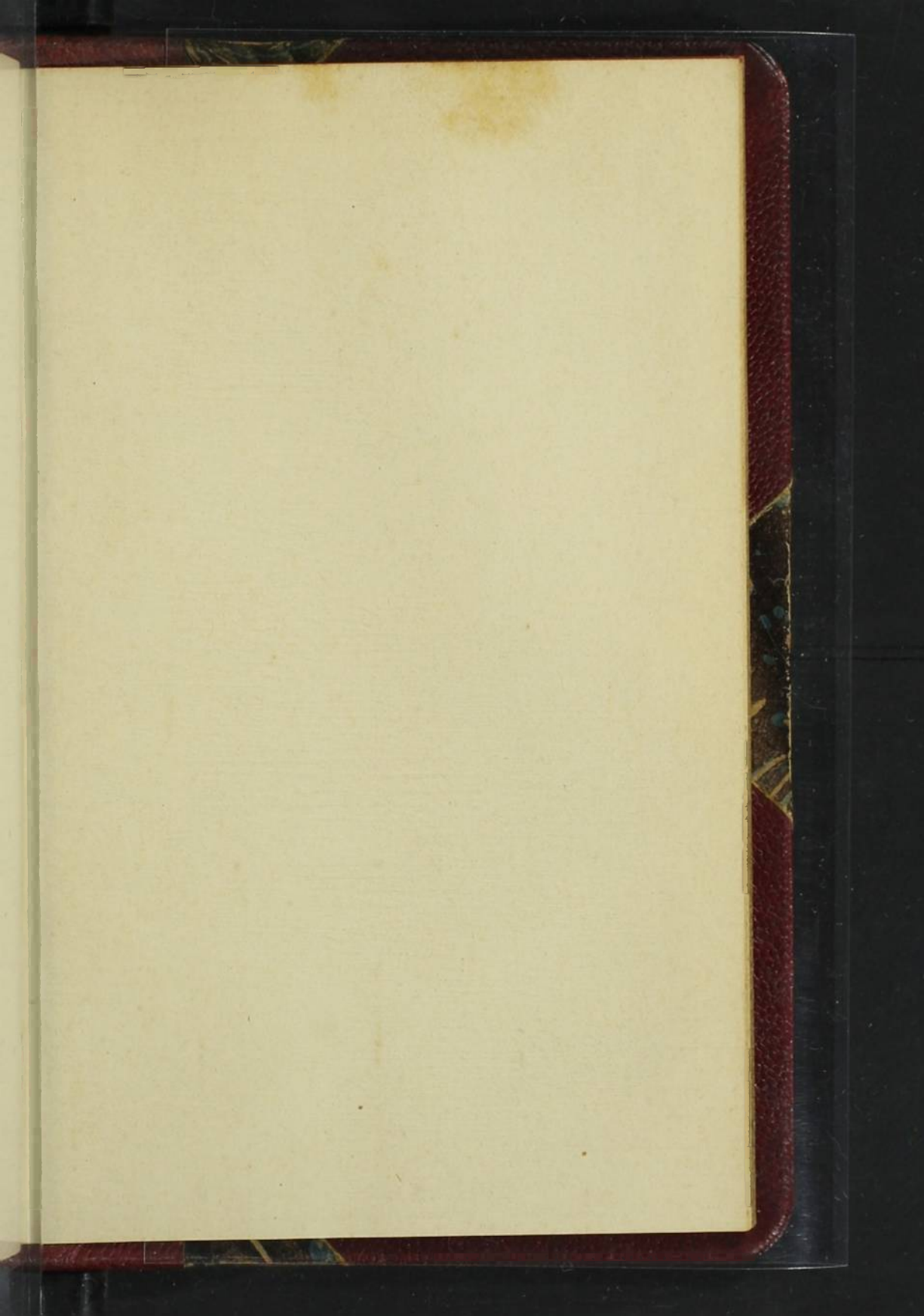


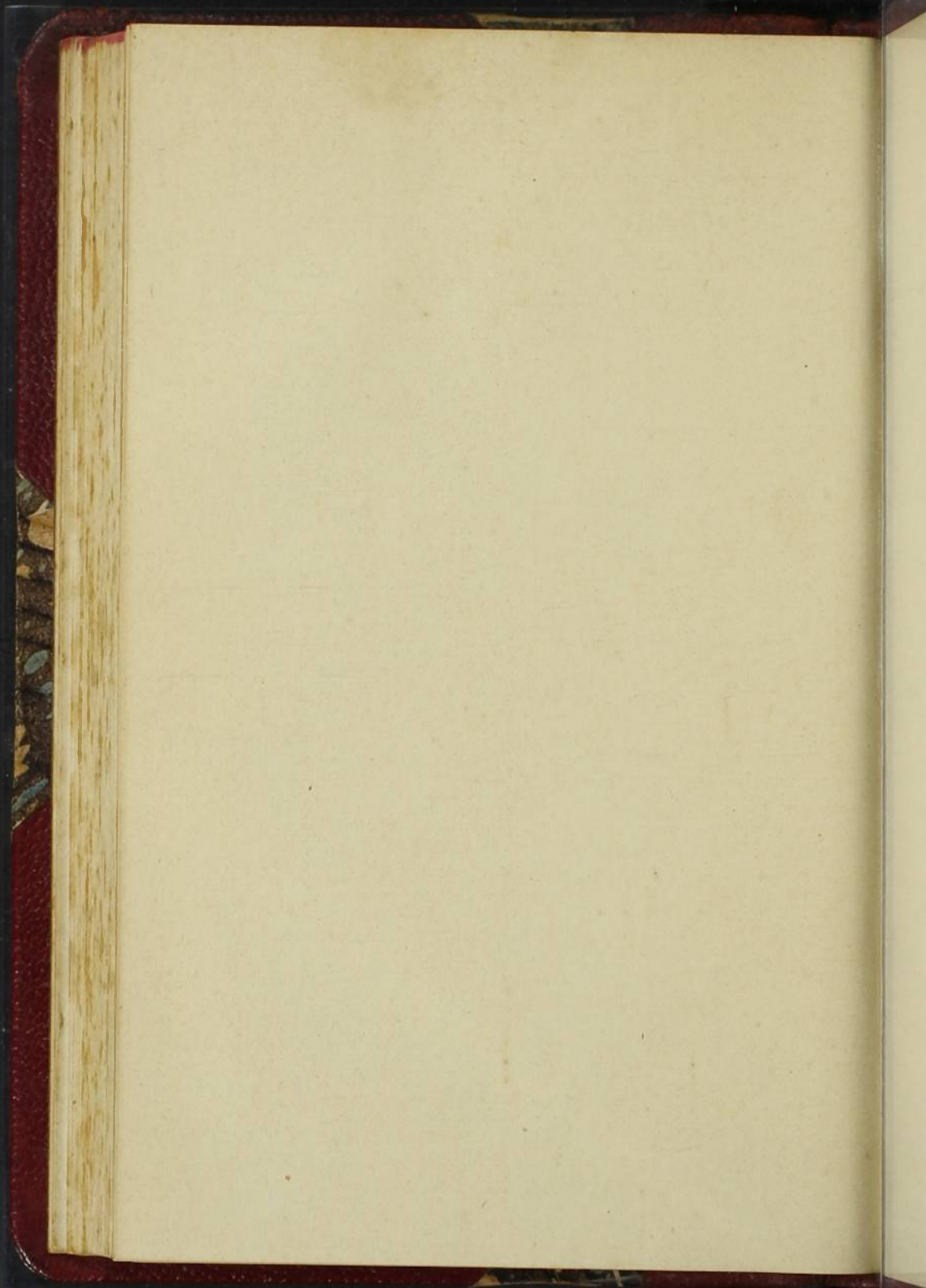


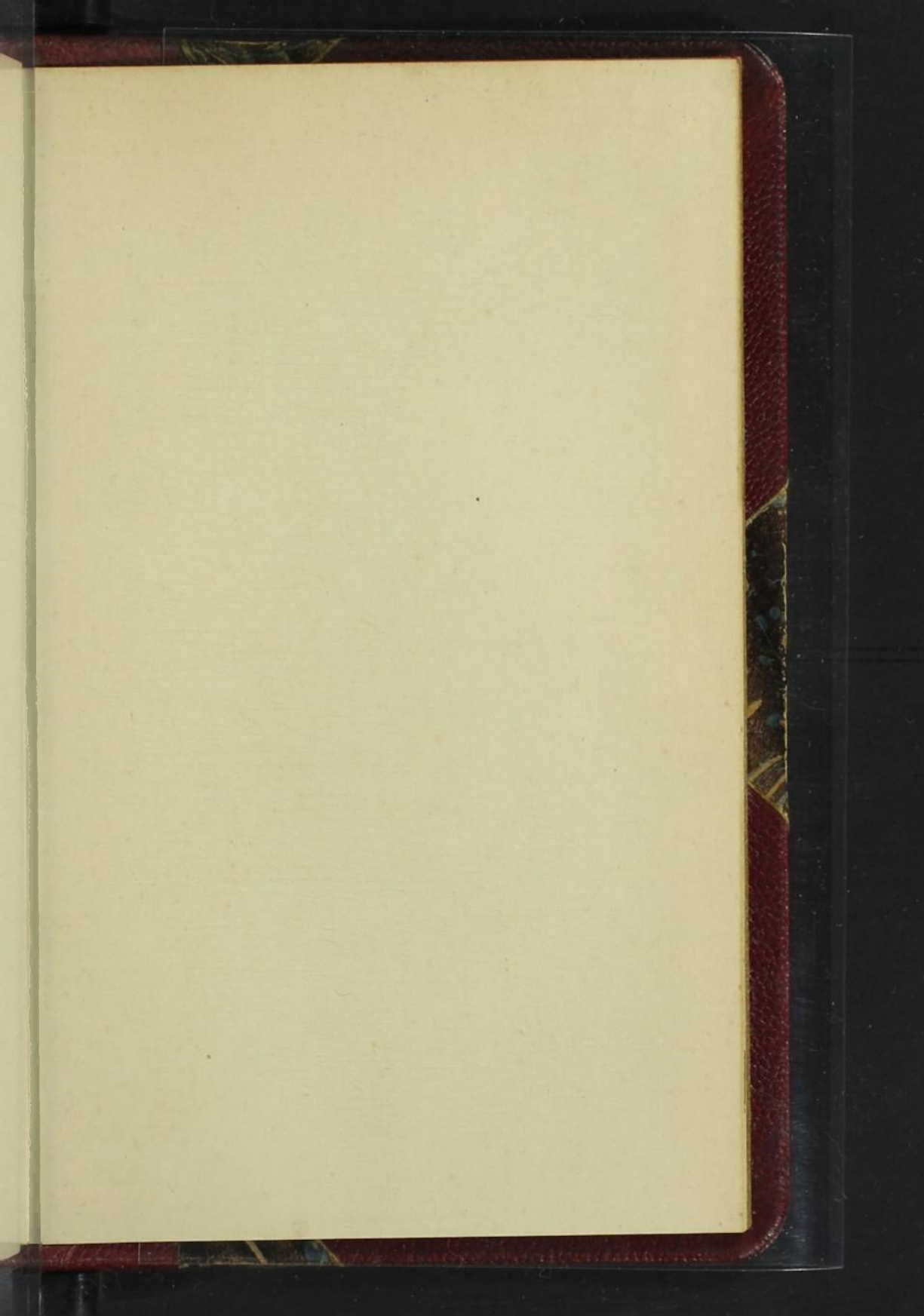


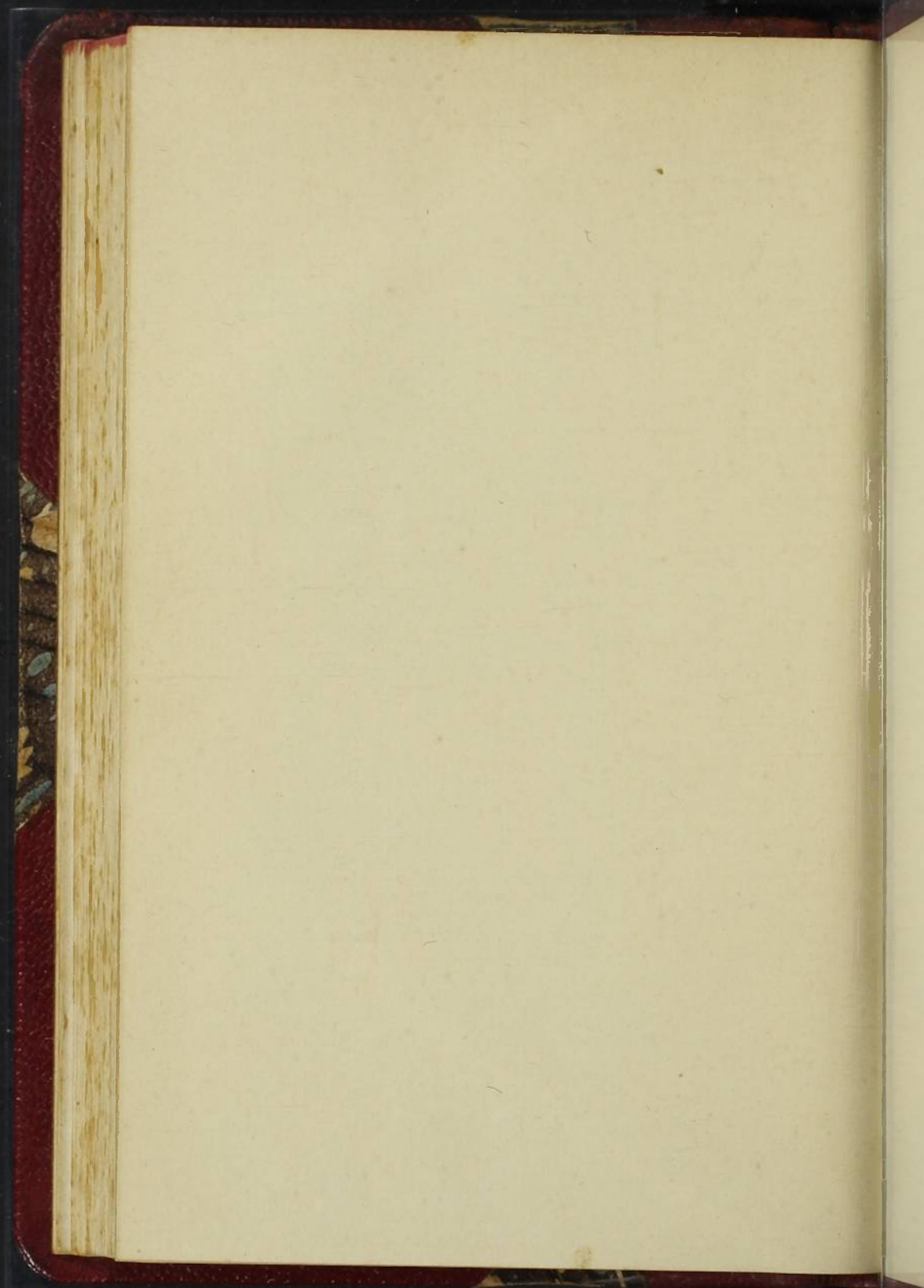


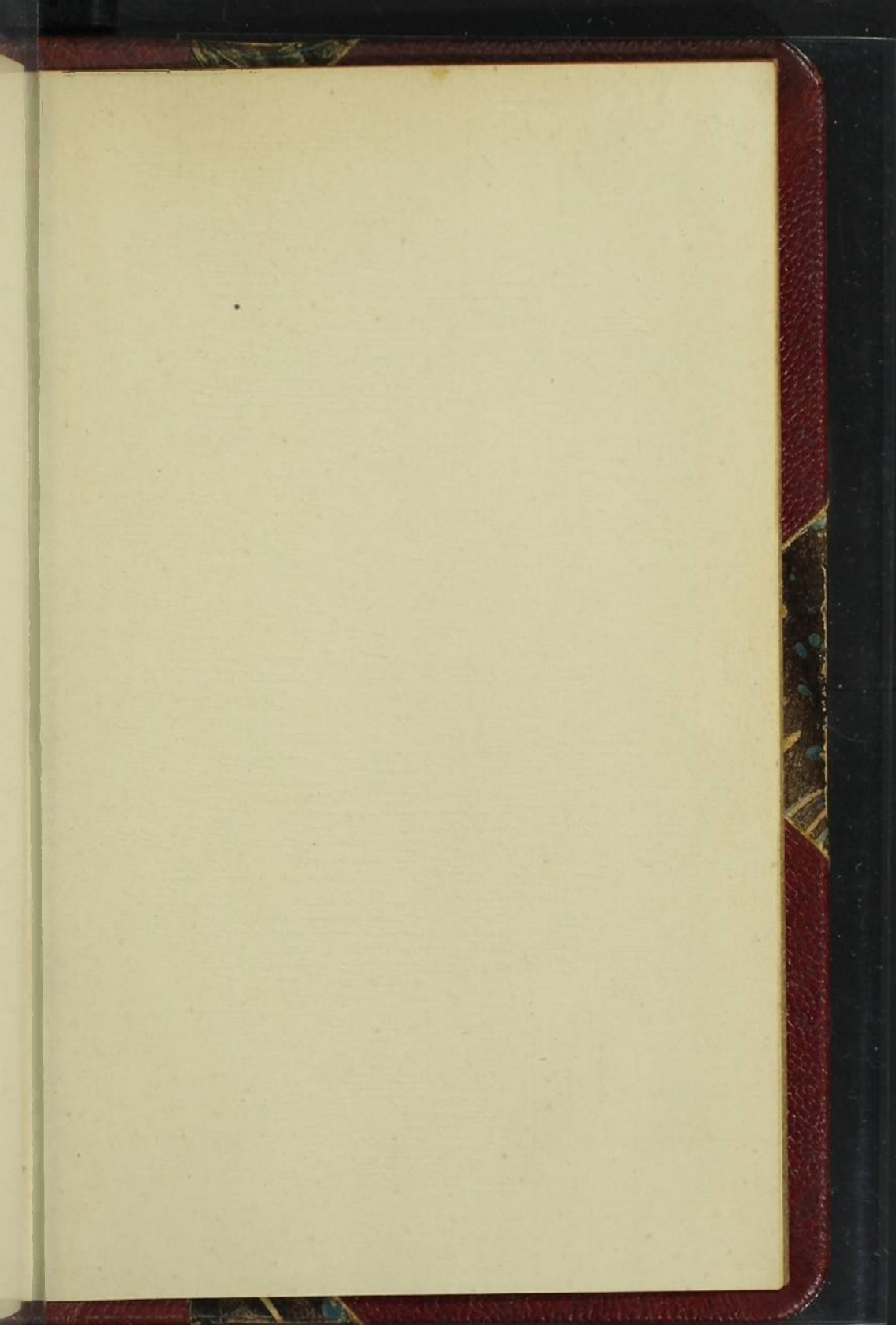


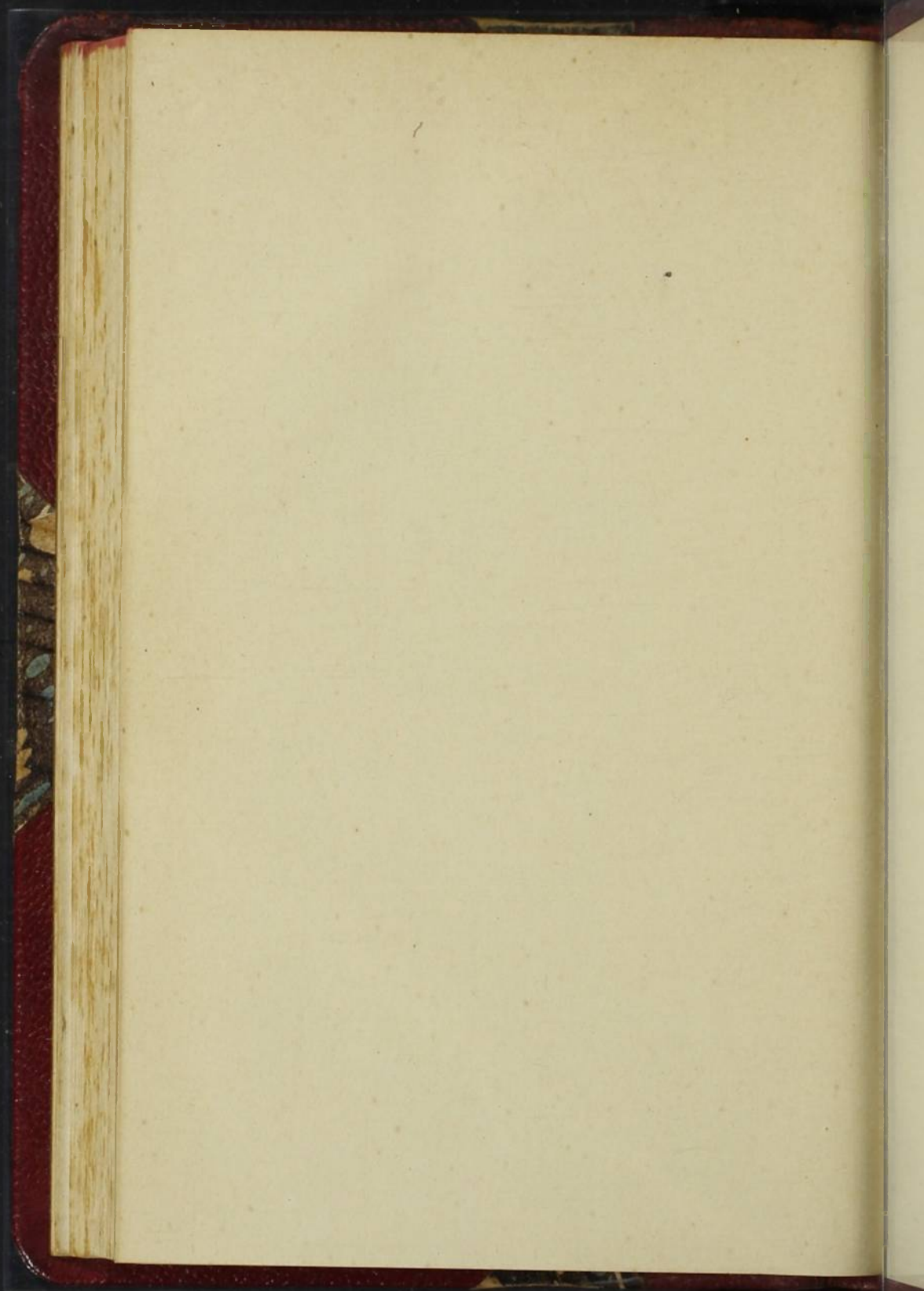


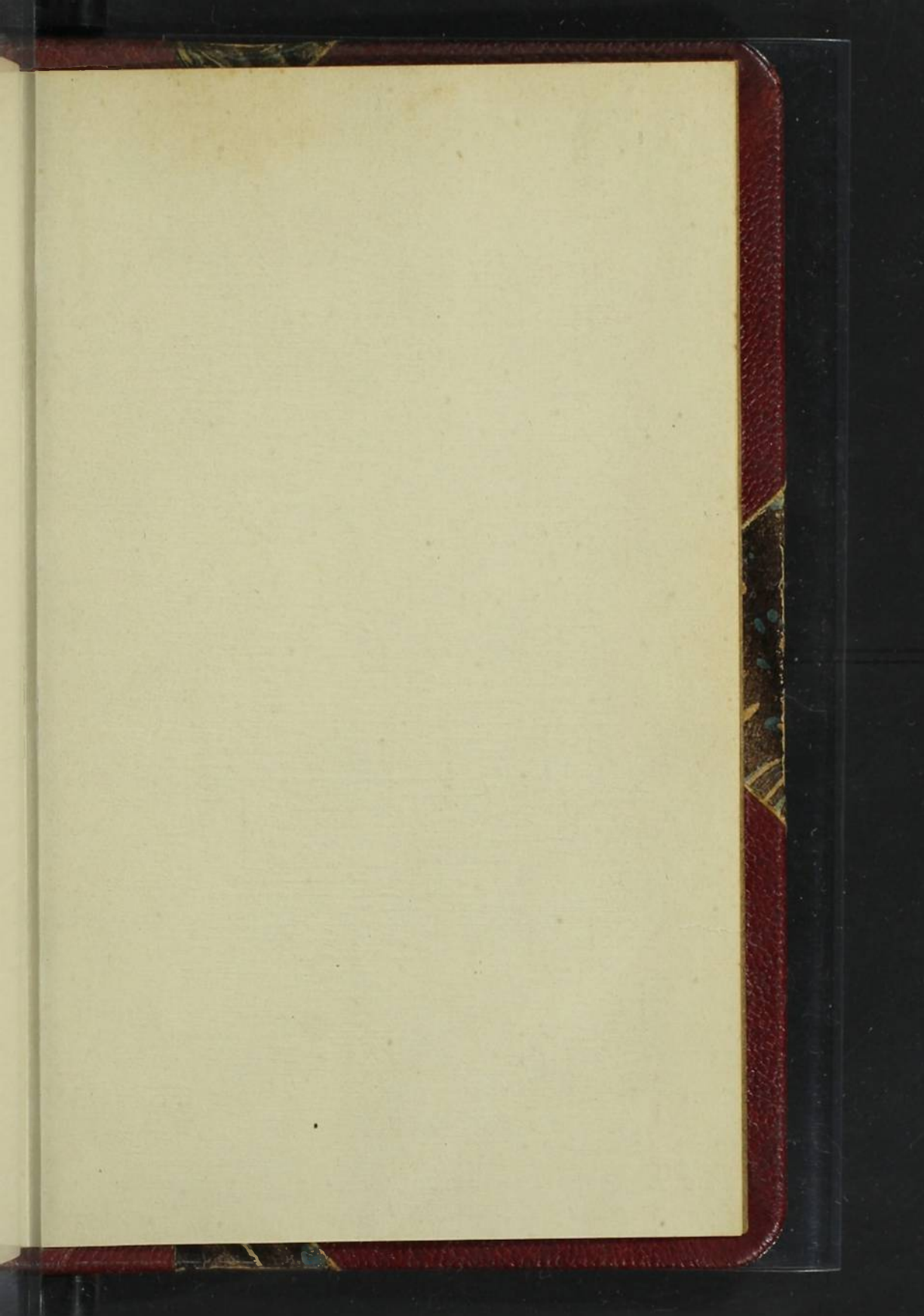












42571

